

*P. B. C. V. 21*

---

A BEATA DE EVORA

---

BIBLIOTHECA PUBLICA  
DE  
EVORA  
REG. A FL. 73 DO LIV. 2.

«... o que a todos pertence, sogeito fica ao  
juiso & cêsura de todos.»

FR. MANOEL DO SEPULCHRO.

*Rosa Franciscana Prol.*

D. BRUNO DA SILVA

B  
6.897

# A BEATA DE EVORA

ROMANCE HISTORICO

1764-1828

«A verdade & certeza do que se  
refere he fundamento do gosto...»

FREI LUIS D'APRESENTAÇÃO.

*Vid. e m. do P. Estevam...*

*N.º 6083*



LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132, 134—RUA AUREA—136, 138

1890



## Individuos d'este seculo referidos no livro

---

Alexandre Herculano.  
Antonio d'Oliveira Silva Gaio.  
Bocage.  
Brigadeiro Refoios.  
Camillo Castello Branco.  
Domingos Garcia Perez.  
Fernando Caldeira.  
Francisco Antonio Gomes.  
General Povoas.  
Hermann.  
D. Jacintho Carlos da Silveira, Bispo do Maranhão.  
Dr. Jacintho Antonio de Sousa.  
Jeronymo Pereira de Vasconcellos.  
João Sewalbach.  
José Doria.  
José Lopes de Mira.  
José Paulo de Carvalho, corregedor d'Evora.  
D. Fr. Manoel do Cenaculo.  
Marquez de Castello Melhor.  
Marquez de Sousa Holstein.  
Medico Santos Cruz.  
Menino virtuoso, de Vendas Novas.  
D. Miguel.  
Nicelão Tolentino.  
D. Pedro IV.  
Visconde da Borralha.  
» de Castilho.  
» da Esperança.  
» de S. João da Pesqueira.  
» de Santa Monica.  
» de Taveiro.



Ao *Excellentissimo* Senhor

*Francisco Simões Margiochi*

(3.º na serie d'estes nomes illustres)

---

*Permitta-me V. Ex.<sup>a</sup> que eu ponha á sombra de seu nome laureado um de meus escriptos.*

*Lamento levar tão pouco e tão mau; mas que! se nas cellas da Cartuxa de Evora, onde se elaborou este livro, só brotam silvas e cardos? Flores mimosas, não. Se as cultivaram os Cartuxos tudo isso passou: hoje silvedos e gatos bravos.*

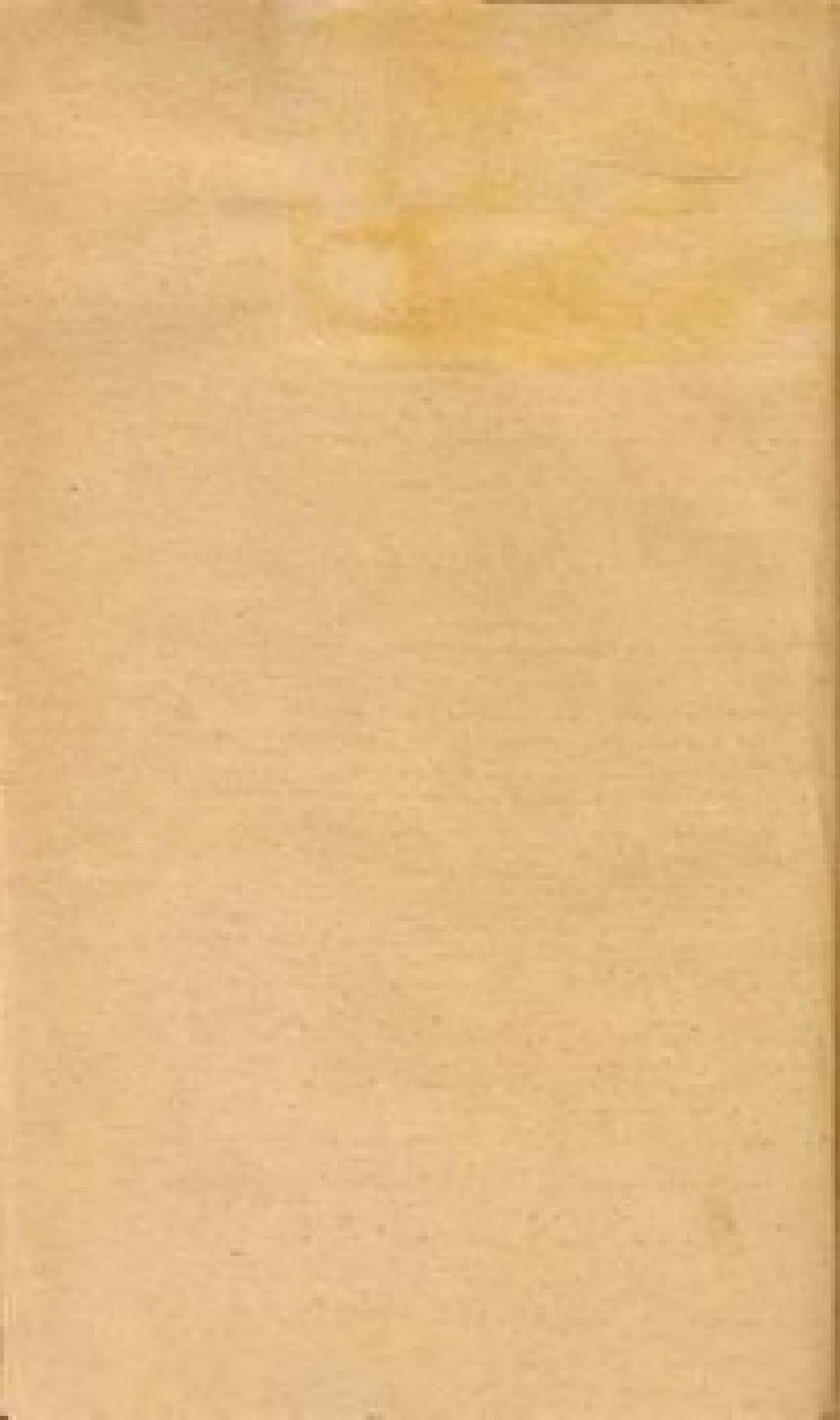
*Que meio tão bravo!*

*E' pois, da natureza do «rubus» este livro; mas silvas são precisas para sebes e naturaes abrigos, pelo que em si teem de espinhoso e de repellente.*

*Seja, pois, este silveirão o que abrigue a amisade do*

*De V. Ex.<sup>a</sup> gratissimo*

*A. F. B.*





## A quem houver de ler este livro

---

Devo prevenir a quem ler este romance de que toma um livro se não perigoso, ao menos eivado de *pequenos desmandos* fradescos, que poderão entibiar suas crenças, se puras e sinceras.

Não se escreveu com proposito malevolo, damnada vontade, intuito dobrado isso que se vae ler.

O que poder desagradar ao leitor conspicuo lançado seja á conta da stulta credulidade e malvadez de alguns, e considerado como exemplo desenterado da historia para ensinamento e lição dos presentes seculares e religiosos.

Devem os noveis, os de hoje conhecer os defeitos dos passados, e os perigos a que podem ser arrastados, por evital-os, e poderem ser guias seguros da moralidade no encaminhar de consciencias, no bem aconselhar, no exemplificar christão.

Quem professar doutrina contraria com ella se fique e se avenha, e dê de mão ao livro, que por isso não lhe quero mal nem o desestimo.

Todos seguimos na vida caminhos diversos, que muitos são os que nos levam ao mesmo fim material. Eu vou indo por este; e, o peor é, que já vejo de perto o fim da via dolorosa, sem que ao menos me sirva de allivio o *solatium* conhecido.

Quando nossos avós tinham consciencia e livre arbitrio tutelados da Inquisição terminavam suas protestaões de fé sujeitando tudo quanto escreviam ao que mandasse a Santa Madre Egreja Romana.

Eu, que a respeito como filho, e christão velho, que sou, desvio-me, sem rebeldia, do costume imposto; e, pois que já vim mais tarde, sujeito o que escrever ao que mandar a egreja das vidas impolutas, das consciencias immaculadas e da legitima liberdade humana *por escusar qualquer leve escandalo*, como fazia o meu dilecto amigo, D. Francisco Manoel de Mello. E *vale*.

Cartuxa de Evora.

D. BRUNO DA SILVA.



## Conversões do Machoca

**R**EINAVA em Portugal D. Maria I, a que por um natural pendor de genio e de indole grangeára ficar na historia do reino com a antonomasia de *Piedosa*, quiçá por haver alentado aspirações clericas e mandado erguer á Estrella uma grandiosa semsaboria, que podera ser uma das obras primas da capital se 'noutro estylo architectonico. E não foi porque escasseiassem modelos no paiz: a Batalha sumptuosa, Thomar e Belem rendilhados no estylo chamado *manoelino*, que melhor appellidaremos *nacional*, ahi estão e estarão a provocar imitações. Emfim, como tumulo que para si escolhera não deixa de ter grandiosidade.

Desde 1777, anno em que expirára o pae, e ella já não era creança, dominava nos espiritos a influencia do clero, influencia que relegára Pom- bal e, por muitos modos se manifestava poderosa, senhora da situação.

Era uma *revanche*, como a que vae tendo em França gestação demorada.

Ao governo forte, despotico de Sebastião José de Carvalho, succedera um reinado de Astrea, que nos deu a *Academia Real de Marinha*, a *Eschola de Pintura, Desenho e Architectura civil* e a *Real das Sciencias*, que alguma vida teve nos primeiros annos, para definhar para ahi actualmente, sem continuar o *Portugaliae Monumenta* e nem ao menos o *Diccionario da Lingua*, que por um casual sarcasmo terminou no verbo *Azurrar!* Que Deos nos valha!

Mas, observará o leitor, que espera um romance levesinho, entrechoso, salpicado de escandalos fradescos, que lhe importa a elle um trecho de historia massudo e pesado? Romance, romance. Esses estudos improficuos são para caturras, que fazem barreias ao passado nos poeiraes dos archivos, nas letras de velhas pedras, nos caracteres estranhos de velhos numismas, nas investigações ethnographicas do homem prehistorico, origem de linguas, progressos da chimica, assombros de mechanica, *et caetera*.

Rasões tem o leitor romantico; mas, para bem comprehender a epocha em que se travou o assumpto d'este livro, o meio em que se crearam estas scenas, que vae conhecer, carece de tomar conhecimento do estado do espirito publico, da alma nacional nos fins do seculo passado.

De *Jacobeos* e de *Sigillistas* continuaram a ser alcunhados os que não approvavam as reformas de

Pombal, agora, no reinado de Maria não perseguidos, antes favorecidos da soberana, espirito sem ensanchas, acanhado. Festas e procissões, Terços ao ar livre de dia e de noite, licença nos monasticos de ambos os sexos, esquecimento da pureza, desprezo das Regras que tinham, devassas nos arcanos das familias operadas nas confissões, ergastulos inquisitoriaes abertos, e perseguições do Santo Officio (santo officio!) já sem labaredas, é verdade, tal era o reino nos fins do seculo passado, tal era a preponderante orientação dos espiritos em Evora, quasi andado setembro de 1792.

Seculo de crenças, ao menos mais aparentemente vivas do que as d'este em que vivemos, o seculo XVIII ainda fundou conventos em Evora, sendo o de S. José o ultimo.

Na tarde do primeiro domingo de setembro d'aquelle anno percorria a cidade a procissão dos devotos do Rosario de Nossa Senhora, saída da igreja dos jesuitas, de posse dos frades da Terceira Ordem, por concessão de D. José, depois da extincção da Companhia de Jesus, em 1759. Visitava a procissão as igrejas da cidade, especialmente as dos conventos, adrede abertas para tal fim, trazendo após longa cauda de mulheres, homens e rapazes, seres devotos sinceros, descrentes alguns, curiosos os demais.

Na igreja do *Convento Novo*, assim chamado até á extincção recente por morte da ultima freira, esperava aos devotos um notavel orador sagrado do tempo, Frei José Machoca, com uma pratica sa-

lutar, reformadora de bons costumes, emancipadora de muitas almas tomadas do espirito immundo.

Subido ao pulpito o famoso orador, com boa eloquencia combateo elle frente a frente o demonio da heregia, despedindo golpes orthodoxos, vibrando raios puritanos contra a devassidão da epocha. 'naquelle singular estylo, corrupção litteraria tambem, a que chegaram as letras com os bons costumes.

Impressionára o auditorio o frade, a bom impressionar! Algumas mulheres mundanas, das que na procissão se tinham encorporado, sahiram d'ali Magdalenas arrependidas.

De pouco mais de vinte annos seria uma formosa moça, filha de um pobre homem que exercia o inglorio mister de cristaleiro no hospital do Espirito Santo. Anna de Jesus se chamava a moça, que aos olhos da praguenta visinhança passava por menos casta do que fôra para desejar de santarrounas maldizentes.

Terminára o sermão: desfizera-se ali aquella *prece passeiada*, na phrase notavel de um talento de nossos dias.

Ouvira Anna com a maxima attenção a Frei José, e tão fundas lhe calaram no animo as doutrinas d'elle que, arrependida de alguma menos pureza da vida, que vivera, sahira da Egreja com o demonio da carne e da tentação verdadeiramente *machucados* pelo Machoca.

Fôra uma gloria para o frade aquella conversão de uma mulher moça ainda, em quem mais predo-

minavam appetites da materia do que persuasões da rasão, e para Deos um bom serviço o que lhe fizera Frei José, trazendo aos ambros de nossa fé aquella ovelha transviada e perdida nos centeaes do vicio.

Anna sahira triste: lenço branco gomado sobre o rosto, capa honestamente conchegada ao corpo, olhar nas pedras da rua, sosinha.

Tem esta mulher de apparecer no primeiro plano d'esta historia, sempre que os acontecimentos o determinem, e convem, por isso, que bem a conheça o leitor.

De altura meã, corpo esbelto e gracioso, rosto sobre o comprido, olhos e cabellos pretos de ebanho, bocca breve, dentes de neve, labios de carmim, sympathica se não formosa. Os pés d'esta rapariga seriam capazes de mil tentações: pequeninos em sapatos decotados, com meias alvissimas, era um gosto vel-os a premostrarem aquellas columnas de que falla Camões, por onde os desejos como hera se enroscavam, e no dizer do medico Santos Cruz

Bellas columnas de Venus,  
Branças, lisas, grossas, nuas.

Pincel mais adestrado faria melhor descripção de Anna de Jesus, predestinada do céu para um grande assombro em Evora. O meu apenas traçou os lineamentos.

E sem mais preambulo, historiemos um caso se-

não singular, rarissimo, que trouxe os espiritos as-  
sombrados no paiz, a sciencia podaliria algum  
tempo scismante, e os poetas, como Bocage, em  
maré de piques e de satyras engraçadas.





## II

Ad majorem Dei gloriam

**C**OMO no vasto azul da abobada celeste se formam nuvens tenebrosas de simples cirrus, e, acastelladas, se chocam a impulso de contrarios ventos, despedindo do contacto formidavel o raio destruidor, no céu de minha imaginação começam a conglobar-se os elementos d'esta novella verdadeira, até que, travando-se naturalmente por impulso proprio, despeçam de si raios hereticos e o entrecho e fim d'ella.

Foi Evora um viveiro enorme de frades e de freiras, homens e mulheres . . .

Por onze horas da noite de 26 de Janeiro de 1764 'numa casa de muitas que tinha o convento de Santa Monica, ha pouco extincto, annexas aos dormitorios communs, onde fugidas do mundo passavam a vida algumas mulheres abastadas, não professas, sentira a Guarda do silencio um ruido estranho, uns debeis gritos como vagidos de crean-

ça. Attentára, pondo-se á escuta. Assombro ! Eram vagidos ou vozes diabolicas tentadoras da reclusa D. Antonia Alvim de Mello, que ali vivia desde muito.

O diabo tomava formas estranhas quando apparecia aos mortaes ; não ha velha que o não saiba e o não conheça. As novas d'hoje e velhas de amanhã já não sabem estas cousas ; porque o trasgo envelheceo tambem e já por cá não apparece ha muito tempo. Foi pena, que era sugeito engraçado, conforme nol-o pintam.

Empurrára a porta da casinha a Guarda do silencio e achára-a fechada por dentro. Chamou, ninguem lhe respondeu : olhou pelo buraco da fechadura e pareceu-lhe avistar vultos que passavam e repassavam. Tudo engano. Eram sombras de uma luz vasquejante. Mas os vagidos augmentavam de intensidade e de numero, não havia que duvidar. Transida de susto, cabellos eriçados, corra a Guarda a dar parte do caso á Abbadessa da communitade, matrona de annos largos e de virtude, como era reputada.

Não exclue a virtude de uma freira o conhecimento do mundo, dos seus casos extraordinarios, mysterios explicaveis, acontecimentos naturaes. Pensou, ao ouvir a nova singular, permaneceu silenciosa alguns segundos, até que a Guarda lhe provocou uma resposta.

— Vossa Reverendissima nada me responde ?

— Ah ! sim, respondo ; é possivel.

— E' possivel ; porém, o quê ?

— O vagir lá uma creança.

— Credo! Santo nome de Deos! Anjo bento!

— Vamos lá ambas, dissera a Abbadessa, saindo com a vigia do silencio, sentinella do repouso, fiscal das acções nocturnas d'aquellas mulheres de tão diversas edades.

Chegadas á porta da casa em que vivia D. Antonia Alvim, a respeitavel Abbadessa verificára não ser disfarce do demonio para algum fim peccaminoso aquelle vagir de recém-nascido, que claramente ouvia. Voltou-se para a Guarda e sómente lhe disse:

— Não é só possivel, é certo. E tentou arrombar a porta, a que encostára o hombro sem vigor. Balouçou, mas não se abriu aquella porta. Ambas o tentaram; de balde. A Abbadessa meditava o meio de entrar 'naquella casa, quando a lingoeta rangeo na fechadura e a porta cedeo, ouvindo-se acto continuo o baque de cousa pesada, que caira no chão. A porta não abrira senão o preciso para a Abbadessa metter a cabeça e ver que obstaculo se oppunha á sua entrada e á da sua companheira. Era o corpo de D. Antonia estendido no chão, como sem vida. A luz vasquejava os ultimos alentos, mas deixára ver á Abbadessa que ninguem mais estava alli, a não ser o que não via e chorava, ser humano, escondido lá para a alcova, onde dormia D. Antonia.

Com difficuldade as duas mulheres arrojaram o corpo caído a impulsos da porta e de seus hombros, e poderam entrar uma após outra. A Guarda

do silencio levára o candieiro de metal amarello que trazia e que pozera perto do morticho, que apagára com um sopro, correndo ambas a erguer a senhora caída. Com palavras e esforços conseguiram levar D. Antonia para a alcova.

De facto; lá se estorcía uma creancinha recém-nascida.

— Silencio e segredo absoluto, madre Joanna, dissera a velha Abbadessa para a guarda d'aquellas esposas de Christo.

Madre Joanna permanecia terrificada, estúpida com o que via.

A disposição d'aquelle extincto convento permitia, na verdade, que o segredo de tão estranho acontecimento fôsse guardado; porque, além de estarem recolhidas as freiras, aquella casa era affastada do grande e pequenos dormitorios: fazia parte de um grupo d'ellas que se aggregavam ao convento, para o lado da cêrca, onde viviam senhoras seculares, fugidas ao mundo por diversas rasões.

Soccorrida D. Antonia pela Abbadessa, que se mostrára entendida, e pela madre Joanna, ajudante de occasião, cuidaram aquellas duas mulheres da creaturinha que se estorcía chorando e revolteava sobre parte do leito. Tomára-o a Abbadessa, ao menino, porque o era, prestára-lhe soccorros tambem, e saíra, deixando alli de vigia á mãe e filho a guarda d'aquellas vestaes, soror Joanna das Onze Mil Virgens, recommendando que fechasse a porta por dentro até que voltasse, e a não abrisse senão a ella.

Saiu, a porta fechou-se.

Saida a velha commandante d'aquella milicia do Senhor, desceu uma escadaria, atravessou aquella ilha de varias casas, que ainda lá permanecem, meio arruinadas, e pénétrou no corredor de baixo do grande dormitorio, ladeado de officinas diversas e de dispensas das freiras.

Seria de apavorar a estranhos, que podessem ver, corredor acima aquelle vulto a tal hora, como se fôra uma sombra das muitas que os raros lampeões projectavam ao longo do comprido e ingreme corredor. Chegada á portaria, dirigiu-se ao cubiculo da porteira, e bateu de mansinho.

Mal accordada, estremunhada a porteira regougou um *quem é?* mal distincto, ao que a Abbadessa respondeu *abre*. Não se demorou a mulher, que dormia vestida, para de prompto accudir a quem demandasse fora de horas aquella mansão de amazonas devotas e crentes.

Levando o indicador aos labios a velha soror impoz silencio á porteira e disse-lhe:

— E' preciso saires e procurar-me o confessor da casa.

— Senhora, mas tal não fiz nunca; pois eu hei de sair á rua a tal hora da noite, e sósinha?

Novo signal de silencio, em seguida o indicativo da portaria e o simples monosylabo — já.

— Valha-me Santa Monica bemdita! exclamou a durasia rodeira, tomando uma capa, embrulhando-se 'nella e obedecendo ao repetido aceno indicador da rua.

-- Tenho medo. . .

-- São ermos estes sitios e a morada perto, vae, que eu espero.

-- Que hei de eu de dizer ao senhor confessor, minha senhora?

-- Que preciso fallar-lhe sem a minima demora.

-- Santa Monica bem dita me acompanhe! disse, saiu e cortou para o lado da igreja de S. Mamede, rua abaixo.

Fechou-se a larga porta, e a Abbadessa, calculando a demora na ida e volta da porteira, entrou n'uma dispensa, tomou d'ella algumas cousas que julgou precisas no quarto da Alvim de Mello, e para lá se encaminhou, apressando o passo, quanto lh'o permittia a idade. Chegada, bateu brando á porta, que a madre Joanna logo abriu, entregou-lhe o que levava, alimento para os dois, mãe e filho, e voltou á portaria.

O padre Thimotheo d'Andrade era um dos confessores d'aquelle convento, da Abbadessa e de mais algumas entradas em annos. Tinha idade tambem, seguras garantias d'optimo confessor; morava proximo, na rua de Mestre Resende, e até na propria casa que foi do antiquario. Fôra moço quando novo, e d'elle se contavam algumas façanhas de *homem*. Isso passára tudo com a mocidade e com suas exigencias, a que não ha furtar-se ninguem, siga o caminho que seguir na vida, ou seja a carreira das armas, ou a das lettras, ou a religiosa, qualquer, emfim.

Se alguém houver que diga o contrario, não

seja crido, que falta a Deos e aos homens com a verdade, hypocritamente occultada, tartufamente escondida. Nem sei se devemos crer na excepção, doentia prova de desorganisação physica e moral.

O confessor estava 'neste caso sem ser enfermo; era um velho.

Narremos, que o leitor ha de querer saber o que se passou, e deixemos philosophias, que não é um romance compendio d'ellas.

O padre Timotheo ainda estava a pé, a terminar a resa do dia. Ouvio bater á porta, ergueu-se, e sem querer perguntar da janella quem era que a tal hora o buscava, tomou o candieiro e veio fazer a pergunta abaixo, junto da porta da rua.

— Abra, senhor padre Timotheo; sou eu, a porteira de Santa Monica, disse em voz baixa a amedrontada mulher.

— Oh! oh! exclamára admirado o confessor, abrindo a porta.

Ao abrir-se aquella, bateu em cheio no rosto da porteira a luz do candieiro, por modo, que, immersa no escuro da noite, ficára deslumbrada com aquelle inesperado jacto de luz a mulher, dizendo:

— Tire para lá, que me cegou, e levando as mãos aos olhos, foi entrando. Timotheo desviou o candieiro, perguntando:

— Caso estranho! O que aconteceu?

— Não sei: a senhora Abbadessa manda-o chamar, sem demora nenhuma.

— Mas...

— Não, sei, não sei, atalhou nova pergunta a

porteira, accrescentando: Venha, venha, que a senhora ficou á espera.

— Não é caso ordinario. não, lá o saberei; e tomando um farto gabão de saragoça, que perto estava 'num cabide, saiu com a porteira, fechou a porta e marcharam ambos.

Todos somos curiosos, maiormente perante acontecimentos assim annunciados a traços largos, com modos e ares de mysterio. Pelo caminho foi o confessor fazendo conjecturas e perguntas d'ellas deduzidas á sua companheira, que, depois de ter repetido que nada sabia, se descartou do padre reproduzindo-lhe o signal imperativo de silencio, que lhe fizera a Abbadessa.

— Oh! oh! Então temos obra! Mas o que será? Não é doença, perigo de vida, caso de confissão, incendio no convento, ladrões. . . o que será? . . . E scismando se foram chegando os dois á portaria do convento.

Pelo crivo ou ralo da porta os conheceu a Reverenda Abbadessa que logo lhes patenteou a entrada.

No seu cubiculo entrou a porteira e os dois, affastando-se quanto o permitisse o decoro devido á pureza d'aquella casa e a conveniencia de não passar dos dois o que se fallasse, pozeram-se a conversar a meia voz.

— Que cuchicharão elles? murmurava a porteira, quando o padre Timotheo, erguendo mais a voz, dizia audivelmente:

— Salve-se a honra d'esta casa, e mais fallaram ainda que a porteira não ouviu.

Separaram-se: a Abbadessa deslisou pelo corredor esconso e o confessor encaminhou-se para a porta da pequena habitação da porteira.

— Sente-se mal do estomago a senhora Abbadessa; vá preparar-lhe uma chicara de chá da India, ande, não se demore, fallára o confessor.

— Não saberei fazer bem isso, resmoneou a porteira; mas, lá vou.

Saiu, tomou á direita e lá se foi demandando uma pequena cosinha para o serviço extraordinario da senhora Abbadessa.

Alguns minutos depois chegava ofegante a velha regente d'aquella casa, com um embrulho nos braços, que padre Timotheo tomou nos seus, passou ao esquerdo, e cobrio com a larga aba do gabão.

— Ella foi?

— Foi.

— Então, padre confessor sáia já, não venha ella por ahi.

— Ai! madre Abbadessa, que de peccados fazemos!

— Deos nol-os perdoará, por sua infinita misericordia, que para maior credito de seu nome e religião os fazemos.

Padre Timotheo saiu a portaria, logo fechada, levando um exposto para a roda.

Era um menino, que se o não fôra, não sairia d'ali, d'aquella santa casa, onde se poderia crear mais uma praça do batalhão sagrado, como talvez já tivesse succedido, e mais tarde se repetio, caso

que mais adiante saberá o leitor d'esta veridica novella.

E lá vae para a hecatombe mais uma victima da fraqueza natural, da insensatez, das conveniencias sociaes, da honra de um convento.

Do convento de Lorvão, o afamado por nobreza e por haveres, tambem saíra em volvidos seculos um Claveiro da Ordem de Calatrava, assim, recém-nascido lá dentro, a um cantinho d'aquella vasta casa, obra perfeita, ao que se diz, do carpinteiro da casa.

Quem sabe o que virá a ser este? O futuro o dirá.





### III

#### Na travessa do Pão Bolorento

**F**oi o convento dos Remedios, de Evora, fundado no seculo xvii com larga contribuição de esmolas do Arcebispo d'ella D. Jose de Mello, bastardo da casa dos marqueses de Ferreira, que lá repousa na capella mór do lado do evangelho, em tumulo de marmore singelo na ornamentação. Era de Carmelitas descalços, dos que nos ermos do Bussaco, por aquellas penedias viveram vida contemplativa, esquecidos do mundo e lembrados de Deos.

No urdir d'esta historia preciso é que o leitor ali entre comigo

Corre o anno de 1788. São dez horas da manhã de 26 de maio. Os sinos do convento dobram a finados, aberta está a egreja, para onde entra muito povo, de todas as condições. Retrocedamos, pois, em espirito áquelle anno e entremos tambem.

Uma eça modesta rodeada de brandões accesos

se nos depara, alteando um esquife por cima de um mar de cabeças tonsuradas da Ordem, e do povo em massa.

No côro orchestra numerosa de baxões, sacabuxas e rebecas casa seus sons harmoniosos ás vozes dos altareiros e dos baixos. A communitade entôa os hymnos da liturgia em volta da eça.

E' um officio de corpo presente por frei João de Santa Thereza, que deixára o mundo na vespera e no convento, e na cidade notavel cheiro, não da podridão nauseabunda e *sui generis* do cadaver, mas o suavissimo da santidade, provada durante a vida em milagres incontrastaveis.

Era uma gloria para o convento dos Remedios e para a Ordem do Carmo em Portugal, o ter creado 'naquelle casa tamanho exemplar de virtudes.

No centro da egreja via-se aberta uma sepultura.

Terminada a cerimonia religiosa da encommendação, porventura desnecessaria 'naquelle caso, em que o morto era um santo, procedeu-se ao sepultar do cadaver, entre o psalmodear plangente dos frades e o soluçar do beaterio, saudoso do bom frei João de Santa Thereza, que não mais lhe exhibiria milagres, ao menos em vida.

Debanda pouco a pouco a multidão, caida a campa granitica sobre o cadaver de suavissimo cheiro, recolhe a communitade ao interior do convento, e apenas uma ou outra devota, de crenças mais arraigadas e de mais viva fé, se demoram a rezar, ajoelhadas sobre a campa, sagrada já para

ellas, enquanto outras tomam do chão algumas pitadas de terra para a ponta de seus lenços, em que a atam e beijam.

— Saíamos também, leitor, visto que lá vem egreja abaixo, um leigo do convento para fechar a porta.

— Mas, que vejo eu? me diz o leitor curioso, já no adro, ao lançar um olhar para a portaria do convento. Se me não enganei, saíu lá de dentro aquella mulher rebuçada, que vem vindo para aqui.

— Não saíu, lhe affirmo eu, como chronista exacto d'esta historia. Não passou da portaria, onde durante o officio se conservou em saudavel pratica com alguém lá do convento, alguém que havemos de saber quem fôsse, quando começarmos a tecer esta teia romantica.

Entretanto, como sua curiosidade é grande e justa demos alguns passos para isso. Deixemos vir a noite para voltarmos a este convento e para irmos á travessa do Pão Bolorento, proximo ao Hospital do Espirito Santo, em que, desde seculos, se acham conglobados muitos albergues e pequenos hospitaes que teve Evora.

Tem maio dias e noites calmosas, se não como no estio, ao menos convidativas a não nos recolhemos logo á bocca da noite, como no inverno.

Por dez horas, ainda muitas mulheres se conservam amezendadas ás portas de suas casas na travessa do Pão Bolorento, em conversação familiar, em besbelhotice saborosa.

— Deos me perdoe, vizinha Rosa, se levanto

algun falso testemunho á Annita do Cristaleiro; mas sempre lhe digo que admiro não a ver hoje á porta a conversar connosco, e que me parece marroca este avejão, que não faz senão passar para cá e para lá. Ainda não reparou? Olha a abantesma!

Isto dissera uma velha matrona para uma sua vizinha depois que passára, já por quarta vez, um embuçado na rua.

— Só agora é que o vejo, senhora Fortunata; mas sempre lhe direi que a Anna esteve comigo no sermão, e eu vi-a chorar muito triste.

— Lá por chorar não acredite muito 'nella, não. O meu veterano, que esteve nas Pedras Negras, conta-me que ha por lá uns peixes muito grandes, que tambem choram quando nos querem comer.

— Ora agora essa! Pois olhe que a Anna, assim Deos me ajude! como me parece boa. Alguma cousa de raparigas... nós tambem já fomos novas... a vizinha bem sabe o que eu quero dizer...

— Pois olhe que se engana. Para cá vem barrada com essas. Eu nunca fui rapariga...

— E' porque já nasceu velha, como eu sou agora, e a vizinha o é desde então, dissera a primeira interlocutora, com manifesta intenção mordaz.

Repassava o embuçado, e chegando perto da casa d'Anna de Jesus, pretextando precisão de satisfazer a corporal necessidade, encostou-se á porta d'ella.

Natural era aquella paragem do homem; mas a

maliciosa Fortunata aproveitou-a bem para dizer á vizinha a meia voz:

— Olhe, olhe se eu me engano! Lá lhe está elle á porta.

— A vizinha é mais desconfiada do que eu. O homem fez o que lhe era preciso fazer e vae já rua além.

— Vae, vae; mas, aposto que volta. Pois sempre lhe digo que lhe hei de pregar uma peça de escacha: não são d'aqui senão á meia noite.

— 'Nessa não cáio eu, estou aqui estou na minha caminha.

O vulto assomára de novo na extremidade da rua, vindo da do Espirito Santo. Eram onze horas. Reparando na mulher ainda assentada á porta, suspendeu a marcha, retrahiu-se e cortou na direcção do hospital. Quem lhe podesse ir perto, ouvil-o-ia murmurar:

— Velha maldita! não me logras, não.

E se lhe seguisse os passos vel-o-ia entrar a porta do hospital.

Entretanto examinemos a velha besbelhoteira.

A senhora Rosa, ao ouvir na cathedral as onze horas, despediu-se da Fortunata, deu-lhe as boas noites e foi-se deitar. As demais vizinhas já todas se tinham recolhido, sómente ficára a que prometteo pregar uma peça ao encapotado, em quem ella percebera intenções de entrar em casa d'Anna de Jesus, a filha do Cristaleiro.

Eram quasi onze e meia quando a velha sentio passos na rua do Espirito Santo. Ella, que chegá-

ra quasi a suppor que o vulto não mais voltasse, porque teria desanimado com a sua teimosia de espreitar, disse consigo, satisfeita:

— Estás servido, maráo! cá estou no meu posto de vigia. Hei de hoje certificar-me. Sempre quero ver se o bisnau entra para casa da moça estando eu aqui.

Ao acabar suas considerações entrava um vulto na rua. A velha fitou-o. Parecendo-lhe não ser o mesmo que tanto passára e repassára e vindo direito á porta d'Anna de Jesus, que se lhe abriu, mal 'nella bateu, a mulher convenceo-se de que fosse o Cristaleiro, que recolhia do hospital áquella hora.

— Tenha muito boa noite, visinho, exclamou ella para o vulto,

Como este entrasse e fechasse logo a porta, sem responder, suppoz a velha que o Cristaleiro a não ouvira; e por que o tal estranho não mais appareceo, e ainda que voltasse não entraria em casa de Anna, estando lá o pae, a velha, vencida e derrotada, tomou o expediente de se ir deitar.

E tinha razão, de facto. O sugeito que entrára, se bem que nenhuma resposta volvesse ás boas noites da curiosa, se não era o Cristaleiro era o diabo por elle. Mas seria o diabo? Elle ainda então apparecia algumas vezes aos mortaes.

— Oh! minha bella, como tenho anceiado por estar junto de ti! Ha seis dias que aqui não entro, dizia para Anna o homem que entrára. E abraçava-a carinhoso e apaixonado.

Anna de Jesus deixava-se apertar nos braços do sugeito; mas não correspondia com egual effusão d' affectos ao que a adorava. Era uma estatua. Estranhou elle a moça, a quem disse:

— Já hoje na portaria do convento te estranhei muito, e agora muito mais. Que tens tu, que tão indifferente me recibes?

— Nada tenho.

A seccura de semelhante resposta inquietou aquelle homem. Vio a possibilidade de novas affeições d' Anna a outro homem, e tal idéa excitou-o rapidamente com violencia para com impeto redarguir:

— Mentas ! mentas-me, Anna ! Tu tens affeições novas seja a quem fór.

E 'nisto, como se lhe lembrára alguém determinadamente, irrompeo ameaçador:

— Ai ! de ti ! se fór . . . e ai ! d'elle !

Anna de Jesus assustou-se deveras com taes modos e tom medonhamente ameaçador, e com tristeza lhe respondeo:

— Forte engano ! E esforçava-se por sorrir ao amante.

— Mas, o que tens tu ? Dize-m' o.

— Tenho 'nalma o arrependimento do meu passado viver em peccado comsigo; quero mudar de vida, fazer uma confissão geral e entrar 'num convento.

— Porém, não me dirás a causa de tal resolução ? Tu, a minha alegre Anna, assim mudada !

— Que quer?! converteu-me hoje frei Jose Machoca.

— Se me dizes a verdade, minha querida Anna, louvavel e santo procedimento é esse teu, lhe disse logo o finorio amante, em obediencia a pensamento muito íntimo, que lhe occorrera, continuando:

— Sim, sim minha bella, faremos confissão geral. Tambem a quero fazer.

Quem assim fallava era um homem de vinte e seis annos, professo havia tres na Ordem dos Carmelitas Descalços, no convento dos Remedios. Chamára-se no seculo Timotheo Janeiro, appellido plebeo, e na Ordem Felix do Espirito Santo, em lembrança de ter sido creado na rua assim denominada. Conhecia Anna de Jesus desde os brincos infantis, e depois que começára os estudos e professára, visitava-a amiudadas vezes com o devido recato e decencia de seu estado, e credito da rapariga, de quem uma ou outra má lingua se occupava, ferindo-lhe a reputação, que aos olhos de muitas pessoas era immaculada.

Querendo entrar disfarçado em casa de Anna de Jesus, e achando a difficuldade que lhe creára a malevola Fortunata, tomou como expediente, para lograr a velha, a resolução de ir ter com o cristaleiro ao hospital e de lhe pedir emprestado por pouco tempo o seu fato.

Já vio o leitor como o ardil embaçou a velha, tomando frei Felix pelo cristaleiro.



#### IV

### Um frade que faz ossos

**E**NTREMOS agora no convento dos Remedios, como promettemos ao leitor.

Deo meia noite na cathedral. Não é lá das melhores horas esta da noite para se entrar 'num convento. Repousam frades, povoam corredores e claustros sombras de apavorar a timidos; vasquejantes os lampeões annunciam as trevas completas; piam aves noctivagas... é hora de sustos e medos.

Melhor fôra visitarmos de dia aquella casa religiosa, me observará o leitor.

Sim, fôra melhor, se eu não pretendêra que o leitor assistisse a scena de muita edificação ali desdobrada na cella de frei Felix do Espirito Santo, filho d'Evora, de paes desconhecidos, creado por caridade na rua de que tomára o appellido, por uma mulher de bom coração e de alguns haveres que o adoptára por filho, em lembrança sau-

dosa de um que tivera e lhe morrera pouco depois do pae.

Este homem é novo ao tempo em que o vamos ver por primeira vez.

Com a soberania do nosso pensamento e liberdade de nossa vontade, penetremos-lhe na cella, que fica lá no fundo do corredor.

Além de uma alcova, onde está o leito do frade, ha na cella duas casas: uma, é como se fôra casa de estudo, resa e serviços analogos; a outra, ao lado da alcova é a que vae ser descripta meudamente, que nas duas tudo é vulgar e simples.

Lá está frei Felix, sósinho, com a porta fechada. A um canto do cubiculo, vê-se uma pequena fornalha accesa, e sobre ella um tacho fumegante. Em volta uma especie de prateleira corrida, coberta de utensilios diversos, ferramentas de carpinteiro, ferreiro, estatuario. Limas, grosas, martelos, arames de varias grossuras. Por baixo d'esta prateleira, no chão, porções de barro secco e humido, sacos com gesso, cal em pó e outras materias, e porção grande de tijolos cosidos com uma forma diversa dos das bitolas do tempo. Pelas paredes do cubiculo jazem pendurados ossos humanos, femures, tibias, costellas, claviculas, vertebrae e alguns craneos, em tão grande numero, que mais parece um ossuario do que um gabinete de trabalho manual o tal cubiculo. O frade está pesando em balança curiosa, que tirou de uma caixa de tartaruga, onde conjugada toda se recolhia dobrada, porções de cal, de gesso e de outras materias

polvorentas em pesos deseguaes, que vae lançando no tacho fumegante, mexendo-o com uma grande colher de madeira sempre que 'nelle lança a coussa pesada.

Já por cinco vezes tem o frade lançado no tacho ingredientes e alguma agua de espaço a espaço, tirada de um pote de cobre bem trabalhado, que estava no canto opposto ao da fornalha.

Frei Felix sorria malicioso cada vez que com a colher verificava o mixto singular que manipulava, como se verificasse estar em certo ponto preciso aquella mixordia.

Atiçando um enorme candieiro de azeite de seis lumes, tomára uma caixa pequena do chão, abri-a com chave que no bolço das calças trazia, quando uma pancadinha na porta lhe chamou a attenção.

O modo porque fôra dada tal pancada pareceu-lhe conhecido; entretanto, por certificar-se, aproximou-se da porta fechada por dentro, e perguntou:

— Quem é ?

— O prior do convento.

— Abro já; um instante de demora.

Isto respondido, correu á caixa que deixára aberta e d'ella tirou com uma colherita porçõesinhas de outro pó côr de canario, que apressado pesou e foi lançar no tacho fumegante, fechando em seguida a tal caixa, arrecadando a chave e indo abrir a porta ao Prior da casa.

— *Pax tecum.*

— *Benedicite.*

Dissera um e respondera o outro.

— Então, irmão frei Felix, poderemos servir o convento do Bussaco, com a urgencia que pedem?

— Se podemos! Além da obra que vossa reverendissima vê em sêr, daqui a uma hora teremos nova porção de exemplares diversos.

— Bem bom. Não vos esqueçaes das phalanges.

— Tel-as-hemos.

— E de alguns sacros.

— Sacros haveremos.

— Bom, bom. Olhae tambem que temos encomendas de cubitos e de alguns radios.

— Descance e confie vossa Paternidade que de tudo teremos abastança.

— Isso me consola, por credito deste convento e maior gloria da Ordem do Carmo e de Deos Nosso Senhor. Adeos, pois. E saira o Prior.

Frei Felix fechou a porta e voltou á sua cosinhada.

De que se trata? o que faz frei Felix do Espirito Santo? o que lhe encommenda o Prior?

O leitor já o sabe, sem duvida, ao ouvir fallar em ossos do corpo humano, e ao vel-os dependurados das paredes.

Aquelle frade fazia ossos artificiaes, com summa habilidade!

Mas, para que? me perguntará o leitor. Não os haverá no ossuario da casa em barda? Ha, certamente; mas nauseabundos, gordurosos, empastados em tecidos decompostos, incapazes, por esse estado, de venda aceiada, e de poderem servir lim-

pamente, como convem á pureza de vidas immaculadas, em relicarios de marfim, de ebano, ou de prata e ouro, materias fidalgas e d'ignas.

Ainda não percebeu o de que se tratava n'aquelle cubiculo e 'naquelle dialogo, que ouviu ?

Sem ambages, ahi vae, pois, o que falta de esclarecimentos: Faziam-se ali ossos humanos artificiaes, para serem vendidos como reliquias de santos e de santas !

Pasmosa industria era a do convento dos Remedios. Fornecia esta casa a todos os conventos do reino reliquias authenticas de todo e qualquer santo ou santa que lembrasse á devoção, quer tivesse morrido pela fé em Portugal, na Europa, em qualquer parte do mundo !

Mas, para que aquella admiração ? Como qualquer outra vida foi a monastica. Especulal-a bem, tirar d'ella o maximo partido possivel, e maiores proventos humanos e terrenos, era caso meritorio perante as consciencias, e necessidade mesmo.

Sermões, ainda que bem pagos, trintarios de missas, festas a santos já não produziam o bastante para a congrua sustentação da communidade, e frei Felix do Espirito Santo tocado no coração da sublime idéa por beneficio do seu appellido, tivera aquella da nova industria, privativa da sua ordem e convento. Exercia-a só elle, elle que, dotado de grande talento, conseguira ao cabo de largas experiencias achar um composto que assimilhava maravilhosamente os ossos do nosso corpo. Ninguem mais conhecia o segredo das doses,

embora muitos trades conhecessem algumas das drogas; que uma havia, a saída da caixa em colhersinhas de pó, que era perfeito segredo só conhecido de frei Felix.

Dados estes esclarecimentos, assistamos já agora, ao terminar da operação profana.

Estendidos sobre uma mesa d'abas, aberta para tal fim, aquelles tijolos que já vimos no chão, que outra cousa não eram senão formas d'ossos, adaptadas convenientemente e ligadas com arames contendo-os no interior, começou frei Felix de lançarlhes dentro a massa servida no tacho, até o despejar e as encher.

Concluida esta final demão na obra, o frade saio, de candieiro na mão, fechou a porta, tirou a chave e escondeu-a no falso de uma mesa, que tinha junto do leito.

E deitou-se o bom de frei Felix, e dormio regaladamente aquella noite, como quem 'nella havia trabalhado muito, desde a visita que fizera a Anna de Jesus, na travessa do Pão bolorento até á cosinhada que o leitor assistio.

Não sei se fui indiscreto em lhe dizer que outro não fôra o avejão que conseguira entrar em casa de Anna de Jesus, enganando as visinhas maldizentes. Já agora está dito.

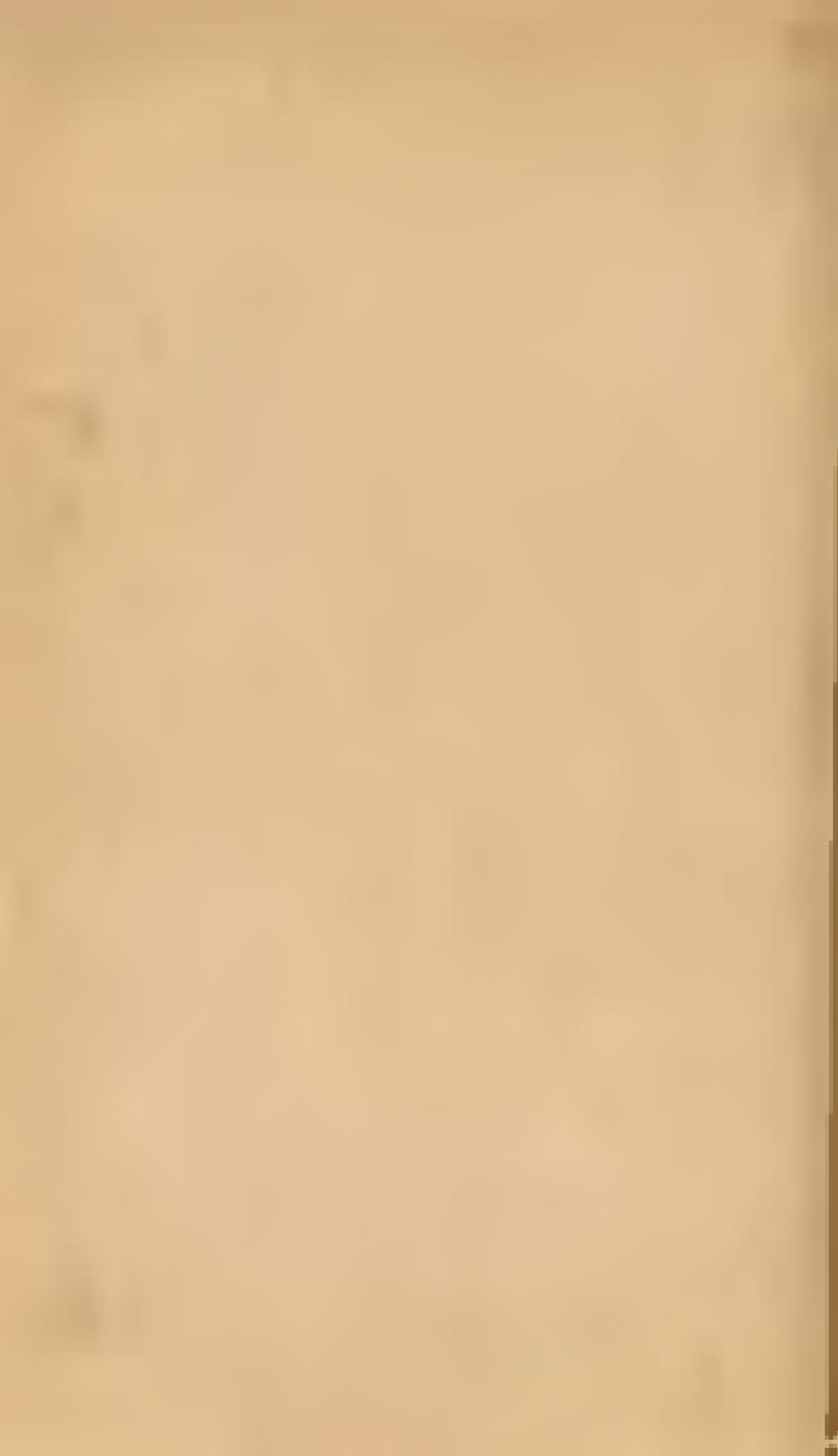
Aquella visita fôra a consequencia da entrevista que o leitor presenciára no convento, emquanto durou o officio pelo santo frei João de Santa Theza, como se recordará ao ver vir da banda da portaria a uma mulher rebuçada, que lhe desper-

tou a curiosidade; visita a que tambem já assistio na travessa do Pão bolorento.

Frei Felix conseguira no convento dos Remedios um ascendente notavel sobre a communitade e sobre o prior mesmo, graças ao talento de que era dotado, ás manhas habilmente conduzidas. A maior parte da communitade acreditava-o como oraculo na consulta, como modelo no exemplo, como vencedor na contenda. O que, porém, não sabiam explicar era a causa porque o prior se lhe submettia na abdicação de muitos direitos e nas largas que lhe dava. O fradinho fazia o que queria; não assistia ao côro, se lhe aprazia, ás festas e obrigações da Ordem, saia do convento de noite e de dia sem licença; emfim, era de facto, elle, o proprio prior, no dispôr de sua pessoa, como lhe agradava.

O motivo de taes regalias, se o não conheciam os frades conhece-o já o leitor: era o prestimo do homem em fazer ossos humanos por um processo diverso do natural, senão era tambem por sabel-os fazer com limpeza pelo velho methodo de Adão, o primeiro pae d'este genero, a que pertencemos, o qual, pela perfeição, dizem e escrevem por ahi ser o mais proximo e parecido com o Creador. Demos que assim seja, tirante as imperfeições moraes, que não são pequenas, e algumas physicas, como a da collocação das barrigas das pernas, que alguns pensadores e philosophos antes quizeram na parte opposta da perna, para evitar caneladas.

E continuemos a urdir a nossa teia, quer dizer esta novella de uma verdade orthodoxa.





V

Argúcias de um rapazinho

**D**EZOITO annos antes d'estes acontecimentos, na tarde de formoso dia de março, brincavam diversos rapazinhos e raparigas das edades de cinco a nove annos, nos degráos da capella do Espirito Santo, do hospital de Évora.

Eram filhos de familias da vizinhança, gente de poucos meios, quasi todas.

Entregues a brincos proprios de suas edades, aquelle grupo de creanças era todo alegria manifestada em gritos e risadas nascidas da queda de um, do dito de outro, de mil nadaes que dão vida áquelle pequenino mundo.

De repente vê-se chorar uma menina e dois mocinhos engalfinharam-se por modo em lucta corporal, que não havia desenhencilhá-os um do outro, por mais esforços empregados dos mais velhos. Alarido grande, risadas, palmas, gritos agudos, chamaram a attenção dos vizinhos e vizinhas

das quaes duas correram a separar os dois teimosos contendores.

Mais forte de genio e de forças physicas um d'elles tinha conseguido prostrar ao outro, subjugal-o, piscal-o, arranhar-lhe até o rosto.

Fôra uma perfeita scena de instinctos naturaes, como a dos frangãos, e de outros irracionaes, que tantas vezes observamos em pugnas assim.

Brincavam os dois pequenos com a menina, quando um d'elles involuntariamente ou de proposito, que já 'naquellas edades não falta malicia a rapazes, a fez chorar.

Accudio por ella o outro e eil-os travados de braços, de pés, na lucta, que só terminou por intervenção das forças alliadas de duas visinhas, que os separaram, puxando cada uma por um d'elles.

Terminado assim o combate, levaram as mulheres a menina, que um dos rapazinhos fizera chorar, e conduziram-na a casa dos paes, na Travessa do Pão bolorento.

Os contendores ficaram-se no grupo dos companheiros, mas amuados, indispostos, com vontade de se pegarem ainda, especialmente o que ficára mais mal ferido na lucta. Era natural.

— Muito encarniçados estavam os rapazes! dizia uma das visinhas.

— Eu nunca vi uma cousa assim!

— Que faria á Anninhas o Joãosito? o demo são rapazes!

— Se tivessem mais idade, visinha, talvez eu pudesse dizer o que elle lhe faria, assim, eu sei cá!

— Pareciam dois ciumentos, os demonicos.

E assim dialogando as duas mulheres rastream a causa. Foi uma scena dos effeitos do ciume infantil entre o *Joãosito* e *Timotheo*, os dois combatentes. Anninhas gostava mais do *Timotheo* do que do João, brincava mais com elle, ria para elle, dava-lhe maior parte da sua innocente affeição.

Os dois rapazitos ficaram sempre amuados d'alli por diante, evitando-se nas brincadeiras, não se gostando.

Foram elles crescendo e Anninhas. Fez-se esta uma mulhersinha, muito galante, promettendo vir a ser uma formosa mulher, e os rapazes seguiram caminhos diversos: *Timotheo* foi para os estudos e João seguiu a vida militar, assentando praça de clarim em cavallaria cinco.

Tinha *Timotheo* algumas protecções, que nem elle sabia d'onde lhe vinham, e era muito habil e talentoso. No collegio da Companhia em posse dos Terceiros, aprendera rapidamente as chamadas humanidades de então, grammatica latina promiscuamente com a portugueza, Rhetorica, a Logica e pouco mais. Traziam-no d'olho os successores dos Jesuitas para ser um de seus padres, mormente depois que um d'elles, na sua casa de recreio em Valbom, assistira á scena que descreverei, um dia em que ali fôra o estudantinho, com outros condiscipulos a ouvir a lição do professor de grammatica, que lá estava risidindo a mudar de ares, por conselho dos medicos.

Era no laranjal especissimo, coberto de pomos

dourados. Os rapazes tinham obtido licença de ir colher laranjas; o professor estava á janella de uma cella a vel-os colher fructos. Providos, e quando se dispunham a sair notou o professor que por elles passava um padre, que vinha da horta, de retemperar o sangue chlorotico com oxigenio purissimo.

O Terceiro notára a vivesa do estudantinho Timotheo e mais ainda como ia carregado de laranjas que nem um ouriço, em quanto os companheiros se tinham contentado com duas ou tres, quando muito.

Para os experimentar, para conhecer qual seria mais escasso e qual a razão de Timotheo ter colhido tantas laranjas, parou junto d'elle e disse-lhe:

— Dás-me uma laranja?

O pequeno Timotheo cravou no padre um olhar penetrante de pasmo, por lhe pedir uma laranja quem era senhor d'ellas e as tinha tanto á mão, e respondeu sem hesitações:

— Não, senhor.

— Essa é boa! redarguiu o padre. Pois tu tens tantas laranjas e não me dás uma, a mim, que nenhuma tenho?

E parecendo-lhe asada occasião para introduzir no vivo rapaz uma lição de moral, proseguio:

— Não te ensinaram teus paes. . .

— Não tenho paes, atalbou Timotheo.

— Has de tel-os, que todos nós os temos, alem do Pae celeste, e. . .

— Então são dois?

— São dois, sim, e duas mães; a virgem Maria é nossa mãe; e por Ella e por Elle, que estão no céo, devemos deixar os da terra e não pensar mais 'nelles. Os nossos paes terrenos não existiriam sem a vontade d'Aquelles; são meros instrumentos do Creador, de quem somos, como obra sua d'Elle. D'este modo nós só temos pae e mãe celestes.

— Por isso eu já os deixei, ou elles me deixaram a mim, observou o pequeno, attento á pratica jesuitica.

O successor dos filhos de Loyola admirava as respostas do rapaz; e, como tinha na mente o querer explorar a razão porque tão seccamente lhe dissera que lhe não dava uma laranja, continuou:

— Devemos repartir com os outros o que tivermos. Não gostarias tu que eu te desse uma laranja, ou outra cousa que tu não tivesses, se m'a pedisses? Gostavas, gostavas. A caridade, meu filho. . .

-- Chama-me filho! Então é meu pae, ou eu tenho tres, cortou o rapazinho.

— Não sou teu pae terreno, mas representante na terra do Pae celeste, e por isso te chamo filho.

— Ah!! dissera o moço, em tom de quem não entendia.

— A caridade, meu menino, ordena que repar-tamos com os necessitados do nosso pão, dos nossos haveres, do que elles não tiverem e nos sobejar a nós. Ora tu tens muitas laranjas e eu nenhuma, e deves dar-me uma d'ellas, ao menos.

Deixou pender a cabeça o pequeno Timotheo e

permaneceu alguns instantes a scismar na doutrina e a olhar para as laranjas, que tinha nas mãos. Seguidamente foi passando as da mão direita para a mão esquerda, e todas revolvendo e mirando, até que achando uma d'ellas defeituosa, tocada de corrupção incipiente, a tomou e deu ao padre, apenas dizendo:

— Então tome lá.

Fôra o Terceiro acompanhando o raciocinio do rapaz, materialmente exposto na escolha da peor laranja, que lhe dera, e, depois de lh'a acceitar, observou:

— Muito obrigado; mas, deixa que te ensine ainda outra cousa. Manda a delicadeza, a cortezia, a civilidade, que ao darmos alguma cousa a alguém nunca seja do peor, por não se confundir a dadiva com a rejeição, um primor com uma baixeza, o devido a homens com o devido a irracionais, embora nós tenhamos de ficar de peor partido, de ser prejudicados.

Pouco monta o prejuiso que nos eleva.

— Ah! Não sabia, obtemperára o rapaz.

E tomando as laranjas todas, que tinha nas mãos, as deo ao padre, acompanhadas somente d'estas palavras:

— Dou-lh'as todas.

Pasmado de tanta liberalidade de quem tão pouca mostrára, pouco havia, e desejoso de conhecer onde o moço queria chegar, que fim tinha elle em vista ao desfazer-se de todas, tomou as laranjas. Mal o jesuita as tomára, olhos fixos no ra-

paz, eis que este lhe estende a mão supplicante e exclama com um sorrisinho travesso, colorido de velhacaria infantil:

— Dê-me agora uma laranja a mim.

Foi de ver o rosto de barbate do Terceiro, ao sentir-se apertado de repente no dilemma que lhe offerencia o Timotheo! O mestre de grammatica, que da janella observára a scena, ria do compa-  
nheiro embasbacado diante do seu discipulo; e, tentando salvá-lo do aperto, disse-lhe de cima:

— Veja vossa Paternidade que direcção intellectual dou eu a meus discipulos: esse não nos envergonha.

— Não, decerto, respondeu o debaixo; e será uma boa aquisição para a nossa ordem o assentarmos-lhe praça em nossa milicia sagrada. E falando com o rapaz:

— Toma tuas laranjas. Bem vêes que não preciso d'ellas, tendo aqui tantas! Quiz só ver se tu eras escasso ou liberal. Ora dize-me cá: onde moram teus paes?

— Não tenho paes, já eu disse.

— Mas onde habitas, com quem vives?

— Moro na travessa do Pão bolorento, em companhia de minha madrinha.

— Como te chamas?

— Timotheo.

— Timotheo de quê?

— De nada ou de tudo: eu sou só Timotheo, porque não conheço os appellidos de meus paes.

— Mas has de ter um sobre nome qualquer, para seres differençado d'outro Timotheo.

— Chamo-me Timotheo Janeiro.

— Janeiro ?

— Sim, senhor, nasci 'num mez d'este nome; sou filho do tempo.

— Bem, bem, concluiu o religioso. Vae, vae com teus companheiros, que já se não avistam.

O rapaz partira e aquelle successor dos filhos de Santo Ignacio entrou no collegio, a scismar na esperteza do estudantinho, que poderia vir a ser um ornamento distinctissimo de sua Ordem, um subtil defensor de suas temporalidades.





## VI

### Varia

**J**oão, o vencido na lucta pelo Timotheo era filho de um militar. Como tinha pouca idade e pequeno corpo assentaram-lhe praça de clarim.

Cresceu, fez-se homem, e, deixando o mavorcio instrumento, seguiu a carreira da arma de cavallaria, na qual chegou a conquistar os primeiros postos á sombra do nome do padrinho, o capitão Vallejo, e de seu porte, que não fôra máo.

Carece de traços especiaes este retrato. Physicamente considerado era um elegante rapaz, bem parecido e bem fallante. No moral era outra cousa. Tinha em pequena conta a amisade; considerava este sentimento como um meio que explorava nos outros para utilidade propria. Assim, nada havia para elle, d'isso que os homens consideram sagrado, e como tal respeitam, conforme as leis sociaes: o que nobilita um homem pouco valia a seus olhos.

Inimigo do trabalho, só fazia precisamente o que lhe impunha o serviço militar, com receio de castigos. Presumia de talentoso; mas não passava de ridícula mediocridade palavrosa, como as houve em todos os tempos.

Este era o sujeito, que nos poderá apparecer no decurso d'esta novella, e que a providencia da verdade tem guardado para desempenhar no fim d'ella papel importantissimo.

Taes são os principaes elementos que hão de entrar na historia da famosa *Beata d'Evora*.

O leitor, porém, sei eu que não gosta nada de tão dispersos fragmentos, especialmente se fôr lido em romances fantasticos, d'assombros inacreditaveis, mortes violentas e subitas apparições. Ha de querer achar aqui um entrecho alabyrintado, em que sua imaginação vaguei por intermedios de Epicuro. Não acha d'isso; mas historia comesinha de uma fraqueza, e de uma astucia, e de um legitimo logro.

Teem muitas terras do paiz d'estas historias de logros em que cahiram os habitantes d'ellas, donde o enfurecerem-se seus descendentes ao lembrar-lhes alguém o acontecimento ridiculo de que seus paes foram victimas.

Antes dos caminhos de ferro em Portugal houve um bem feito serviço de Mallas-postas entre Lisboa e Porto. Bons carros, optimas orças inglezas, horas certas de partidas e de chegadas.

Subia a Malla-posta que vinha para Lisboa uma rampa ao sair da Redinha. Nos assentos de fóra

vinha o marquez de Castello Melhor, esse gentil rapaz morto ante tempo; com outros e com quem escreve estas linhas. Brincalhão era o marquez. Sabia que a gente da Redinha zangava com o perguntar-se-lhes pela sepultura de Judas, ou cousa muito parecida, que já os annos volvidos em grande numero não deixam precisar. Era tarde de verão, o carro ia de vagar na subida, e em cima, sob olivedos, a cavalleiro da estrada, alguns pastores apascentavam seus gados. E o marquez dá em perguntar-lhes:

— O' rapazes, onde é aqui a sepultura de Judas ?

O cocheiro ao ouvir tal pergunta, disse ao marquez que não fizera bem em a ter feito, e alentando as orças com a voz, e ao estalido do chicote pôz em marcha mais accelerada a carruagem. Fôra a tempo; porque de cima, do corte da trincheira, começou a cair sobre os que iam tão copiosa chuva de pedras, arremeçadas dos enfurecidos pastores que nos fariam grande damno se não fôra aquella medida tomada do cocheiro.

Mas aquillo eram pastores sem instrucção: os filhos de Evora são outra gente, illustrada, rica de haveres, temente a Deos, que não se incommodam, até gostarão de ler esta historia da basbaquice de seus maiores, embora alguém se lembre de lhes perguntar se *já beijaram o pé á beata* ?

Em todos os tempos o povo assim foi, sempre o mesmo; o povo, e quando assim fallamos claro é que não excluimos a nobreza e clero, partes importantes d'esse povo.

Quem creia que ha tão pouco tempo, 'nesta vassante do *seculo das luzes*, quasi ao começar o do *deslumbramento*; porque o vigessimo assim será chamado, em obediencia ás leis do progresso humano, ás fataes consequencias das leis historicas; quem creia que perto de Vendas Novas havia de apparecer um rapaz de poucos annos, boçal, completamente ignorante, um *menino virtuoso*, emfim, que se propunha curar todas as molestias da humanidade enferma com hervas colhidas nos campos, que receitava aos feixes para os doentes comerem? E nós vimos, vimos todos abarrotados de gentes, vindas de longes terras, os wagons do caminho de ferro em demanda do portentoso Podalirio, do Hippocrates divino, do Galeno pasmoso! E deveremos nós, deverão nossos ascendentes abespilhar-se com quem nos possa perguntar pelos remedios do *menino virtuoso*?

Farça foi, bem encaminhada á bolsa dos paes aquella do menino, que terminou muito naturalmente pela descrença de um e de outro, condemnado a mascar, a engulir legitimos molhos de herva como ruminantes bois ou burros de noras!

Não, senhores leitores, nem daremos o *cavaco* com o *menino virtuoso*, nem o povo d'Evora irá á *serra* com a recordação da sua famosa *Beatu*, tanto mais que assombros mais volumosos tem já elle em seus annaes milagreiros. Ora vejam se se recordam:

Em Euora vi hum minino  
q a dous annos non chegava

& entendia e fallava  
& era já bem latino:  
respondia e perguntava  
era de maravilhar  
veer seu saber, seu fallar  
sendo de vinte e dous mezes  
monstro entre portuguezes  
para ver, para notar.

Garcia de Resende maravillára-se do assombroso menino Thomaz em 1523, e com razão, como seus descendentes o fizeram no seculo passado de Anna de Jesus, assombro de outra casta, e com mais razão ainda. O menino foi necessariamente um mytho, Anna uma realidade.

Mas o devaneio desvia o leitor do heroe meio esboçado no comêço d'este capitulo.

Como se disse, o homem deixára o clarim de Marte, do qual Castilho, o assombroso cego, como Milton, que nos opulentou a litteratura, mais com vernaculas traducções, é certo, do que com obras originaes, mas primorosas todas, escrevera:

Nunca os labios que te sopram,  
Aborrecido instrumento,  
Gozem do vinho e dos beijos.

.....

Ou para gosar vinho e beijos, ou tudo conjuntamente, ou para ascender altos postos na carreira das armas, o João seguira a arma de cavallaria, chegando ao posto de tenente, em que se conservava ao tempo do principio d'este romance.

Temos quasi tocados os elementos indispensa-

veis para travar esta historia; falta-nos apenas a descripção de uma botica, pharmacia de nossos dias, em que se ostentam mais conhecimentos dialecticos greco-germanicos sobre os rançosos latinos.

O que fica dito ha de malquistar quem isto escreve dos poucos que ahi conhecem bem a lingua do Lacio, bem o sabemos; mas, francamente, lealmente, de que nos serve hoje aos que vivemos no mundo o conhecimento do Latim, lingua mortissima? Respondem os que a sabem, e mais ainda os que a arranham, que serve para conhecermos as bellezas dos escriptores latinos, e melhormente aprendermos a lingua portugueza.

Não são hoje novidades o que escreveram latinos: no campo do pensar que haverá 'nelles que as gerações subseqüentes não tenham pensado e não tenham escripto nas linguas vivas? Mal do progresso humano se o circulo das idéas se fechára nos livros que nos legou o grande imperio! que nos vieram da antiguidade!

O auxilio que nos adviria para o conhecimento de nossa lingua é tão escasso, que bem se pôde supprir com a leitura consciente de nossos bons modêlos antigos e modernos, tanto mais que esse auxilio só recairá na parte graphica, tão varia e opiniativa hoje em dia, em que o espirito humano tenta (e ha de conseguil-o) libertar-se da orthographia etymologica.

Uma lingua estuda-se na lingua, nos seus bons mestres.

Para que serve o latim nas diversas carreiras scientificas a que se pode dar o homem util? Para lhe roubar uns annos de proveitosos estudos em sua infancia, nos quaes adquirirá conhecimentos de constante empregar na vida.

Digam o jurista, o medico, o philosopho, o mathematico, para que lhes serve o latim?

A não ser o theologo, ainda cercado de alguns *bacamartes* monstruosos commentadores da Biblia, escriptos em latim, todos responderão que de nada lhes serve, tal é a verdade. A lingua que se não falla, morre, ou conserva a vida ephemera nas citações dos eruditos.

Dizia-me ha tempos, com aquella graça nativa, que tinha, o visconde de Santa Monica (O'Neil) que um sabedor profundo de latim devia ser hoje exposto á publica admiração nos museus, com rotulo que dissesse: *Este sabe latim*. De parte o que o dito tem de sal attico, de graça, ainda lhe fica muito de verdade.

De que lhe servirá a elle, jurisconsulto abalissado, litterato de vasta erudição, escriptor de portuguez puro, de que lhe terá servido o latim? De pouco mais de nada, se não de pouco menos. O seu *Fabulario* ha de ser lido por esses seculos ao diante e aprendido, que tem muito de ensinamento, muito, e pouco de latim.

Perdoem-me os latinos e amigos, que este meu ralhar poderão attribuir ao que a raposa dizia das uvas, e com acerto, porque só conheço a lingua mãe de vista e de cór n'um dito ou outro, dos tan-

tos que se ouvem na escola de Coimbra, onde se educou meu espírito.

De muito devaneiar me está hoje a imaginação e a penna, que tanto se desvia do pautado romantico.

Retrocedamos á botica, á pharmacia, que nos ha de ser precisa tambem, não para fornecimento dos *amargos mixtos* do amolador poeta, Francisco Antonio Gomes, de que o céu nos desvie, mas para descanso e logar de conversação amena, prestimo que tiveram em todos os tempos, não esquecendo o immortalizado por Tolentino:

Em escura botica acantoados  
Ao som de grossa chuva que caia,  
Passavam de janeiro um triste dia  
Dois ginjas no gamão encarniçados.

— Corra, visinho, corra-me esses dados,  
Gritava um d'elles que nem boia via.  
De sangue frio o outro lhe dizia  
Mil annexins 'naquelle jogo usados.

Dez vezes falha o misero antiquario!  
E ardendo em raiva o tremulo velhinho,  
Atira com uma tabula ao contrario.

O mal seguro golpe erra o caminho,  
Quebra a melhor garrafa ao boticario,  
Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

Demorava a botica de Salvador Penedo (appellido muito de Evora) ao cimo da rua de Alconchel, onde em 1873 um pharmacópola da antiga escola, Almeida, tinha uma, representante da de 1792.

Ali se reuniam uns sugeitos de estado hybrido

entre o fradesco e o secular, entre o devoto sincero e o de ichacorvos astucioso, entre o bemdizente e o mordaz. Penedo, algum tanto afeiçãoado aos frades não odiava os homens de livre pensar; ao contrario. Sabia de cor os nomes de alguns encyclopedistas francezes e lia as noticias da França na *Gazeta de Lisboa*, em doses diminutissimas, dinamisadas, que lhe emprestava frei Pedro do Rosario, carmelita do convento dos Remedios.

A botica de Salvador Penedo era muito frequentada de uns individuos, que 'nella tomavam por divisa o *Deus nobis haec otia fecit*, de Virgilio, quer dizer: o tratar com muita caridade as vidas alheias em suas linguas viperinas.

Dados estes esclarecimentos da pharmacia e do pharmacópola, moralmente muito prendado desde largo tempo, sigamos nossa derrota até que lhe aportemos, quando convier.







## VII

### Dois amantes religiosos

**V**IMOS como os successores dos Jesuitas se preparavam para cathechisar o pequeno Timotheo, depois que o viram e ouviram raciocinar sobre familia e sobre liberalidade.

Preciso é que o leitor saiba como o rapaz mudou de rumo, e fugio ao habito de S. Francisco da Terceira Ordem, vestindo a estamenna carmelitana.

Tinha elle grangeado nos estudos um nome invejavel por seu talento, e mais do que uma Ordem, das muitas que tinham casa em Evora, se preparava para o apanhar.

Então foi que no collegio da Companhia de Jesus, chamado do Espirito Santo, de posse de Franciscanos depois da extincção da Companhia, se passou a scena que se vae descrever.

Annunciára-se o Prior dos Remedios, frei Manoel de S. Carlos.

Mandára-o introduzir em sua cella o Guardiãõ franciscano.

— *Ut vales?* dissera o Carmelita.

— *Bene*, respondeu o Franciscano, convidando a tomar assento ao hospede, depois de tomada aquella pitada de latim.

Sentaram-se os dois, um defronte do outro, separados por uma mesa de pau preto, de pés torneados, que o Franciscano tinha coberta de papeis e de livros.

Mediram-se um instante os dois religiosos sem proferirem palavra: cravaram-se vistas prescrutadoras.

— Poderei saber a causa de vossa visita? perguntára o Terceiro de S. Francisco.

— Certamente, que nem para outra cousa vim, respondeu o Descalço.

— Falle, pois, vossa Paternidade.

— Tendes na vossa Ordem distinctos ornamentos de virtude e de saber e . . .

— E' certo, atalhou o Franciscano; mas onde vos leva o exordio? E' melhor começar pela peroração: é tambem um principio, e o tempo, bem sabeis, é que o não tem.

— Tendes pressa, pelo que vejo, e essa vos leva ao erro. O tempo não tem principio! Pois desde o *Fiat* do creador não é certo começar orthodoxamente o computo dos annos, e, portanto, do tempo?

— Sem faltar á orthodoxia, dir-vos-hei que nem vós, nem ninguem, será capaz de marcar o ponto no abysmo preterito em que o Creador soltou o

famoso verbo, como certissimamente aquelle que lhe será derradeiro termo. Deixemos cousas d'estas e vamos ao que vos trouxe aqui.

O tom imperioso de dono de casa, que o Franciscano tomára, fez ver ao Carmelita que não podia aquelle perder tempo com prologos: queria obras sem elle, contra as muitas que por ahi andam com elle e sem ellas.

— Seja assim: venho pedir-vos que não profieis mais no empenho de fazer da vossa Ordem o estudante Timotheo.

— Singular, unico pedido nos fastos d'elles; pois são cousas essas que dependam de mim ou d'algun dos nossos? Dependem do neophito, que nos quer pertencer, que por nós foi educado, que nos estima, que ama a nossa Regra.

— Sim, isso seria maravilha, mas tambem sei dos esforços que para isso haveis empregado, induzindo-o mesmo, seduzindo-o com antevisões de glorias mundanas, que lhe prometteis. Vós não precisaes d'elle, mas sim eu, a minha Ordem, mais pobre de talentos do que a vossa, dissera com dobrada intenção o Carmelita. Haveis de ceder-m'o.

— *Esto brevis*, respondeu o outro: Não vol-o cedo, não vol-o cedemos. Fazei 'nelle a tentativa, terminára sarcastico o Franciscano, erguendo-se, como para despedir o hospede, a visita desagradavel.

— Sem elle ficareis. *Vale*.

Despedio-se, saíu, e lá foi traçando *in mente* o plano de lhe furtar o futuro companheiro. Já na rua, como fallando comsigo proprio, exclamára:

— Quando resista. emprego a *ultima ratio*, faço valer os meus direitos, e sairá triumphante.

A que direitos alludiria o frade? vejo eu perguntar a mais de um leitor. Talvez lá para o diante o saibamos; esperemos.

Timotheo tinha ao tempo dezoito annos. Ainda vivia com a madrinha, apesar das instancias dos Franciscanos, por já o terem de portas a dentro. O rapaz não annuira nunca, se bem que estimasse a Ordem Terceira de S. Francisco, em que o nome de frei Manoel do Cenaculo Villas Boas fazia invejavel ruido.

Era que Timotheo estimava ainda mais do que aos Franciscanos a uma sua visinha, amiga de infancia, dos brinquedos pueris, Anna de Jesus, a filha do Cristaleiro do hospital. Não lhe repugnava a vida monastica; mas achava cedo para nella entrar definitivamente.

A mocidade era-lhe tão encantadora! tão cheia de delicias e de visões doiradas!

Por meia tarde d'este dia, em que o Prior dos Remedios conversára de manhã com o Guardião franciscano, pedia aquelle a grade do convento de Santa Monica para visitar a sua confessada, Alvim de Mello, que o leitor conhece.

Concedida pela Abbadeça, que já não era a que o leitor ali encontrou, ha dezoito annos, que essa estava na gloria a que a leváram suas virtudes, e decorrido o necessario tempo, a confessada chegára á roda, ou grade da casa em que a esperava o Prior dos Remedios.

Suspeitando este que alguém pudesse ouvir a conversação que os dois teriam, fez-lhe signal particular prévio á primeira palavra que soltasse. Era a prudencia, uma das virtudes do frade, que se manifestava assim. Obtido signal respondente e entendido, começou:

— Como passa minha formosa confessada ?

— Bem, respondera risonha Alvim de Mello; mas, formosa! quando vou entrada no outomno! Se fôsse ha vinte annos, meu. . . confessor!

— A mulher é como a rosa, que só deixa de ser bella ao cair-lhe a ultima petala. Mas, olhe não nos ouçam.

Alvim soergueu-se da cadeira em que estava sentada e observou para dentro se alguma curiosa por ali andaria em serviço de Deos e dos escandalos conventuaes, e tranquillizou ao seu Padre espiritual:

— Ninguem por aqui anda; mas, uma visita assim inesperada, que fim tem ella? Ha tão largo tempo que não vindes cá! Bem certo é que os homens fogem as mulheres velhas, embora o vão elles sendo tambem. Ah! . . . suspirára, por epilogo de recordações.

— Bem pouco ha vos confessei, minha querida: não é tão larga a ausencia de que fallaes.

— Mas, curiosa estou de saber o que queres de mim, disse Alvim de Mello, risonha, em tom de intimidades destoantes 'naquelle logar, entre pessoas que só fóra d'elle as podem ter.

— Venho pedir-te um favor, respondeo o Car-

melita afinando tratamentos, muito a sabor de Alvim de Mello, que toda era contentamento, toda alegria ao tutear do seu confessor.

— E' preciso que Joanna Mendes, a tua amiga, a madrinha de . . . e suspendeu-se, olhando em torno.

— É preciso, mas o quê, perguntára a recolhida viuva, anciosa de curiosidade.

— Que aconselhe e persuada ao afilhado a fugir dos padres franciscanos e a entrar no meu convento.

— Porém, não será inconveniente essa mudança? Não será melhor viver afastado de ti esse rapaz?

— Não é; elle ignora quem são seus paes, a menos que a madrinha lh'o não haja dito, ou . .

— Creio que não disse nada, e nada dirá. Eu por mim já o não vejo ha dois annos, desde que começou a ser homem: antes, vinha algumas vezes com a madrinha, quando esta me visitava; mas não sabe quem é a mãe.

— Mas pode suspeital-o, por algumas provas que lhe desses de maternal carinho.

— Nem isso. Iam-se-me os olhos 'nelle, fugia-me para elle o coração, mas no silencio austero d'esta casa, sem ultrapassar nunca os limites da usual affeição devida a todas as creanças.

— Bem, bem; preciso é que elle não tenha paes, como necessario que professe na Ordem carmelitana.

— Porém, não comprehendo que conveniencia

seja essa; pois se o moço tem amor á religião franciscana, não prestará elle 'nella tantos serviços a Deos como na carmelitana?

— Não pode prestal-os; porque esses serviços não são somente os espirituaes, os religiosos, os ascetas, emfim; carecem de ser acompanhados dos que o homem presta a si e aos seus no vasto campo das temporalidades. E não sabes tu, querida Antonia, que teu filho é dotado de um talento extraordinario, de uma aptidão assombrosa para fazer tudo quanto intenta? A ceara franciscana cresce em terreno pobre; o da nossa Ordem é mais uberrimo para o cultivo de tão vasta capacidade. Quero-o para ella; e como eu não posso fazer valer direitos, que o meu voto aniquilou perante a sociedade; como tu não deves egualmente dizer-te mãe d'elle, só a madrinha, a mãe que elle conhece, é quem poderá conduzil-o ao bom caminho.

— Se elle é tão talentoso como dizes, respondeu D. Antonia, poderá allegar o que eu lembrei, e não deixar uma por outra religião, sendo certo que em todas se serve a mesma causa, e . . .

— Quero-o, D. Antonia, atalhou o Prior dos Remedios, mudando de aspecto, tomando o ar grave e sisudo de quem manda com maior imperio e de quem tem a certeza de ser obedecido.

— Fallarei a Joanna Mendes e darei parte do que occorrer, disse Alvim de Mello, como amedrontada do seu director espiritual.

Despediram-se e cada um seguiu seu caminho: D. Antonia para a sua casa, sobre a cerca, e o

Prior dos Remedios para o seu convento, extramuros da cidade, fóra da porta de Alconchel.

Esta scena de realismo descarnado pode desagradar ao leitor conspicuo, austero e religioso; mas, que quer da verdade historica? que espera da penna posta ao serviço d'ella que não seja a mesma verdade? Nem todas se dizem, observam alguns sugeitos pautados, moralistas bifrontes, hypocritas, em fim. Pois a verdade pode lá occultar-se? Ella sobrenada no pelago em que a tentarem afixiar, mais cedo ou tarde, consoante circumstancias apropriadas.

O que ahi fica nos ditos de ambos, a confissão do crime social, é uma de muitas verdades escondidas nas cellas das casas religiosas; é a manifestação de um acto natural, contra o qual não valem votos, não valem terrores, castigos, muros e grades de conventos.

D. Antonia Alvim de Mello enviuvára nova ainda, e tomou o expediente de muitas mulheres, ou por desgostosa da perda do marido ou por alguma particular razão só d'ella bem avaliada, recolhendo-se 'naquelle convento, onde vivia a expensas proprias. Não tivera filhos; não tinha ninguem.

Por amor que lhe tivera, muito ardente no seculo, seguira a vida monastica o Prior dos Remedios, ao vel-a em posse de outro homem, a quem paternaes conveniencias a entregaram. Factos naturaes, sabidos de todos, abundantes nas historias de todos os povos, nas das casas religiosas do mundo.

Para que o espanto, pois ? para que julgar inconveniente o expol-os na tela romantica, romantica, note-se, a penna do escriptor ?

Ai! da moralidade que se escora no occultar d'estas faltas, e se não patenteia brilhante na pratica da mais que sublime virtude, a caridade christã! Ai! da moralidade que não conhece a amisade, que não conhece o bem fazer, o amor do proximo, para só saber occultar, esconder bem as alheias e as proprias faltas e crimes até! Ai! da moralidade que não respeita o sagrado, a fé dos contractos, a propriedade, para se vangloriar no hypocrita e mil vezes refalsado silencio !

Ai! da moralidade que vive da calumnia infame, da mentira torpe, da maledicencia somente, para considerar infandos casos muitas vezes naturalissimos, e até desculpaveis no tribunal da razão !

Ai! da moralidade que não permita que o frade podesse ter sido pae e a viuva mãe, para expor nas praças e beccos escuros os filhos que gerar, se os não trucidava violentamente antes ou depois de nascidos !

Para longe tal moralidade, que aseteou Alexandre Herculano por dizer de estas e outras verdades, e levou o amarissimo desgosto a um peito dos mais portuguezes, dos mais humanos e mais christãos que têm nascido e vivido vida de gloria em Portugal.

Lucido espirito, poderosa intelligencia, alma de teus semelhantes, repousa na immortalidade do marmore, e dos prelos, e do renome á sombra da

tua gloria, nobre republicano! Que a commum valla do esquecimento desfará em nauseabunda podridão teus miseros detractores..

Perdão, leitores: agora vejo por onde vou transviado.

Cabeça humana! cabeça humana! o que és tu? Um vulcão latente sempre, d'onde irrompem por vezes erupções de idéas e de sentimentos incoercíveis.





## VIII

### Mesmerismo e Quietismo

**J**OANNA Mendes fez o que desejava frei Manoel de S. Carlos: com seus rogos desviou do Collegio da Companhia de Jesus, dos Terceiros de S. Francisco o afillhado Timotheo.

Entrára no noviciado dos carmelitas o talentoso rapaz, professára e era, finalmente, frade professo nos Remedios.

Na flor da edade e da vida, estudioso, amigo de tudo ler, estudar e saber, frei Felix do Espirito Santo passava largas horas na livraria. Theologia e sciencias congeneres já não lia o novo frade, crendo-se sabedor de tudo isso. O seu espirito guindava-se a mais altas cousas, ao estudo das mathematicas, da physica, da chimica incipiente. Não eram estes livros os que a livraria continha: um ou outro, de atrasado adiantamento. Mas, com admiração dos confrades, o Prior dos Remedios mandava comprar a frei Felix obras que tratassem

os assumptos de seu gosto, e das que soltassem a ultima palavra 'naquelle tempo.

O leitor já vio a frei Felix no laboratorio de ossos humanos. Agora o convido a vel-o na livraria do convento entregue ao estudo serio, meditativo e util, como se fôra um veltro.

Entre muitos livros, que lhe cubriam a mesa de estudo, via-se a *Recreação Filosofica* do Padre Theodoro d'Almeida, e poucos mais em nossa lingua. Em francez eram os demais.

Lê com grande attenção o novo frade a um livro novo: *Memoire sur la découverte du magnetisme animal*, do famoso medico allemão, Mesmer. Lia e meditava.

Ao chegar a certa passagem exclamou:

— Funcções nervosas; não pode ser outra cousa.

E continuou a ler e a meditar. Mais adiante, outra passagem lhe arrancou do peito estas palavras:

— Faço a experiencia 'nella, que é nervosa, muito nervosa, fraca, debil e obediente á minha vontade.

Vê-se que frei Felix do Espirito Santo se preparava para experiencias do ruidoso invento do magnetismo animal. Fôra excellente que podessemos assistir, eu e o leitor curioso d'estas cousas.

Na verdade, que máu frade deve ser aquelle que se dá a tão diabolicas leituras e estudos!

O magnetismo animal de Mesmer, por isso conhecido por mesmerismo, é o braidismo e hypnotismo de nossos dias, estado do espirito caracterizado por um como extasi.

Famosos se tornaram 'nelle alguns homens, especialmente o Abbade Faria e o barão de Reichenbach, chamando este força odica á que um homem pode exercer sobre outro, ou sobre a mulher.

O hypnotismo, na linguagem actual, assemelha-se ao somnambulismo natural e ao estado extatico, traço de união entre os estados normaes e anormaes da consciencia.

O extasi, que pode nascer da concentração do espirito, da attenção sobre dado ponto, mormente religioso, produz-se tambem pelo hypnotismo, perdida a sensibilidade externa em momentaneo entorpecimento.

Parece que a fé, a crença viva, sobre disposição nervosa natural, são indispensaveis tanto para os effeitos naturaes como para os artificiaes.

S. Thereza de Jesus tocava esses extasis, esses arrobamentos celestes d'alma, somente com a attenção concentrada, com o quietismo corporal e espiritual; com ella, muitos santos a tiveram. E não eram só os santos, em tempos de mais crença religiosa, quem sentiam esses extasis: os criminosos os tinham, d'onde a distincção que a sciencia faz de theolepticos e diaboleticos; considerando os extaticos como um verdadeiro estado anormal, morbido, do systema nervoso.

Porém, noto que vou desviado do ponto narrativo. Fiquem estas cousas para os sabios, homens da sciencia, que podem levar a mal o tocar-lhes um estranho sem pergaminhos, e chamál-o á au-

toria, especialmente se forem de uns vaidosos que por ahí vegetam, que não concedem intelligencia, aptidão, discernimento aos leigos de Minerva e de Pallas.

E mais temivel uma sua censura d'elles do que um *anathema sit* de Roma.

Mas, observará o leitor, se para complemento, e ainda contextura do romance são precisas cousas d'esta ordem, venham ellas e venham bem, e digam esses taes o que quizerem, que mal nenhum nos podem fazer a nós, leitores, e muito menos ao escriptor, que nol-as disser. Alludio-se ao *quietismo* e nada se nos disse do que fosse: bem é que se nos diga alguma cousa.

Faça-se a vontade ao leitor, não como theologo, mas como simples leitor d'esses livros em que se tratam seitas religiosas.

De longa data vem o quietismo: acha-se ainda hoje nos povos da India, onde algumas pessoas se lhe entregam de modos diversos e não menos extravagantes. Tal ha que permanece largas horas, se não dias, ou com um braço erguido, ou com ambos, com uma perna ou pernas, em perfeito quietismo religioso; tal que permanece estupidamente dias acororado, fitando o umbigo no mais absoluto esquecimento de si e de tudo.

'Nesta anniquilação da vontade e absoluta indifferença d'alma acreditavam os *quietistas* consistia o melhor meio de alcançar a bemaventurança eterna.

Oração sem palavras, intima contemplação pro-

xima de Deos, o quietismo é uma aberração do amor, e as suas illusões não podem ser, não são religião. São uma manifestação pantheista.

O *quietismo* só se pode admittir como religião da mulher terna, fóra d'isto as suas formas são bestialidades.

Pois o exercicio da caridade a mais valiosa perola não só do Christianismo, mas de todos os povos e religiões, póde combinar-se de modo algum com a imbecilidade quieta, immovel, inerte da materia? Pois o espasmo do espirito, o somno da alma, a morte da vontade podem lá harmonisar-se com a religião, que, para bem o ser, carece da actividade do homem nos seus variados exercicios?

Este systema religioso foi condemnado em 1685 na pessoa do hespanhol Molinos, que morreu preso num convento de Dominicos.

Baste de quietismo, leitor, que não escrevéramos estas linhas, se nos devotássemos a tal causa: permaneceríamos quietos, inertes, dormentes para tudo, verdadeiras inutilidades. Siga-o quem quizer, que o mal que d'ahi advier á humanidade não fructificará sem o meu protesto.

Voltemos ao nosso frade. Frei Felix continua a estudar, meditando, tentando achar o porquê do maravilhoso effeito. Debalde sempre.

— É certo, dizia consigo o talentoso frade, que na natureza animal ha forças incompreensiveis sobre imponderaveis que nos repellem ou attrahem, fluidos magneticos, talvez, que nos captivam da pessoa que nunca viramos ou nol-a fazem abor-

recida. Porque permanecem irracionaes extaticos, immoveis diante de outros até lhes serem presas? Porque ao bocejar um individuo bocejam os que estão perto d'elle?

E permanecia meditabundo.

— Bem, disse elle, depois da leitura: ainda hoje farei ensaios e experiencias na minha Anna. Minha?... sim, minha desde a infancia e minha para sempre, minha até á morte. E ai! de quem lhe queira chamar sua! O soldado? o soldado... E parára picado do aspide peçonhento do ciume, que desde uma scena de que o leitor se lembrará, sendo Timotheo creança, creança Anna de Jesus e João Valejo, lhe mordida de tempos em tempos a lembrança da amada.

Suspeitaria com fundamento Frei Felix da firmeza d'Anna de Jesus em suas affeições, da felicidade do tenente de cavallaria? Quem sabe?

Do que posso dar minha fé, como narrador consciencioso d'esta historia é que João Valejo gostava muito d'Anna de Jesus desde a infancia tambem: fizera-lhe sempre a côrte, e talvez por causa d'ella não tivesse assentado praça 'noutro corpo, mas no 5 de cavallaria, por lhe estar perto, por vel-a e lhe fallar ameadadas vezes.

Nós já o conhecemos e 'nelle as moraes qualidades.

Observam-se ahi cousas notaveis na humanidade, a que pertencemos!

O problema do conhecimento da mulher permanece sem resolução. O fructo prohibido no eden e

d'ella tocado creio ser a mais cabal demonstração de verdade philosophica, de todas as conhecidas.

Frei Felix apoderára-se do coração d'Anna, é certissimo, e prohibia-lhe formalmente a divisão dos sentimentos d'aquelle orgão por outrem. Era uma prohibição e Anna filha d'Eva.

Creio que os philosophos, os esquadrinhadores do coração humano ainda não puderam conhecer-lhe todas as auriculas e ventriculos, apezar da anatomia lhe assignalar dois e duas.

Abarcam mahometanos em sua ternura multidões de mulheres, facto alludido de Castilho no *Amor e Melancholia*.

Mafoma é falso propheta  
Mas entende os corações,  
Vio que a ternura d'um homem  
Pode abranger multidões.

Estende-se por ahi a ternura dos que não são mahometanos e multidões tambem. Porque se não deverá estender a ternura da mulher por sobre multidões egualmente? Porque negarão os pensadores de moral este direito a um sexo concedendo-o a outro?

Não me atrevo a responder; mas, por mim vejo eu que respondem factos contrarios, numerosissimos aos sociologos de gabinete, ao egoismo do homem.

E o que de mais singular se observa é como essa ternura em expansão procura de preferencia, muitas vezes, não só o fructo prohibido mas ainda o pêco, o manifestamente apodrecido.

Valejo era uma podridão moral, como se disse; mas era fructo prohibido.

Mas, lá vou eu transviado de novo por veredas desconhecidas. Caminhem-nas moralistas, que eu volvo-me á narração de factos d'esta historia, não por falta de assumpto, que dos mais vastos é este para largo considerar; mas porque temo cair involuntario 'nalguma heresia social, de que o céo me livre para me livrar de maldições dos homens honestos, regrados e tementes a Deos, delicias da humanidade, sustentaculos da harmonia social, da familia e da religião, com bem o digamos !





## IX

### Ensaaios de magnetismo

**V**IMOS Frei Felix entregue a estudos de magnetismo animal e disposto a fazer ensaios na mulher que lhe obedecia, fransina, nervosa, apta para o ensaio.

É provavel que Frei Felix conhecesse as experiencias de Kircher sobre hypnotismo, com as quaes conseguira tornar immovel um gallo traçando-lhe no chão um risco branco no prolongamento do bico, no qual o animal fitava a vista e permanecia extatico. Eram experiencias muito anteriores a Mesmer, e não é crível que elle ignorasse o caso, visto que o Prior dos Remedios lhe mandava comprar todos os livros que tratassem o assumpto. Devemos, pois, suppor que o frade sabia bem como havia de magnetisar Anna de Jesus.

Anoiteceo. Por onze d'essa noite saíra Frei Felix do convento, e cortára em volta da muralha da cidade, mal chegára á esquina do muro que fecha

o adro da egreja. Em vez de entrar na cidade pela porta d'Alconchel, foi costeando-a pelo lado do sul.

De junho era a noite, sem lua, escura. Illuminação era cousa desconhecida ainda, muito especialmente fóra da cidade, porque, dentro d'ella, lá se avistava de tempo em tempo um lampeão enorme nas mãos do creado que alumeava ou a umas senhoras que vinham áquella hora d'alguma assembléa familiar, ou ao fidalgo burguez, que saíra do paço archiepiscopal, onde passára a noite com Botelho de Lima, no voltarete amigo ou no gamão, jogos da predilecção honesta do caritativo prelado eborense, que a tradição nos aponta como pastor que mandava uma peça áquella casa de pobres, em que não visse fumegar a chaminé, á hora propria de se fazer o almoço.

Não era medroso o frade; mas, disfarçado no traje saíra do convento e, d'aquella vez, com uma cautela singular.

Mal teria andado dozentos passos, ao passar pelo cedro altissimo, que ainda existe, foi deixando cair da cintura um manto branco, e puxando para a cabeça uma parte d'elle, por modo que ficou como amortalhado. Era o phantasma de apavorar a timidos, a alma do outro mundo d'aquella epocha e mesmo d'hoje, ainda que de mais raro apparecer. Composto, conchegado o lençol, se o era aquella vestimenta, mettu a mão á cinta e foi d'ella tirando e deixando cair uma corrente de ferro, que se prolongava após elle em ruidoso tido.

O leitor deve concordar ccmigo que aquillo era de apavorar, a tal hora.

Foi indo; passou o Buraco do Raymundo e foi entrar na cidade á porta do Rocio.

Ao approximar-se d'aquella porta, a que chegára sem ver viva alma, notou que um vulto se cozia ao tronco de uma arvore antiga. Attentou: era, em verdade, um ser humano, que se não atemorizava e não fugia da avantesma. Parou e meditou um instante.

Ou fosse porque não quizesse approximar-se-lhe, ou porque conhecesse o ponto historico de que ali, 'naquelle sitio tinha um duque de Bragança mandado assassinar a Francisco de Moraes, o octogenario auctor do *Palmeirim de Inglaterra*, em 1572, como nos ensina essa poderosa intelligencia que se chama e chamará Camillo Castello Branco, Frei Felix desviou-se de entrar 'nella e foi seguindo na direcção da Rampa, entrada proxima, que ali tinha e tem a cidade.

A distancia, volveo curioso olhar, a fim de ver se era seguido d'alguem. Ninguem vio, no escuro da noite, nem sentio o ruido de passos de quem o pudesse seguir.

Marchou tranquillo, sem suspeitar que o vulto que vira encostado á arvore o seguia de longe com passos pausados e medidos, abafados no ruido da cadeia de ferro, que Frei Felix arrastava.

Subida a pequena rampa, costeou o quartel de cavallaria e foi entrar na cidade pela porta da Mesquita, encolhendo ou recolhendo então não só a

corrente, mas a especie de mortalha, em que envolto, tomou a direcção da Travessa do Pão bolorento, que perto lhe fica.

Chegado, bateo de modo convencionado á porta de Anna de Jesus, que sem demora grande se lhe abriu. Entrou.

— Como estás hoje, minha bella Anna? Pareces-me pallida: soffres?

— Não, Timotheo; apenas me incommodam de tempos em tempos aquellas tristezas, que sabes.

— As filhas do sermão do Machoca? Ora adeos! Não penses mais em tal cousa. Pois não te tenho eu prégado melhor doutrina? Não a tens tu accettato? Tens. Então para que lembrar as imbecilidades d'esse parvo?

— Chamas imbecilidades ás razões de Frei José Machoca! Oh! meu Timotheo, e que nome darão outros ás que tu prégas?

— Bem, bem, não fallemos mais 'nestas cousas, atalhára o Carmelita, que não gostava de visitar Anna, quando ella estava impressionada com lembranças do famoso sermão do Machoca. — Assenta-te ao pé de mim. E já isto dizia assentado 'num canapé velhissimo, que bem podéra ser aquelle que, mais tarde, Bocage e Berssane tomaram para assumpto do famoso improviso, quando um prego traiçoeiro com a cabecinha de fóra lhe rasgára de alto a baixo ao primeiro os calções novos de belbotina ou de risso, que não é muito exacta a historia 'nesta parte. Se o leitor não conhece o brilhante tiroteio aqui lh'o deixo:

Fugio do incendio de Troia,  
Lá d'esse incendio voraz,  
Eneas co'o pae ás costas,  
E o moço co'aquillo atraz.

Fôra a luva arremeçada do dono do canapé, Antonio Berssane Leite, a que Manoel Maria replicára instantaneo:

Lá que Deos formára o mundo  
Em seis dias, é de fé,  
E ao septim<sup>o</sup> descançou  
Aqui, 'neste canapé.

E Berssane de treplicar enthusiasmado:

Inda antes de existir mundo  
E inda antes de haver Adões  
Já eu tinha este preguinho,  
Com que rompia calções.

E Bocage de disparar:

Quando a velha antiguidade  
Por esta casa passou,  
Disse a este canapé:  
Sua benção, meu avô.

Era d'estes o canapé de Anna de Jesus, do pae, do cristaleiro do hospital.

Anna obedeceo e foi assentar-se junto do amante, que força é dizel-o assim, sem rodeios e sem ambages, em que pese aos taes que não querem assoalhadas estas verdades. Ora fallemos claro, senhores meos: para que occultar casos verdadeiros, perfeitamente sabidos, se vós, pararimphos da mo-

ralidade, os tentaes occultar com uma das mãos e os descobris com a outra? O coração do frade não foi tonsurado; conservou sempre, conserva e ha de conservar, emquanto existirem taes homens, integralmente as partes de que é composto. Mas, deixemos isto e narremos:

— Ora dize-me cá, minha querida, é inabalavel em ti o proposito de fazeres uma confissão geral, de fugir o mundo, de entrar 'num convento?

— É.

— Mas sabes tu, minha formosa, que vida é essa que pretendes? Sabes tu que de coragem e de resignação são precisas para as provações do noviciado? Sabes tu o que é uma vida de cega obediencia, d'aniquilação da vontade, de martyrio nas disciplinas, de tormento nos cilicios? Sabes tu o que é perder affeições terrenas de amigos, dos proprios paes? É a morte d'alma isso que desejas, minha amavel Anna. Mas, dado que tenhas forças para tanto, experimentaste acaso tu, se terás esse poder, essa força necessaria? Não experimentaste, não, e preciso é fazel-o.

— Nunca pensei em tal cousa, acreditando que lá o experimentaria na pratica; mas, se é preciso fazer algum exercicio fal-o-hei.

— Sim, é, como eu fiz. As vocações nem sempre são reaes; são enganadoras muitas vezes.

— E o que hei de eu fazer, perguntára a futura beata.

— Obedecer-me em tudo, absolutamente em tudo, sem hesitações e com a melhor vontade; a mim,

que tenho poder sagrado para isso, além da minha afeição, que te dou desde creanças, que fomos.

— Obedecerei, respondeo Anna.

— Com fé viva, crença pura, vontade ardentissima?

— Sim.

— Bem, então quando começaremos a tentativa, a experiencia d'essa vocação?

— Quando quizeres, Timotheo.

Frei Felix permaneceu algum tempo pensativo, cabisbaixo, exclamando subito: — Já.

— Pois sim, seja hoje mesmo, concluiu Anna.

Erguido Frei Felix, convidou a amada a levantar-se também, acto que ella praticou. Seguidamente, de pé, no meio da casa, deo dois passos para ella, tomou-a pelas mãos e foi dizendo e operando:

— Anda cá; colloca-te aqui, em pé, bem direita: assim. Deixa cair agora os braços sem vigor nenhum; bem. Conserva-te como sem vontade, alquebrado todo o corpo, amollecido, entendes?

— Sim, cá estou como desejas.

'Nisto, Frei Felix passou-lhe para a parte posterior e, desviado obra de dois breves passos, estendeu os braços com as mãos cerradas até a um palmo de distancia d'Anna de Jesus, das costas d'ella, abrindo de repente as mãos e os dedos em posição circular, e retirando-os brandamente com manifestos indicios de quem puxava o corpo sobre si. Recolhidos os braços, de novo os estendeu, não já fechadas as mãos, mas abertos os dedos na in-

dicada posição circular, como quem pretendia que por elles saísse algum fluido para o corpo de Anna de Jesus. De novo puxou, se assim poderemos chamar ao acto de querer que o corpo viesse atraz de suas mãos. O corpo de Anna vacillou.

Quem a observasse de frente notaria que a futura beata fechára os olhos involuntariamente.

Frei Felix, tremente, empregando força consideravel, manifestada no tremer dos braços e do peçoço em terceira tentativa, vio, com assombro e alegria íntima, que o corpo inerte, como se já não fôra um ser humano, mas um páo erguido, tombava para traz em seguimento das mãos do frade que o chamava. Veio vindó, tombando aquelle corpo até que Frei Felix, ao ver perdido o centro de gravidade, quando cairia infallivelmente, correo a amparal-o e a de novo o aprumar na primeira posição.

Era de ver o contentamento do frade!

Com um sorriso, místico de espanto, frei Felix tirou do bolso um lenço a que limpou a frente, coberta de bagas de suor, e passando para a frente da amada, tomou-lhe o pulso, e pasmou.

— Cem pulsações! E como recordando-se de estudo feito, continuou: — Não tem duvida; pode acelerar-se mais sem perigo de vida.

E passou á parte posterior d'aquelle corpo, onde continuou suas experiencias.

Estendendo-lhe os braços por quarta vez, como nas anteriores, em vez de puxar para si o corpo, impellio-o para a frente. Obedeceu elle instantaneo,

começando de tombar ao modo porque frei Felix o empuxava. Quando o centro de gravidade se ia prestes a perder, o frade correu a de novo o amparar e a pôr na posição perpendicular.

O contentamento do frade era grande, ao presenciar aquellas maravilhas. Tomou outra vez o pulso á paciente.

— Cento e vinte pulsações! Pulso forte! Mão, mão, dissera frei Felix, cuidadoso, accrescentando: — Ainda não ha perigo de vida; mas, será bom não ir mais ávante. Isto dito, a fallar consigo, correu a uma cadeira de buinho, tomou-a rapido e foi pol-a detraz da dormente, da magnetisada Anna de Jesus. Em seguida, pondo-lhe a mão esquerda nas costas e a outra no hombro direito compellio-a suavemente a se assentar. Cedeo o corpo, como se já tivera obediencia a vontade propria: não tinha, obedecia á vontade do frade. Este collocou-se diante d'ella e principiou de lhe dar sopros no rosto, e de lhe fazer com os dedos das mãos uns *passes* exquisitos.

Anna estava pallida, se pallida se podia chamar a uma côr, mixto indiscriptível de muitas, que dava a lembrar o livido do cadaver. Frei Felix assustou-se, ao notar que Anna de Jesus não despertava com os bichancros feitos; e tomando aspecto feio de zanga e contrariedade, deitou as mãos á roupa do pescoço e peito, puxou para um lado e outro rasgando-a, soprou de novo, fez mais *passes* até que a amada, dando signaes de vida, acordou, soltando do intimo peito um ai singularissimo, de quem

se liberta de pesadelo medonho. Em seguida, sem poder proferir palavra, anciou, engulhou-se e começou de lançar o que no estomago tinha.

Corre o frade a lhe buscar agua, dá-lh'a a beber, e consegue restabelecer o estado normal de Anna de Jesus.

— Ora vem cá para junto de mim, minha formosa, e conta-me o que te aconteceu, o que sentiste.

— O que senti? respondeo Anna, junta de Timotheo, ambos assentados no canapé. Senti a principio o bem estar de quem, depois de largo passeio, de jornada comprida, se deita em cama fofa para descansar.

— E que mais?

— Senti que me puxaste pela saia e, querendo, de proposito resistí.

— Não te toquei com um dedo.

— Juraria que sim.

— Vae, vae dizendo; e que mais sentiste?

— Mais nada: não sei o que se passou depois.

— Pois fica sabendo, de novo t'ó affirmo, que te não toquei.

— Mas, o que fiz eu? o que disse? o que me fizeste?

— Nada fallaste, porque eu não quiz; não te fiz perguntas. O que fiz? Mandei que teo corpo tombasse sobre mim, para traz, e depois para diante.

— E tombei? e caí? perguntou Anna de Jesus.

— Não, porque te amparei, aliás cairias infallivelmente.

— Mas, não percebo para que foi isto! para que tão exquisita experiencia!

— Para experimentar a tua obediencia, qualidade indispensavel á vida religiosa, que intentas seguir.

— Sim, assim será; mas, como perdi eu os sentidos, que de nada me lembro?

— Isso te não posso eu explicar, nem que posses o comprehenderias. Fica sabendo sómente que tens alguma predisposição para a vida claustral; mas que será precisa outra experiencia ainda.

— Outra, não: senti-me tão mal no fim...

— Ordeno outra.

— Oh! mas hoje, não? supplicára a pobre rapariga, ainda não bem senhora de si.

— Não; hoje de modo nenhum. É já tarde, e vou sair. Deo uma hora da manhã o relógio da Sé.

Nada mais se passou que o leitor deva conhecer.







## X

### Lucta de gigantes

**Q**RA mais de uma hora da manhã quando frei Felix saíra de casa de Anna de Jesus.

Em vez de ir por onde viera, o frade foi sair á porta da Mesquita e saíu para fóra da cidade.

Mal chegára extramuros, procedeo á operação da mudança de trage, que o leitor já conhece.

Mortalha branca e cauda de ferro arrastada. N'aquelle tempo, em que as almas do outro mundo ainda visitavam este, como é sabido, o *costume* de frei Felix sería de afugentar a muitos: hoje não.

O homem conhecia o seo tempo. D'aquelle modo, disfarçado em alma penada, ninguem lhe sairia ao encontro, de puro medo e pavor.

Foi andando satisfeitissimo da experiencia, que fizera de magnetismo animal em Anna de Jesus, e na mente creadora organisando scenas deliciosas de espantoso effeito.

Anna de Jesus não havia de professar: era este desvio da falsa disposição da rapariga o seo primeiro trabalho. Ia pensando no modo como a chamaria a outro caminho quando chegára defronte da porta do Rocio.

Nem completamente escura nem clara era a noite. Ao lusco e fusco pareceo-lhe divisar o mesmo vulto encostado ao tronco da velha arvore, como quando passára, horas antes. Parou, attentou melhor, por se certificar se seria, em verdade, um vulto humano ou projecção da sombra do tronco da arvore. O vulto 'neste comenos desligára-se do tronco, andando para o frade, ao que lhe pareceo a elle, frei Felix.

Não se enganára; aquell'outra alma do outro mundo, vestida de negro, andava como para se collocar na passagem do Carmelita, ou para atravessar a estrada diante d'elle.

Medroso não era Timotheo; nunca o fôra, e muito menos 'naquella noite em que por seu anjo da guarda levava um par de pistolas carregadas, breviario nocturno, que usava sempre.

Resoluto, e por se certificar se a pessoa, homem ou mulher, só intentava atravessar o caminho por diante d'elle, ou lhe fazia uma espera, cousa que nunca lhe acontecera e que, por isso, não esperava, caminhou lento.

Defronte, em meio da escabrosa via, o vulto parou, de facto. Frei Felix parou tambem, meditou rapido, tomou uma das pistolas na mão direita, engatilhou-a e deo mais alguns passos para o vul-

to. Sentira este o estalido do engatilhar e permanecera na mesma posição, como quem não temia o perigo, ou como quem loucamente o affrontava.

Proximos eram já os dois vultos branco e preto: Frei Felix parou. Grave era o caso. Na mente exaltada do moço fervilharam idéas, resoluções, planos. Retroceder era fraqueza que seos annos não deixavam chamar prudencia: avançar seria encontrar cara a cara, hombro por hombro, barba a barba um perigo para si ou um perigo para quem se lhe apresentava. Armado de pistolas, antes via o perigo para o louco que o buscava do que para si, mas, 'nesta hypothese, teria de desfechar sobre quem quer que fosse, que dava ares de lhe vedar a passagem, e de matar a alguem. Era negocio da maior importancia. Assassino entraria no convento. Esta idéa desagradou-lhe, recordando o *não matarás* do Decalogo. As de conservação individual accudiram logo, animando-o a matar, se preciso fosse, para viver elle. Sentia exaltado seo sangue, latejavam-lhe as arterias fortemente, suavemente. Era-lhe preciso sair d'aquelle estado horrivel de lucta interna.

E o vulto escuro, mais do que a noite, defronte, impassivel, quietissimo!

Lembrou-lhe perguntar quem era, que alli estava, e o que queria de quem passava. Mas esta idéa foi logo repellida, porque se daria a conhecer, cousa que devia evitar, por credito proprio, e do convento, e do monachismo eborense. Ser e não

o parecer, fôra a divisa escolhida d'elle ao professar, e era a divisa da maioria regular.

A idéa de estar alli um louco sem imputação sorrio-lhe ephemera; porque logo outra o salteou subitamente. Estaria alli um ladrão? um salteador de estrada? Talvez, pensava, levemente tranquillo com este pensamento. Mas, que dar ao salteador? ao miquelete audaz, que arrostavava phantasmas, se comsigo só trazia o relógio e o par de pistolas? . . .

É que planos se estariam ao mesmo tempo formando no cerebro d'aquelle alguém, que o defrontava?

Era um inferno tudo aquillo na mente escandecida de Frei Felix. A idéa de ter de matar horrorisava-o, a de morrer, a de perder Anna de Jesus enlouquecia-o. Aqui, 'neste ponto de tanto lembrar, appareceu-lhe pensamento, que se lhe antolhou salvador: o de tomar a direcção da porta do Rocio e de entrar na cidade. Não daria uma prova absoluta de fraqueza e experimentaria, por ultimo, se o vulto ali estava ou não á espera d'elle. Isto começou de executar, isto fez.

Apenas teria dado dois passos 'noutra direcção, o vulto, que até ali andára lento, corre de um pulo a lhe vedar o caminho e embargar a passagem, exclamando:

— Alto!

— Oh! soltára Frei Felix do peito oppresso.

E o estampido de um tiro, e o ruido de uma espada desembainhada, e um estalido secco, metalico succederam instantaneos aos dois monosyllabos.

E os dois phantasmas precipitaram-se, chocaram-se, uniram-se!

Por um d'estes acasos inexplicaveis, mas reaes, a balla batera nos copos da espada do vulto negro e recochetára, e aquella lamina de aço descia sobre Frei Felix, quando elle precipite, veloz como a flecha corria a estreitar em seus braços vigorosos ao corpo do adversario. A lamina já não encontrára o corpo de Frei Felix e saltára da mão do vulto negro, no falso da pancada, do golpe esforçadissimo, que o teria morto infallivelmente se o attingisse.

Seguiu-se uma lucta corporal singularissima! Arcaram-se athleticos, armaram-se cambapés, feriram-se; mas, nenhum cedia. Frei Felix tinha contra si o trage, o lençol que lhe tolhia os movimentos dos braços, e a corrente de ferro, que arrastava e lhe embargava os das pernas, se bem que physicamente sobrevasse vantagem ao outro no poder da musculatura e da agilidade. Parecia uma lucta sem fim, um combate interminavel. Já durava largo tempo, quando Frei Felix enovelando as pernas na corrente de ferro, fraquejou por isto, perdeu o equilibrio, cambaleou e cahio debaixo do adversario, com ruido soturno e surdo. E nem uma palavra saía dos labios d'um ou de outro! Só rugidos medonhos, como se não foram d'homens, escuma raivosa, ais mal formados, sanhudos, horriveis. . . E a lucta a continuar! Revoluteavam-se, estorciam-se, mordiam involuntarios o pó do chão, quando o Carmelita poude colher uma idéa na

mente escurecida do odio: metteu a mão direita no bolso, sem que o adversario desse pelo movimento, tirou a outra pistola, fingio ceder na pugna para engatilhar e desfechou contra o vulto negro, que o subjugava 'naquelle momento. Atravessara-lhe a bala o thorax; sentíra sem demora a dôr do ferimento, fraquejára, tombára sobre o lado ferido o vulto de trage negro, soltando do peito moribundo o mais espantoso rugido, o grito mais sem descripção que possa inventar o engenho humano.

Horrorisado Frei Felix erguera-se, recolhera rapido a maldita corrente, que nunca elle tivera trazido, e desviára-se a passos rapidos caminho do convento, fugindo um cadaver que lhe parecia ter deixado na estrada.

Mal chegára á esquina do muro da cêrca do convento dos Remedios dirigiu-se a elle, tacteou, até encontrar uma escada de corda que ali deixára, por onde subio, furtando-se assim a qualquer pesquisa que se fizesse, dado que alguém a tal hora observasse a lucta, ou chegasse ao campo do combate e 'nelle encontrasse a um homem assassinado.

Lucta de tão entranhado odio, de tão rancorosa paixão entre dois homens bem sei eu que desperta desejos de lhe conhecer as causas, de saber quem sería o morto infeliz, que talvez fôra o vencedor, se não lhe fugira da mão a espada no bote vasio, que redobrou de impulso ao não encontrar a resistencia a que se dirigia em ponto certo.

Dizer-lhe seu nome é duvidar de sua perspicacia: lembre o passado e talvez possa conhecê-lo.

Em quanto Frei Felix, pallido, assustado, levando já ao lado, como os irmãos siamezes, a sombra de sua victima, entra furtivamente na cella e ali permanece assentado em profundo meditar, voltamos ao Rocio, onde deixámos estendido a um homem sem vida.

Lá está; mas, graças aos céos clementes, vivo ainda e assentado a gemer.

Nem alma viva por ali áquella hora. Olhemol-o: lá se vae levantando, contorcido o corpo; lá se apruma e permanece alguns segundos quieto, como para tomar alento: dá depois alguns passos na direcção da cidade, da porta proxima, e pára, leva a mão á cinta, procura 'nella alguma cousa, e, não a achando, retrocede os passos andados, e, por se não poder curvar, tateia o terreno com os pés até encontrar a espada que lhe fugira da mão no bote descommunal, que vimos atirar a Frei Felix do Espirito Santo. Achando-a, verga sobre uma perna com difficuldade, e consegue levantar a espada com a mão esquerda, em quanto com a direita apertava a região superior do lado esquerdo do peito. Isto feito, entra na cidade, segue para o lado dos Castellos, sobe a rampa, com passos tardos, e quando chega á parte posterior do quartel de cavallaria ergue a voz, quanto lh'o permittia o seo estado de gravissimamente ferido e chama por João Branco. Um soldado o esperava, que logo veio a seo encontro.

— Toma esta espada e ampara-me, ajuda-me a subir esta calçada.

— Que tem, meo tenente? exclama o soldado afflicto.

— Venho ferido no peito.

— Então vou já chamar o cirurgião.

— Não vás: ajuda-me a entrar no meo quarto e não digas a ninguem que venho ferido.

— Mas, meo tenente. . .

— Calla-te.

E lá foram subindo uma calçada até ha pouco existente, que conduzia á porta do quartel, que olha a sul.

Mais nada sabemos por emquanto que noticiar ao leitor.

Deve ser o ciume sentimento rasteirissimo, abjecto, villão. Transforma 'num momento, como vimos, a dois homens em dois tigres hyrcanos, que se despedaçariam emquanto houvessem forças, em quanto um delles não succumbisse na lucta. Perfeitamente irracionaes. E andam por ahi optimistas a apregoar as excellencias humanaes, a pôr o homem instruido superior ao tumultuar das paixões! Forte obcecação a delles!

Tem superioridade grande, é certo, sobre o ignorante o homem instruido; mas, não lhe empanem o brilho do espirito, não lhe embaciem o espelho pulido da razão; porque marejados elles, adeos superioridade moral! Eguaes para instinctos e paixões, e odios, e vinganças brutalissimas teremos tanto o nescio como o que o não fôr.

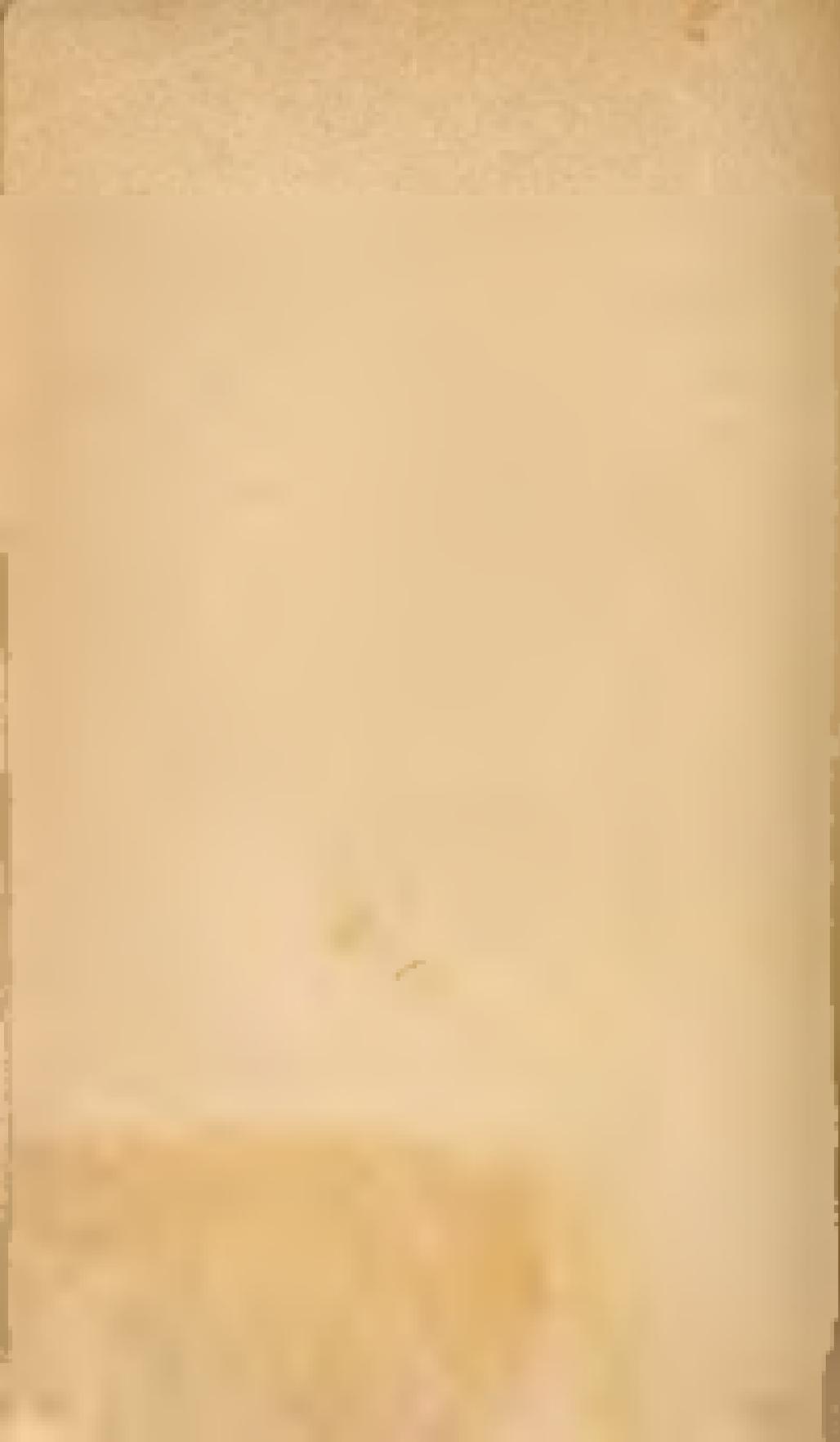
Deve o homem ter sido sempre o mesmo desde que, por insondavel mysterio, apparecera sobre a terra. Nos primitivos mesmo, forçoso é admittir mais instrucção 'nuns do que nos outros, instrucção relativa, é certissimo, mas instrucção vinda da superioridade intellectual, que ensinava a talhar rochedos sem instrumentos metalicos, a pol-os a prumo, a eleva-los em antas, dolmens, menires. E, comtudo, esses monumentos parece indicarem o termo derradeiro de vidas perdidas em guerras de exterminio, nas quaes, sem duvida, se egualavam todos na ferocidade de renas, de ursos sanguinarios, de voracissimos carnivoros.

Homem, que perfeição é essa tua, que ao lado das mais sublimes virtudes humanas andas sempre acompanhado de milhares de imperfeições? O que és tu? Um legitimo e verdadeiro nada, mixto de doçura, de bondade, de amor e de vaidade, de orgulho, de selvagens instinctos.

Mas, para que tanto devaneiar: nós somos o que somos, nós somos como somos, e basta.

Humildes e altaneiros, bondosos e preversos, leaes e refalsados, podridão futura, nada! . . .

Distanciem-se, separem-se, fujam-se que um dia vos irmanarão os gusanos dos tumulos, os vermes da valla commum, o meo sonho de toda a vida para o dormir derradeiro no fim della.





## XI

### Dois pharmacopolas

**N**A cella do Prior dos Remedios e no dia seguinte áquelle em que se desdobraram os passados acontecimentos, conversava aquelle com Frei Felix do Espirito Santo. Tão intimamente se liga a conversação e practica dos dois com as scenas de vespera, que devo narral-a ao leitor.

Frei Felix estava pallido, abatido, como quem velára a noite em cogitações de qualquer ordem, em lucta com insomnia indomavel. Gordo, córado, papudo o Prior, sorria amoravel para Frei Felix cada vez que lhe fazia perguntas.

— Então, meu querido frade, fizestes algumas experiencias 'nessa rapariga em quem se vão accentuando optimamente disposições para o mysticismo, e que conheceis de ha muito ?

— Fiz a primeira, respondeo o subalterno.

— Muito bem. E que resultado colhestes ?

Interessa-me saber o resultado de vossos estudos.

— Bom resultado, surprehendente mesmo, respondeo Frei Felix.

— De modo que não é um charlatanismo de feira esse apregoado mesmerismo ?

— Não é.

— E poderemos nós, podereis vós induzir a moça a prestar-se a nos coadjuvar na grande obra em que nossa Ordem se empenha, e muito particularmente este convento, a de beatificarmos, quando não possamos sanctificar a Frei João de Sancta Thereza ?

— Espero conseguir essa coadjuvação; entretanto não posso já certificar a vossa Paternidade o bom effeito de minhas diligencias; porque Anna de Jesus obstina em professar. Metteu-lhe o Machoca na cabeça aquellas idéas e difficil será o tirar-lhas de lá.

— Mas não impossivel ? perguntára o Prior.

— Isso não.

— Tendes observado se ella padecerá de hysticismo ?

— Sim, já suspeitei que esse padecimento se apodere d'ella algumas vezes, sem comtudo, o poder certificar.

— Pois haveis de pôr vosso cuidado na pesquisa; porque, a ser ella affectada de hysteria, tere-mos um meio de lhe dar outra orientação.

— Qual ? perguntára Frei Felix.

— O de fazermos com que o Machoca lhe faça

nova predica, que lhe leve ao animo outras idéas religiosas. Se 'nella existe a predisposição, ou por hereditariedade ou por compleição facilmente se deixará influenciar dos ultimos argumentos. E bem sabeis que mais util nos será aproveitarmol-a cá fóra do que no convento, onde tudo quanto fizer será menos visto do vulgo ignaro do que ahi, por essa cidade. O vulgo, essas massas brancas convencem-se com exemplos palpaveis, tangiveis, por assim dizer.

— Mas, não é mau o mysterio tambem, disséra o outro. E' o mysterio um como nimbo religioso, que tanto occulta e endeosa, como pode aureolar de divindade.

— Tendes razão; não é de desprezar, porque, talvez a santidade de Isabel de Hungria, de Santa Gertrudes, de Santa Brigida, de Santa Catharina de Senna e de Santa Thereza não devam pouco a esse mysterio, que mais seria um verdadeiro hysterismo do que outra cousa.

— Concordo, acceito vossas ideias, e sou que vossa Paternidade tenha uma practica com Frei José Machoca, sem grande demora, tendente a lhe dar nova direcção ás idéas mysticas que 'nella gerou no sermão, ou homilia, que fez no Convento Novo.

— Isso farei; vou convidal-o a se avistar comigo. Antes, porém, será conveniente irdes martellando-lhe ideias de não professar.

Sabeis quanto convem, quanto nos importa aproveitar o estado de crença publica na santidade do

nosso Santa Thereza: é recente seo passamento, vivas as lembranças de seos milagres e não devemos deixar arrefecer taes crenças. Os milagres devem ir alem da morte, que são esses os melhores, os de maior efficacia; porque o povo os toma como já obrados no céu, já concedidos por divina influencia.

— Combinado está, disséra Frei Felix a seo superior. E, pois que não deve haver demora, lembro ainda a vossa Paternidade, que se Machoca não poder dar novo rumo ao pensar doentio d'Anna de Jesus, se eu com o magnetismo animal nada conseguir, o conseguirei com as practicas do quietismo. Anna ha de obedecer-me, ha de fazer-nos um santo antes de entrar 'num convento.

— Muito bem, valente defensor de nossas gloriosas tradicções, intrepido soldado de nossa religião sagrada.

Pouco mais se prolongou a practica. Veja o leitor o que alli se passou de heretico, de mundano, de anti-religioso. De tudo houve nas ordens monasticas, que de *homens* foram compostas. Não se admire; e, se fôr ecclesiastico, antes de anathematizar ao velho cartuxo de S. Bruno pergunte á consciencia alguma cousa, veja se lá terá culpas no cartorio; e se lhe passarem folha corrida então sim, verbere, fustigue, amaldiçoe; mas, se assim não fôr, seja *homem*, não o faça, que se desvirtua, que se degrada.

Em quanto estas cousas decorriam e se passava sa cena descripta na cella do Prior do convento

dos Remedios, outra scena, não menos curiosa se passava na botica de Salvador Penedo, anteriormente apresentado ao leitor.

Frei Pedro do Rosario, boticario dos Carmelitas descalços de Evora, conversava, ou murmurava com o pharmacopola Penedo. Ouçamos suas fallas :

— Então, caro collega, murmurava o Rosario para o Salvador : sabe o que ha de novo ?

— Porque me faz a pergunta, Frei Pedro? Teremos por ahi algum escandalo ?

— Pois ainda não sabe, collega ? dizia Frei Pedro accentuando sarcastico a palavra *collega*.

— Ainda não sei nada.

— Pois admira que não chegassem cá os echos da pancadaria desta noite.

— Pancadaria ! Essa agora ! Venha de lá tudo isso, dissera curioso o Penedo, almanach bem informado sempre das fraquezas de seos patricios.

— Temos Frei Felix em scena, respondera malicioso o boticario tonsurado.

— Algum caso com a beatinha formosa, aposto eu . . .

— Por causa della, sim, respondeo o Rosario.

— Pancadaria por causa della ! Querem ver que temos rival na costa ?

— E' como canta, disséra o frade vulgar.

Frei Pedro do Rosario, confrade de Frei Felix, como quasi toda a comunidade, não gostava do rapaz, quer fosse por inveja, quer fosse por ver a consideração que lhe dava o Prior, com palpavel escandalo dos demais frades, edosos e sabedores.

Licenças para sair a qualquer hora, para não assistir ás obrigações monasticas, para fazer, emfim, quanto quizesse motivo era para murmurios de insubordinação, e de explicação escandalosa de tamanhas regalias, chegando linguas damnadas a conjecturar parentesco entre os dois frades, Prior e Frei Felix, de pae e filho, nada menos. Murmurações fradescas, murmurações mais intensas e mais expansivas dentro dos conventos do que fóra d'elles, como sabemos pela historia.

— Mas, diga *collega*, perguntava o Penedo, acollegando tambem sarcastico ao boticario carmelita, diga lá essas cousas por meudo. E assim dizendo manipulava pilullas enormes de quina contra as maleitas pertinazes de um freguez campesino.

— Eu não lhe devia dizer nada, visto ter o collega presumpção de estar ao corrente dos acontecimentos locais, e tomar conhecimento d'elles em primeira mão; mas sempre lhe conto o occorrido. E callára-se.

— Pois sim, sim; mas conte lá e deixe-se de prologos.

— São precisos para desenganar o collega de que ha mais quem tenha bons informadores. E callára-se de novo.

— Homem, conte se quer contar, se não, eu o saberei por outra via; mas não me faça crescer mais agua na bocca.

— Fique sabendo que o tenente Valejo tem o peito atravessado por uma balla, e que foi Frei Felix quem o ferio.

— Isso é grave accusação, collega, contra um confrade. Se o homem assim está, como affirmar que fosse Frei Felix quem o ferio? E porque?

— Homem, você parece-me bronco; pois não lhe disse eu já que foi por causa de Anna de Jesus? O meu confrade tem ciumes da sua *confessada* e suspeita do tenente haver já logrado, pelo menos, algum sorriso *simpliciter* d'ella.

— E aonde foi, aonde foi? diga lá.

— Diz-se que fôra no Rocio, alta noite.

— Um! . . . No Rocio, alta noite. . . o frade por ali áquella hora. . . não é crível.

— Não é? E se você souber que elle sae do convento quando quer, de dia e de noite, a qualquer hora, que dirá? sim, que dirá?

— Essa agora! exclamára o Penedo. Então o Prior não sabe?

— Sabe tudo; mas, é como se o não soubesse: aquella protecção, collega, faz scismar a gente. . .

— Um! . . . Será devida ao merecimento de Frei Felix. E, a proposito, Frei Pedro, que estudos são uns a que se dá o novo frade, que experiencias faz elle por lá, que me tem vindo procurar aqui drogas desconhecidas?

— Ah! Tambem cá tem vindo? Eu sei lá! Tem-me moido a paciencia e despejado o vasilhame da botica conventual sem que tenha sido possivel saber para quê.

— Essa agora tambem é boa! Pois o meu collega não sabe para quê, vivendo lá com elle? Não pode ser.

— Não sei, palavrinha, suspeito que só o saberá o Prior, unica pessoa que lhe entra na cella, que parece uma officina.

— Farão elles dinheiro falso? perguntára o Penedo.

— Dinheiro falso, não; mas alguma cousa falsa, sim.

— O que? É curioso tudo isso.

— O que? Tambem não sei. Suspeitas, suspeitas sómente, isso temos nós por lá; mas . . . ponto em bocca, accionou levando o indicador aos labios.

— Ahi ha mysterio. Ai! . . . E o Penedo, que ao tempo pisava 'num gral, o quer que fosse, acabava de pisar o polegar da mão esquerda, que lhe pousava no bordo metalico do gral, tão distrahido e ancioso estava por saber o que fazia Frei Felix no convento.

Frei Pedro sorriu, ao ver o tregeito de dôr do collega Penedo, e só lhe disse:

— E' bem feito, por você não querer ter um praticante, e ser tão distrahido e tão curioso.

— Vá-se para Satanaz, mais o Frei Felix. Você não quer dizer nada, e eu digo que o frade é moedeiro falso com tacita conveniencia do Prior. Hei-de espalhar isto, eu lh'o prometto, só por me não querer contar nada.

— Frei Felix . . .

— Que me querem por cá? perguntára terceiro interlocutor, assomando á porta.

Era elle, o Frei Felix legitimo, que vindo a en-

trar e ouvindo seo nome fizera a pergunta. Frei Pedro embaçou, ao vel-o, e o Penedo mais animoso, respondeo :

— Nada queremos, ou, antes, queremos alguma cousa, isto é: quero eu, que perguntava a Frei Pedro pela santidade de Anna de Jesus, a vossa confessada. Andam por ahi ha dias a fallar 'nella, e dizem cousas notaveis. . .

— Pois digam o que disserem, respondeo Frei Felix, que eu por mim digo que essa rapariga é um portento, mandado por Deus á terra para desengano de incredulos.

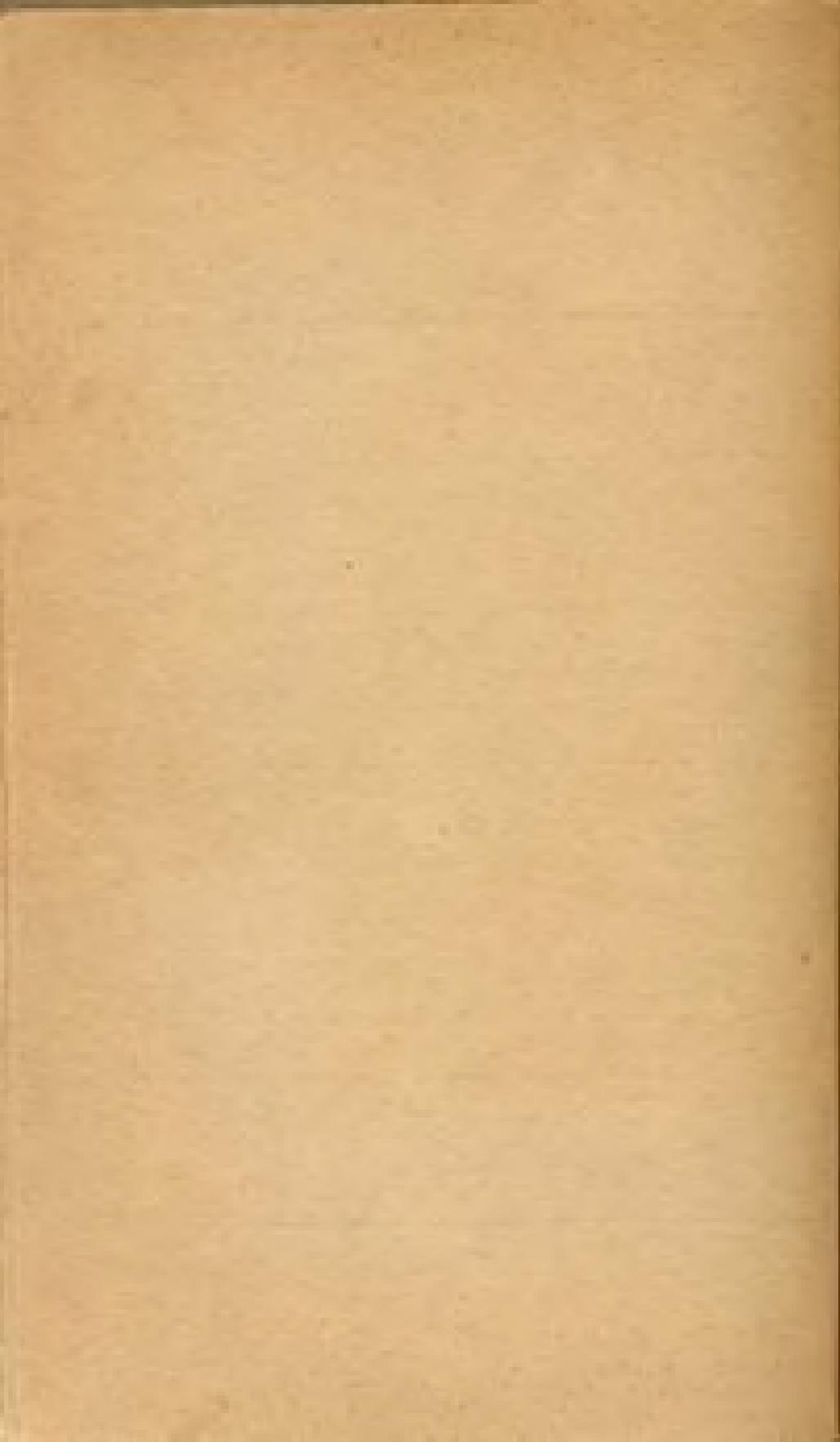
E sem mais querer conversação com o Penedo, ou com o collega carmelita, saío e cortou rua a cima, para a Praça de Geraldo.

— Bem lh'o tenho eu dito, fallou Frei Pedro, depois que se foi o confrade : Frei Felix não gosta que lhe fallem na confessada, evita quanto póde.

— Pois foi-se a tempo, que eu ia-lhe perguntar pelo caso d'esta noite, que o collega me contou; olé se ia!

E os dois pharmacopolas ainda se detiveram algum tempo a conversar sobre o caso da incipiente beata, e do tiro no Valejo.







## XII

### Latet anguis

**R**ADES não eram homens para alongar a execução de planos, menormente quando estes miravam seus intentos proveitosos, utilitarios.

Vimos o Prior dos Remedios empenhado arduamente na beatificação do fallecido confrade, e como na conversação com Frei Felix apparecera a ideia de compellir o Machoca a fazer novo sermão ao beaterio, que houvesse por fim exclusivo prégar contra as falsas inclinações á vida monastica.

Assistamos, pois, á scena havida na cella do Prior dos Carmelitas, entre este e o famigerado Machoca, o Bordaloue eborense d'aquelle tempo.

Fr. José de Jesus Maria Machoca era dominico da Ordem Terceira, e seu Director desde 1783. Não se conchavavam muito bem estes religiosos ou por alguma causa especial, hoje perdida, ou pela natural antipathia que os membros de uma ordem tinham aos da outra.

Escrevera attenciosa carta o Prior dos Descalços ao Director da Ordem Terceira, convidando-o a conferenciar com elle sobre assumpto de geral interesse religioso. Não se escusou o Terceiro e foi.

É de tarde. Sigamos ao famoso orador, assombro dos eborenses. Desce a rua de Alconchel, entra na botica do Penedo, dão dois dedos de conversa e cheiram suas pitadas. Emquanto elles conversam observemos :

Tem o nome de Porta de Alconchel esta entrada da cidade ao fundo da larga rua, uma das melhores da *Liberalitas Julia*. Como é sabido, costumam estes nomes expressar uma verdade chorographica, designando as portas ou ruas com os nomes da cidade ou villa que fronteira fica a sua direcção ou rumo. Nesta dá-se o contrario: a estrada que d'esta porta da cidade segue actualmente a mesma é, se bem que allinhada pelo systema Mac-Adam, que em tempo de romanos ligava Alcacer do Sal, a conhecida *Salacia*, a esta capital transtagnana, e a mesma que em tempos portuguezes conduzia a Lisboa, que lhe demoram a oeste. Alconchel, na Hespanha, estaciona do lado opposto, a leste. E' desusada anomalia.

O fallar d'esta porta dá a lembrar a entrada por ella dos francezes em 1808. Por se apreciar o fino tacto com que fôra defendida dos frades e do povo basta lembrar o seguinte: tinha esta rua na extremidade um arco, e de espessas paredes como as muralhas, sobre o qual existia uma capellinha de

nossa Senhora da Ajuda, demolida com o arco em 1867.

Parece de pura e simples intuição que o fechar e tapar de pedra e cal a este arco devesse ser na face exterior da muralha, e não na interna, por não deixar aos sitiados um abrigo ali, no vão do arco, em que se poderiam abrigar dos tiros defensores quinze a vinte homens. Pois foi fechada pela interna! e os francezes que se vieram aproximando sob um chuva de balas, tanto partidas do alto das muralhas como do campanario do convento dos Remedios, donde um bom atirador tonsurado prostrára a um parlamentar, ao avistarem o erro dos eborenses, correram a encher aquelle vazio, e ali, perfeitamente ao abrigo dos projectis, em pouco tempo destruíram a parede e por esta porta entraram a cidade, que, uma hora depois, o era por todos! Um acervo de erros foi a defesa de Evora, que tantas vidas deveria custar, e custou.

Procuremos agora ao illustre Machoca, que deixámos a tabaquear-se com o Penedo pharmacopola.

— Já saí; lá vae em baixo defronte do convento de Santa Clara: sigamol-o.

Chegado á portaria dos Carmelitas, toca a sineta, annuncia-se, entra logo. Era esperado. Entremos com elle.

Um leigo o conduz á porta da cella do Prior, onde, batendo de mansinho, sente que a palavras proferidas dentro tem de responder, e de annun-

ciar ao prégador Machoca. Entra este ao abrir-se aquella estreita e baixa portinha, que se fechou seguidamente.

— Seja bemvindo o primeiro orador sagrado d'Evora em nossos dias, dissera o Prior.

— Por Deus, que me vexaes ! respondera o Machoca.

— Não, que deveis haver a consciencia de vossos merecimentos; e quando algum a tem, jámais se pode julgar vexado ao fazer-se-lhe justiça: o negar-lh'a sim, sería causa para vexame e para injuria.

— Será como o entenderdes, disse o assombro concionatorio, e continuou:

— Para tratar assumpto de geral interesse religioso me convidastes a vir aqui. Dizei, pois, o de que se trata.

— Assim é; um religioso motivo me compellio a vos escrever, convidando-vos a vir aqui. Serei franco e muito leal convosco, pois que ambos somos professos d'ordens monasticas, e mal não deverá parecer a um, o que pensar ou desejar outro confrade, embora de diversa ordem, ou instituto.

— Fallae, pois, que nada estranharei ou levarei a mal.

-- Os vossos discursos religiosos teem operado na cidade conversões de pessoas d'ambos os sexos, taes são elles substanciosos, elevados e sentimentaes. Prégastes ha pouco no Convento Novo em favor das ordens religiosas e de sua vida, e com tal exito, que tanto homens como mulheres

se preparam para entrar em conventos e 'nelles professar.

— Á graça do Espirito Santo se deve esse effeito e não aos meos merecimentos. Se elle não baixára a se incarnar na minha mente, coração e voz, por certo sería fraca minha palavra, frias minhas razões, sem efficacia o que eu disssera, e . . .

— Sim, sim, atalhou o Prior dos Descalços: o Espirito Santo ampara-vos sempre, e oxalá vos não desampare nunca, maiormente agora que do seo auxilio d'elle careço eu, carece a minha ordem.

— Explicae melhor vossa intenção.

— Peço a Frei José de Jesus Maria Machoca haja por bem de prégar outra vez contra a bondade do viver claustral, dissera seccamente o carmelita.

O Vieira eborense pasmou de tão insolito pedido! Nunca podéra crer que um frade lhe fizesse tão estranha rogativa. Permaneceu pensativo alguns instantes, como quem procura a causa e a resposta, e sem achar a primeira encontrou a segunda:

— Se tal pedido me fizera um secular mundano, razão teria, e facil explicação. Agora vós!

— De bem pouco vos admiraes, volveo o Prior. Exactamente por ser eu quem vos faz o pedido, eu, um religioso como vós o sois, é que o deveis acceitar, por ser elle a expressão do muito zelo e amor religioso que me animam. As conversões que fazeis nem sempre são das mais uteis á religião catholica, por introduzirem 'nella homens e mulhe-

res sem disposição legitima para o estado que vão tomar. D'aqui os máos frades, e as más freiras, o descredito religioso, emfim, que ambos devemos combater, pugnando calorosos pela pureza da fé, em tempos como estes, que tão máos vão para seo prestigio e predomínio abalados.

— Não posso comprehender como sigam uma carreira na vida aquelles que d'ella não gostarem. Máos religiosos houve, ha e haverá sempre. A causa desses desvios vem da natureza humana, da fraqueza congenita e das . . .

— E das falsas vocações, atalhou o carmelita, podeis crel-o.

— Eu é que não sei onde começam as falsas para recommencarem as verdadeiras.

— Não sabeis?! Pois eu vol-o ensino. São falsas as vocações dos filhos que os paes compellem á vida religiosa; falsas as dos que por desgostos mundanos buscam o abrigo claustral, e falsissimas as dos que, por fracos da razão, se deixem engodar do embude de vossos argumentos, fascinar do ouropel e lantejoulas de vossas palavras. Quando 'nalma não exista natural predisposição para o sacerdocio, nem austeros frades, nem vestaes haveis.

— Desse modo desnecessaria será a prédica, a conversão, o missionar evangelico a gentios: busque-nos quem tiver vocação, dissera o Machoca.

— A gentios, não, accudio o carmelita; porque esses nada conhecem além do seo viver nomada em dibras ferozes. Carecem de cultivo essas almas

brutas. Porque não exerceis vós 'nellas o vosso trabalho de conversão? Ahi, sim, poderieis vir a ser um segundo Francisco Xavier. Agora, aqui, em Evora, farta de conventos e de casas religiosas, é que me parece um desserviço á religião o vosso trabalhar; porque deveis crer que seos habitantes têm perfectas noções da religião e sabem á maravilha o que são falsas e verdadeiras vocações.

O Machoca começava a não gostar da linguagem do Prior, que censurava seos actos, e não atinava de modo nenhum com a causa de tão estranha aggressão. Quiz ver nas idéas do adversario inveja ao seo talento, por não ter a Ordem do Carmo um orador como elle era. Afagando este pensamento, e para pôr termo á conversação, respondeo-lhe:

— Podia continuar a combater-vos; mas, não o faço. Deixo-vos com vossas crenças sobre falsas e verdadeiras vocações religiosas, e concluo por vos affirmar que continuarei a prégar a palavra de Deos aos eborenses, sentindo não poder servir-vos, não poder dar de mim no pulpito uma prova contradictoria do meo pensar 'nestas materias.

Aqui entendeo o descalço que devia soerguer um pouco o manto que velava suas intenções, afim de ver se o Machoca se resolvia a acceder.

— Mas, Frei José, olhae que me não fazeis a primeira cousa que vos peço e que muito interessa ao meu convento, e á minha Ordem, e a mim especialmente.

— De novo, repito, sinto não vos servir; talvez

que, quando me fizerdes segundo pedido de outra natureza, o possa fazer.

— Bem, bem, não insisto, e mandarei aos meos Padres fazer essa predica, prégar a cruzada contra as falsas vocações religiosas. Tenho aqui Frei Felix do Espirito Santo que o fará habilimamente, como deveis presuppor.

— Ah! esse sim, que nem precisa prégar; basta-lhe os exemplos que dá.

— Não vos comprehendo, dissera o contendor, com ares e modos de pasmo e de sonsisse. — Aca-so não é morigerado e modelo de bom porte?

— Tudo isso tem elle, não o nego, e por essa razão vos digo que lhe bastam os exemplos para servir bem a religião. Não carece de freiras para conseguir beatas, e talvez, santas um dia.

— Explicae-vos.

— Preciso não é; vossa Paternidade sabe, de-certo, que Anna de Jesus, confessada de Frei Felix, começa de passar aos olhos da cidade por sin-cera beata e santa, sem que 'nella haja a intenção de buscar um convento para 'nelle exercer suas virtudes e mesmo milagres; tudo isto é obra d'elle, inquestionavelmente bem feita, acabada, res-pon-dera Frei José, com manifesta dobrez anti-religiosa.

— Se o que dizeis não fôr resultado de falsa informação, saberei que Frei Felix já trabalha para o fim que tenho em vista, e 'nesse caso, não me fará falta a vossa coadjuvação. Indagarei. E er-guera-se, acto logo seguido de Frei José.

Despediram-se. No corredor do dormitorio pas-

seiava o leigo introductor, que acompanhou á portaria ao portento oratorio.

O Prior dos Remedios ficou satisfeitissimo ao saber que já na cidade se fallava na beatitude e santidade de Anna de Jesus, confessada de um seo frade, e Frei José Machoca saira a pensar no fim de tão singular conversação e murmurando: *latet anguis* . . .







### XIII

#### Cousas e lousas

**N**or o quartel de cavallaria 5 construido no seculo passado, sobre as ruinas de uns antigos *castellos* na muralha fernandina da cidade. Não está bem estudado este ponto historico quanto ao braço que o mandára construir, vo-gando na tradição local ter sido o do povo, para se isentar de aboletamentos. Que foi bem construido, em harmonia com os preceitos especiaes e adian-tamento da epocha, é fora de duvida, sendo um dos primeiros do paiz. Entremos 'nelle e façamos uma visita ao tenente Valejo, que está doente e bem mal ferido.

Entremos-lhe no quarto. Jaz o doente no leito resupino, com ordem expressa de se não voltar. O medico José Joaquim Valladares e o cirurgião José Gomes Regalo o conversam, depois da visita scien-tifica. Não é perigoso o seo estado; mas delicado, pois que tem o peito atravessado por uma bala, que lhe foi extrahida com difficuldade da região

intercostal, onde se alojára, sem ter tido força para sair, e que só ao cabo de larga pesquisa fôra encontrada.

Apesar de Valejo occultar pormenores do acontecimento que o ferira, na cidade circulavam boatos sobre o caso, como o leitor já sabe, se recordar o dialogo havido na pharmacia do Penedo entre este e o seo collega conventual dos Remedios. Na visinhança do quartel o facto tomára proporções muito grandes, espalhando-se que Valejo não escapava. Era assumpto muito discutido o da causa, como o da perda do homem, que no bairro era muito conhecido, como quem 'nelle se creára de pequenino com mulheres e homens que teriam a idade d'elle, approximadamente. Apesar dos defeitos que lhe conheciam, pessoas havia que o lamentavam, lembrando-lhe a alegre conversação, sem que podessem ao certo precisar a origem do conflicto em que fôra ferido.

O leitor, porém, mais bem informado e melhor avisado, sabe já o como elle foi ferido e por quem, sem que preciso seja recordar-lhe o passado, tão atilado o considero, como lembrado da notavel lucta no Rocio, entre Frei Felix e o vulto vestido de escuro.

Disponham-se a sair os dois sabios facultativos, seriam onze da manhã, quando á porta do quarto bateo de leve o camarada de Valejo, aquelle soldado, João Branco, que já vimos amparal-o e ajudal-o a entrar no quartel, 'naquella noite em que ferido.

Abrio a porta Valladares e deparou não só com o soldado senão com uma mulher sua conhecida, que o acompanhava e pretendia fallar e ver ao doente. Era Anna de Jesus! Era a confessada de Frei Felix, talvez amante d'elle, que lembrando a infancia de ambos e ouvindo dizer que Valejo morreria, vinha visital-o.

É occasião esta para certificar ao leitor que Anna de Jesus nunca dera ouvidos ás fallas amorosas d'este seo companheiro dos brinquedos infantis. Não o podia amar; havia um não sei quê no seu gosto d'ella, no seu escolher, nos seus sentimentos estheticos, que a levaram a repellir os requiebros do enamorado companheiro da meninice, os galanteios d'elle. Isto não sabia Frei Felix, antes acreditava ser impossivel o não haver alguma intimidade entre os dois. Este facto verdadeiro produzia effeitos diversos: em Fr. Felix os do ciume horrivel, em Valejo os da inveja do despresado, os de ciume tambem do preferido, de Fr. Felix.

Mas como vinha ali Anna de Jesus? Anna, que o despresára sempre? Vinha por natural bondade, vinha impellida do remorso, ao ouvir dizer a uma vizinha que fôra Fr. Felix quem pretendera matar o tenente Valejo. Julgava-se culpada, vinha pedir-lhe perdão, vinha forçada já do estado em que lhe andava o espirito conturbado com idéas religiosas. Era manifesta fraqueza; porque nada tinha ella que ver com as acções do confessor, nem culpabilidade que merecesse perdão. O não poder amar Valejo não era um effeito da sua vontade, era-o de

seo feitio, de seo temperamento, de não ser este o ideal dos seos devaneios amorosos.

—Tu por aqui! Anna; o que queres? perguntára Valladares.

—Quero ver o tenente Valejo, quero fallar ao meo companheiro de infancia.

—Não pode ser, Anna: o estado delle é grave, gravissimo, e a tua presença pode-lhe causar alguma excitação prejudicial.

—Não, não causa, deixem que o veja ao menos.

Este breve dialogo passava-se entre a porta, e Valejo ouviu que havia alli uma voz de mulher, voz que não conhecera, e pediu a Gomes Regalo que a deixasse entrar.

Não se oppoz Valladares e Anna entrou.

Mal o doente a encarou, sorriu contente, fez um esforço no leito para se assentar 'nelle, correndo logo os dois a estorvar-lhe o movimento, enquanto a beata ajoelhára junto do catre, dizendo:

—Perdoe-me, sr. Valejo, se alguma culpa tenho no mal que padece.

—Obrigado; não me fizeste mal nenhum, querida Anna.

—Falle pouco, dissera Valladares.

Anna permanecia ajoelhada e tomava a mão do doente, que apertava nas suas.

—Fico-te muito obrigadô, Anna: resgataste o teo desamor para comigo 'nesta visita.

—Eu sempre fui muito sua amiga, acredite-me.

—E eu sempre te amei, oh! sempre.

—Não pode continuar a fallar, observára o me-

dico: o tenente carece de muito repouso e quietação: em estando melhor, sim, poderá conversar muito com sua companheira de infancia, que mostra ter-lhe amisade sincera; agora, não.

— Levanta-te, Anna, e despede-te. D'aqui a dias poderás voltar.

Anna de Jesus levantou-se, despedio-se do doente e deo alguns passos para sair.

— Adeos! dissera o doente. Deos te pague o bem que me fizeste, Anna. Oh! mas volta, volta, sim?

— Talvez, respondeo a beata. — Já vou satisfeita, já vou contente, já levo tranquilla a minha consciencia. Adeos, sr. Valejo.

E saíu. O camarada do tenente, que a esperava, a conduzio á entrada do edificio, onde a deixou ir só para o lado da rua da Mesquita, caminho de sua casa della.

— É notavel esta visita! dizia o doente para os dois physicos.

— Sim, é, respondia o Valladares; mas, explica-se. Anna está doente, está hysterica. Dão cabo da rapariga os padres: encontram-lhe a mente fraca e perdem-na. Esta vinda d'ella é manifestação morbida.

— Não será, respondia Valejo, querendo vêr no acto o comêço de retribuição amorosa.

Percebeo-lhe a intenção o cirurgião Regalo, tocou de leve no companheiro, e confirmou:

— Sim, sim, tambem pode ser; mas, o que convem é não fallar mais agora.

Terminou a scena. Esta confirmação do sabio fez bem ao doente, que lá se ficou tranquillo, sentindo o perpassar na mente enfraquecida de idéas alegres, risonhas, promettedoras de felicidade. Grande remedio foi aquella visita, pelo bem moral que deixou no doente. Dias depois eram manifestas as melhoras. Ao cabo de um mez Valejo estava quasi restabelecido.

Emquanto isto se passava no quartel de cavallaria, na cella do Prior dos Remedios se desdobrava outra scena, que importa conhecer. Mandára elle chamar a Frei Felix para lhe dar parte do resultado da pratica com o Machoca.

— Fallei ao homem: não se quer prestar a prégar contra o que expoz no Convento Novo, vendo nisto uma contradição de doutrinas, que lhe fica mal, explicava o Prior.

— Não importa, respondeo Frei Felix: passaremos sem esse auxilio: já mudei de idéas.

— Eu lembrei-lhe que Frei Felix faria essa predica contra a d'elle, derrotando-o completamente, como devo esperar de vosso talento.

— Não préguei ainda, como vossa Paternidade sabe, e não poderá um ensaio ser nunca a desfeita de um pratico general, como é Machoca. Tenho Anna de Jesus ao meu dispôr. Ou eu tenha de a levar á obediencia pelo quietismo, ou de a magnetisar para isso, ella ha de prestar-se a ser o instrumento nas minhas mãos que nos dará um santo para a Ordem.

— Porém, eu prometti ao Machoca que vós o

combaterieis, orgulhoso de vos possuirmos, e antegostando o descredito d'esse insignificante, que deve o nome que tem de famoso orador sómente á preguiça de todos nós. Isto é uma verdade que nos deve envergonhar, Frei Felix.

— Evora, com tantos ou mais conventos do que tem Coimbra, apresenta ao paiz um Machoca por junto! É vergonha para todos os frades, não ha duvida. Mas quê? se a decadencia é manifesta, especialmente depois que o Sebastião José mandou fechar a Universidade! Vida do espirito, vida da intelligencia eil-a por ahi trocada pela do sensualismo nos prazeres da mesa, nos. . .

— Perdão, reverendo Prior: vossa Paternidade sabe que é injusto fallando tão absolutamente, atalhára Frei Felix.

— Sim, uma excepção ou outra existe ainda, que deplorabilissimo fôra não as ter a regra. O que é certo e mais que certo é que vamos transviados, Frei Felix, e, não sei, não sei; mas afigura-se-me que 'num futuro mais ou menos proximo seremos havidos como inuteis, senão como prejudiciaes. O que vae em França, assusta-me. Mas, volvendo ao nosso ponto: acho que fôra excellente a derrota do Machoca, e vós tendes talento para tanto.

— Falta-me a pratica, a experiencia, e bem sabe vossa Paternidade que são importantes os recursos della. Expôr doutrinas contrarias ás do terceiro facil é o fazel-o, agora derrotal-o, não.

— Novo era Scipião e derrotou em Zama ao grande Annibal, disse o Prior.

— Depois de entrar Carthagena e de desfazer Asdrubal em Betula, redarguiu Frei Felix, triumpante.

— Esqueceis o *audaces fortuna juvat*.

— Não esqueço, considero-o inapplicavel ao caso: prometto a vossa Paternidade que por outros meios conseguiremos o fim, e já elles vos são conhecidos.

— Pois seja assim, com pesar o digo; porque me regalaria uma boa carga no terceiro.

— Não faltarão occasiões, concluiu Frei Felix. Hoje á noite irei a casa de Anna de Jesus e lá a sujeitarei a nova experiencia.

— E porque não será aqui mesmo? Estou com bastante curiosidade não só de vêr taes experiencias como de conhecer de perto o estado em que ella fica, a duração d'elle, e a ella propria, que não vi ainda, dissera com reserva o Prior.

— Singular lembrança é a de vossa Paternidade! e não vejo por minha parte inconveniente: o caso está em Anna de Jesus se prestar a vir aqui. E mesmo que ella o queira, como introduzil-a sem que se saiba?

— Como? Pelo processo que vós seguis saindo deste convento, a horas altas da noite, disfarçado, a occultas.

— Pode ser; mas acho arriscado. Julgo mais seguro visitarmos nós as nossas confessadas e não ellas a nós. Assim o querem. . .

— Nada, disse o carmelita; ha de ser aqui, e mesmo para evitar mais murmurações e escandalos...

Batera no alvo o Prior. Mostrava estar este ao facto do occorrido na celebrada noite encontro. Frei Felix não gostou da allusão, allusão que não esperava se lhe fizesse. Animou-se, comtudo, a responder altivo, talvez porque se cresse com direitos para isso.

— Essas murmurações são exageradas, por não dizer falsas.

— Mas o tenente Valejo está mortalmente ferido, e não são falsas estas informações, que tenho, nem falsa a bala que lhe atravessou o peito.

— Nem falso o golpe que se cruzou com ella. E' de direito natural a propria defensa. E depois... vossa Paternidade mesmo sabe que não é isento de murmurações...

Estas palavras eram graves. Eram uma censura em côro com outras, que um frade não podia fazer impunemente a seo superior, sem incorrer em severas penas e castigos. O Prior dos Remedios pasmou da audacia. Aprumou-se sisudo, permaneceu alguns segundos a encarar o frade e a scismar na causa de tamanha audacia. Saberria Frei Felix que o Prior tambem visitava, por horas mortas e com disfarces, a sua confessada Alvim de Mello, reclusa no convento de Santa Monica? Saberria elle?... Mas era impossivel saber mais, conjecturou instantaneo o arguido Prior. Seguidamente limitou-se a responder:

— Calumnias e falsidades são o apanagio de nós todos. Pobres frades! Importa-nos não dar aso a murmurações, Fr. Felix; e por isso é que mais in-

sisto agora na vinda de Anna de Jesus a este convento, onde lhe fareis nova experiencia, a que muito desejo assistir. Vede se a resolveis.

— Não posso certificar que a resolverei; entretanto, prometto a vossa Paternidade envidar os esforços da persuasão para isso.

— E os da auctoridade, concluiu o carmelita.

— Tambem os empregarei.

A scena terminou pacifica, não obstante a tempestade, que ia provocando.

Fr. Felix, fizera a primeira experiencia por se certificar de boatos que lhe tinham chegado ao conhecimento, e por ver se, na realidade, dominava ao Prior dos descalços.

Ao notar o silencio cogitativo do superior, quando o ferio com a allusão que o leitor ouvio, de visitar uma confessada em Santa Monica, que outro alvo não mirava Frei Felix, começou a convencer-se de que não tinha já razão de ser a resposta que elle dera, sendo creança, a um frade da Terceira Ordem, em Valbom, ao perguntar-lhe por seos paes, e disse lá muito de si para si: hei de saber tudo.





## XIV

### Magnetismo e Hypnotismo

**R**EI Felix do Espirito Santo promettera, como o leitor vio e ouviu, resolver Anna a consentir em nova experiencia e porventura ultima, na cella do Prior dos Remedios.

Esperou a noite, e lá por onze horas della saio do convento no disfarce que lhe conhecemos; mas desta vez, não pela portaria, mas subindo o muro da cêrca com auxilio da escada de corda e descendo-o para a estrada de circumvallação. Deixou a escada pendente, como de outras vezes, certo de que ninguem daria por ella no escuro do ponto em que descera.

Seguiu seo caminho por noite nebulosa, e desta vez, mais feliz do que na conhecida do leitor, que de tanto susto e perigo lhe fôra. Foi entrar á Porta da Mesquita, cortou sobre a direita pela rua do Valasco e Travessa do Pão Bolorento.

Ao chegar á porta de Anna de Jesus, exacta-

mente quando ia para bater as convencionaes pancadas, sentio que a fechadura gemia no correr da lingoeta e afastou-se apressadamente, por ver, a distancia, quem sería que vinha para sair.

Deserta e silenciosa era a rua, e Frei Felix poudo coser-se com uma porta ogival um tanto profunda, que perto havia.

Sairam tres homens de casa de Anna de Jesus, dos quaes só um pareceo ao frade ser o cristaleiro do hospital. Mal elles haviam dobrado alem a esquina, seguindo para baixo, para o hospital, correo Frei Felix á porta, bateo, abriu-se aquella, e entrou.

Anna de Jesus parecia ter os olhos chorosos, estava pallida, inquieta. Isso notou logo o frade, que se animou a lhe perguntar a causa:

— Que tens tu, minha querida Anna, que tão triste me recebes? tão friamente?

— Triste! eu? Não, eu não me sinto triste, e se o pareço, não sei:

Não insistio o frade em fallar em tristezas, antes houve por melhor, tatear o terreno que tinha de percorrer aquella noite:

— Quem saíu agora d'aqui com teo pae?

— Com meo pae? com meo pae? E callára-se.

— Pois não seria teo pae o homem que vi sair d'aqui?

— Era.

— E quem os dois, que o acompanh m? Anna desatou a chorar, a soluçar e nada respondeo, sentando-se cabisbaixa 'numa cadeira proxima.

Era claro que alguma cousa fóra do commum se passára 'naquella casa, que Frei Felix queria conhecer. Vendo o estado de sua amada, pareceo-lhe não dever contrarial-a, não dever impor-lhe o preceito de fallar e dizer que homens eram: os que saíram d'aquella casa, como explicar o fim com que vieram. Mudou de rumo, navegando para outro porto.

— Chorar! Porque choras tu, minha querida Anna? e buscava uma cadeira perto da della, em que se assentou. — Tu, que tão alegre foste sempre, pensativa e triste ha uma temporada! Falla-me, oh! conta-me bem tuas maguas para eu t'as suavisar. Sabes como te amo, como loucamente te adoro: não me faltes com teos affectos, anjo do céo! porque tu és um anjo de Deos, não és?

De proposito fallára assim o frade para lhe fazer vibrar duas cordas do sentimentalismo, bem certo que vibrariam, tanto elle a conhecia!

— Ai! quem me dera ser um anjo do céo! Como eu sonho com elles, como os vejo, como elles me esperam! respondera Anna de Jesus.

— Sim, esperam e lá irás juntar-te com elles quando a Deos aprouver, que só elle sabe o quando será.

— Mas, eu preciso para isso de fazer confissão geral de meos peccados, entrar 'num convento, viver outra vida de santidade. Oh! ajuda-me, meo Felix a adquirir a posse da suprema bemaventurança!

— Sim, ajudo; a confissão geral começará ama-

nhã, no meu convento, e a continuação das provas para a nova vida que pretendes viver, hoje mesmo deve ser feita.

— Mais experiencias! O' meu Felix, eu não me sugeito a mais. Fiquei tão mal na primeira. . .

— Vês tu? Pensas ter disposições para a vida claustral de santidade, e falta-te a principal d'ellas, a da obediencia!

— Mas eu obedeço ao céo, aos anjos d'elle, á Virgem Maria. Oh! lá está ella cercada de todos no seu throno de estrellas a chamar por mim! Olha, Felix, não vês? não vês?

E Anna de Jesus erguera-se repentina, como impellida de mola potentissima, dera dois passos, e, naquelle ponto da casa, braços erguidos, olhos fixos no alto, nos bicos dos pés, trememente, permanecera em extasi perfeito de quem vae subindo, subindo em assumção para o céo. Pasmado estava o frade! Contemplou-a um instante; e, repentinamente, como em obediencia a subito pensamento, corre a ella pela parte posterior e começa de a magnetisar pelo mesmo processo que já lhe vimos empregar de outra vez. Feitos os *passes* sufficientes, Frei Felix poz-se diante d'ella, observando-a. A mesma posição de braços e olhos; apenas se não sustinha já nos bicos dos pés. Isto notado, toma a cadeira, aproxima-a de Anna e diz-lhe: — Assenta-te.

Anna assentou-se logo com movimento abrupto. Frei Felix sorriu. Estava em frente de um ataque formal de hysterismo-magnetico-hipnotico.

Acreditava na sciencia. Dos labios da beata caía alguma baba esbranquiçada e ouvia-lhe Frei Felix um ruido profundo no peito e larynge. Tomou o pulso á doente, sorrio. 'Nisto, collocado curvo diante d'ella, esfregou-lhe levemente as palpebras, e os olhos fecharam-se. Os braços, que ainda permaneciam erguidos, levemente compellidos por Frei Felix tomaram a natural posição, ficaram pendentes.

Todo era contentamento o frade, ao notar taes phenomenos. Depois de pensar um instante, Fr. Felix collocou-se diante della e perguntou-lhe:

— Como te sentes ?

— Bem.

Assombro ! Outra conquista scientifica.

— Onde estás ?

— Em casa.

— Quem te falla ?

— Fr. Felix.

— Donde vieste agora ?

— Do céo.

Esfregava o frade as mãos de contente, dava pullinhos, sorria feliz. Achára o meio de fazer um santo para a sua Ordem, sem que preciso fosse intervir o Machoca com discursos deslavados. — Bem, muito bem; já posso saber quem veio a esta casa antes de mim. E continuou a interrogar :

— Quem saio d'aqui, antes de eu entrar ?

— Meo pae, o tenente Valejo e um soldado.

O frade recuou hirto, assombrado.

— A que veio elle ? perguntou, irado.

— A agradecer a visita que lhe fiz.

Outro assombro! outro desengano para o seo coração! Anna tinha-lhe mentido sempre, Anna visitava por vezes o tenente Valejo!

— Mulheres, mulheres! exclamára iracundo, e se vivera em nossos dias blasphemaria como Castilho:

«Mulher! que mixto horrendo és tu na terra,  
Para unir crimes taes com tanta graça?  
Podesse uma só nau contel-as todas  
E o piloto fosse eu! Triumpho eterno;  
Livre era o mundo e os seculos vingados.»

Arrependido momentaneamente de ter feito tal experiencia e pergunta; mas, sedento de proseguir em indagações, continuou:

— Porque visitaste o tenente?

— Porque morria por minha causa.

— Não tinhas culpa.

— Tinha, não o amando; tinha remorsos.

— Então nunca o amaste?

— Não.

As respostas de Anna de Jesus saíam-lhe profundas, difficeis; a espuma augmentava nos cantos da bocca, tremiam-lhe os labios, suava. Frei Felix parou. Correo a ella, deu-lhe leves córs no cucuruto, fez-lhe uns *passes* differentes dos primeiros e ajoelhou diante d'ella. Anna accordára, começando por abrir os olhos e por levar uma das mãos ao coração e outra á cabeça.

Quando Anna recuperou cabalmente o estado

normal vio ajoelhado a seus pés o amante tonsurado, desfeito em carinhos.

— Ai! como eu te amo, minha Anna!

— Sim, sim; mas ergue-te, e assenta-te aqui ao pé de mim.

Obedecera Frei Felix, e ambos proximos encetaram nova conversação.

— Ainda persistes na idéa de confissão geral?

— Ainda.

— E queres começar amanhã?

— Quero.

— Bem; apparece nos Remedios ás nove da manhã, que lá terás confessor.

— Lá terei confessor! Pois não serás tu?

— Não o posso ser, bem sabes que tambem eu preciso de confissão geral de meus peccados: somos ambos peccadores. . .

— Mas eu não me posso confessar a mais ninguém, meu Felix. . .

— Podes e has de confessar. Será teo confessor o que eu escolher.

— E quem, quem será?

— O meu Prior, confessor capacissimo, prudente, virtuoso. . .

— Terei vergonha delle. . . tenho peccado tanto. . .

— Peccadores somos todos, minha amiga; mas Deos por sua infinita misericordia a todos perdoa, e ai de nós, se assim não fôra!

— Então, poderei eu ser perdoada? perguntára Anna.

— Quem o duvida? Pois não o foi Maria de Magdála?

— Não conheço essa rapariga: é cá da cidade?

Fr. Felix sorriu com a simplicidade da beata meio feita, e respondeu-lhe:

— Nem tu conheces outra cousa! É Santa Maria Magdalena.

— Ah! . . . dissera Anna, e ficára pensando.

— Então, vaes amanhã, não é assim?

— Vou.

Terminára a conversação de interesse religioso e começára outra de interesse pessoal. Não precisamos conhecê-la. Basta que o leitor saiba que Frei Felix recolheu ao convento sem máos encontros.

Sómente lhe aconteceu um caso que não lhe tinha succedido. Ao chegar ao sitio escuro do muro do convento, onde deixára a escada de corda, não a encontrou. Admirou-se bastante do acontecimento, buscou-lhe a explicação, que tambem não encontrou, e tomou o expediente de ir entrar á portaria, que se lhe abriu como de costume, sem espanto do leigo porteiro.

O Prior dos Remedios velava ainda. Tinha por costume não se deitar sem que Fr. Felix recolhesse. De ha muito o fazia elle, mormente quando o dilecto inferior saisse. Frei Felix não o sabia; mas passando pela porta da cella do seu amigo e vendo luz dentro, bateo duas pancadas 'nella. Abriu-se aquella porta sem que preciso fosse o perguntar quem batia.

—Tão tarde, Frei Felix! A communitade murmura... vede bem, sede cauto, dissera o Prior.

—Descance vossa Paternidade e confie em mim. Houve mais demora hoje, é certo; porque tive grande trabalho em convencer Anna de Jesus a vir a este convento fazer a teimosa confissão geral, que se lhe não tira do espirito.

—E vem?

—Virá.

—E fareis 'nella a experiencia diante de mim?

—Já fiz a ultima; porém, se vossa Paternidade muito o desejar outra se fará.

—Não, não. O que me importa saber é se por meio do magnetismo, sem que tenhamos de lhe extrahir do pensamento a ideia da profissão, conseguiremos que ella se preste a fazer-nos o santo.

—Certamente que fará. Vossa Paternidade não pode fazer ideia dos resultados maravilhosos que hoje obtive: são de espantar, assombrosos!

—Obedece-vos então cegamente?

—Cegamente e inconscientemente.

—Isso é de espantar!

—Vel-o-á vossa Paternidade.

—Combinemos então o plano da scena final.

—Hoje, não, se vossa reverencia o permite. Quero pensar 'nesse plano, e bom é que vossa Paternidade o mesmo faça. Anna ahi vem ás nove horas da manhã, para fazer confissão geral, e 'nessa occasião ajustaremos as cousas. Emquanto vossa Paternidade a confessar estudarei eu o plano.

—Confessal-a eu! De modo nenhum. Vós sois

quem a deve confessar, como seo confessor que sois.

— Eu, não; tenho escrupulos.

— Tambem eu os tenho.

— Vós! Não atinjo. . .

— Nem é preciso; confessai-a vós, ainda que não seja senão *pro forma*. O melhor era tirar-lhe isso da cabeça. . .

— Bom: a noite vae alta, dissera o Prior carmelitano, olhando um relógio de parede que marcava tres horas da manhã; deitemo-nos e amanhã se combinará tudo. Adeos.

— Até amanhã, ou até logo, respondera Frei Felix, e saíra.

Quando Frei Felix se deitava para dormir um somno de bemaventurado, um gallo de capoeira conventual soltava uma gargalhada, no seo primeiro canto matutino.

Vida de muito invejar foi a vossa frades! Vasta livraria para alimento dos que tivessem espirito; farta mesa para os do estomago, que todos tinham; carencia de cuidados; respeito de todos; coração amortecido para affectos humanos. . . tudo, tudo havia nos conventos! Ai! e que eu viesse ao mundo depois de vós! No vosso tempo fôra um legitimo frade, hoje, apenas o sou *in partibus*, pintado.



## XV

### Os frades e a beata

**N**o convento de Santa Monica adoeecera entretanto a recolhida Alvim de Mello. Tomou grandes proporções a doença; promettia desenlace fatal.

Um dia pedio ella ao confessor do convento, o Padre Timotheo, que lhe levasse Frei Felix do Espirito Santo, a quem pretendia fallar antes de morrer.

Preparadas as cousas, estando Frei Felix no quarto da recolhida a sós com ella, no dia seguinte ao da scena final desta historia, a moribunda lhe disse com voz sumida:

— Frei Felix, abra aquelle cofre e tome o que lá estiver.

Admirado estava o frade com tal acontecimento: nunca vira nem fallára com aquella senhora e apenas sabia de sua existencia, por alguns ditos vagos, que lhe tinham chegado aos ouvidos. Curioso

e abaejar. Jo saber o que ignorava, e o trazia apprehensivo havia tempo, deixou-se ir atrás do que lhe pareceo uma aventura. Abrio o cofre de páo preto com chaparia de ferro e vio dentro um embrulho, que tomou nas mãos. Pesava. Foi com elle á doente e disse-lhe assim :

— Aqui está o que encontrei no cofre.

— Leva contigo, Timotheo, leva isso, dissera a custo.

O frade pasmava. Tratado por tu por uma senhora que nunca vira, ou de quem se não lembrava, tendo ouvido dizer que o Prior dos Remedios era confessor della, e lembrando as regalias que tinha no convento, regalias que a nenhum outro frade se concediam, começou de formular entes de razão especiaes e a entrever um mysterio em tudo aquillo, de que não sería difficil brotar a origem de seo nascimento. Inquirio :

— E que destino darei ao que levo? perguntou á doente.

— Faze disso o que quizeres; é teu.

— Porém, não comprehendo. . .

— Tu o saberás. És padre; tens poder para perdoar peccados: perdoa-me os que tenho, e. . .

Interrompeu-se, cravou a vista languida, amortecida no frade, contemplou-o, e caio num marasmo e prostração mortaes.

Frei Felix, ao ver entrar nos paroxismos da morte aquella mulher, saio rapido, sobraçando o embrulho, e foi dar parte ao Padre Timotheo, que o esperava fora. Entrou este no quarto de Alvim de

Mello e só encontrou um cadaver. Voltou a dar parte da morte d'aquella senhora e já não encontrou a Frei Felix, que tinha acabado de transpor a portaria com a trouxa, como em tempos passados o Padre Timotheo com um exposto para a roda.

Ancioso de saber o que continha aquelle embrulho pesado, entrou rapido no seo convento e na sua cella. Correo ao embrulho, que abriu. Continha encartuchada porção grande de dinheiro em ouro, dos reinados de D. Pedro II e de D. João V, algumas joias e um papel subscriptado para Frei Felix. Leo: *Filho, lego-te o que tenho, como devo: desveste-me o ser, devo-te os meos haveres. Foi-te um mysterio a origem. Agora o conheces. Teu pae é o Prior do teu convento. Perdoa aos dois.*

*Tem-me elle evitado; eu só lhe fujo na morte.*

Confirmaram-se a Frei Felix as suspeitas que lhe andavam no espirito, de que era filho do Prior dos Carmelitas descalços! e de uma recolhida de Sancta Monica.

— De modo que já tenho paes! exclamára sarcástico.

Fechados aquelles valores, trazidos de Sancta Monica, arrecadado em carteira recondita aquelle papel, Frei Felix olhou um relógio: e ao ver 'nelle indicadas nove e meia da manhã, saíu da cella e desceo á Egreja. Lá estava já Anna de Jesus á espera d'elle, para a promettida confissão geral.

Mãos á obra poz logo o frade, conduzindo-a para uma capella escura lateral, á parte esquerda de quem entra na egreja, e ali começando a rece-

ber o despejo de peccados que do peito ía fazendo a quasi beata.

Alijada grande carga de lastro peccaminoso d'aquella barcassa em mar de tempestade preconceituosa, e sendo já onze horas da manhã, Frei Felix poz ponto a mais descarga, adiando para o dia seguinte o acabamento da obra. Nisto entrava na egreja o Prior do convento, olhando para toda a parte em procura d'aquellas almas contaminadas.

Ao avistal-o, Frei Felix saíu do canto escuro da capella onde fazia a limpeza interna da Anna de Jesus, e foi ao Prior.

— Então ? está isso prompto ?

— Acabo de adiar a confissão para ámanhã, respondera o frade ao seo Prior.

— Nada ; sou de parecer que fique feita hoje. Voltae ao trabalho.

— Porém Anna . . .

— Dizei-lhe que o ordeno eu, eu que tenho poderes para isto. Ide ter com ella, que eu vou providenciar para que ambos entrem na minha cella sem serem vistos dos conventuaes.

Frei Felix voltou á descarga d'aquella almadia avariada e o Prior entrou no convento.

Uma campa tangida logo, annunciava a entrada dos frades em suas cellas, e o fechar da portaria para toda a gente.

Como se fóra de noite, tudo ficou em silencio e deserto no convento.

Pensava deste modo Frei Manoel de S. Carlos poder metter na sua cella a Beata Anna de Jesus

sém ninguem dar por isso. Forte cegueira! Bastava uma ordem d'aquellas a tal hora do dia para haver no convento uma tempestade de murmurações, desde o cosinheiro ao boticario. De mais, estava aberta a egreja, e ainda se via uma ou outra beata assentada em doce tranquillidade 'nella; e como é sabido de todos, são estas innocentes mulheres as primeiras a envenenar os actos de seos semelhantes, em que se veja cousa que lhes pareça estranha, que fuja ao pautado honesto de suas obras castas, ao menos na apparencia.

Dadas taes ordens, o Prior desceo á egreja, percorreo-a com a vista e notou, com desagrado, o facto de 'nella estarem as taes beatas sem cuidados. Homem de expedientes, disse para uma, como para todas, que saíssem; porque se ía fechar a egreja, por já ser tarde. Saíram as mulheres, effectivamente, mas, claro estava, lá foram peccando em cochichada e santa murmuração:

— Ainda se não vio uma cousa assim! dizia uma.

— Está perdida a religião, accrescentava outra.

— Não saberia elle que a filha do cristaleiro lá estava na capella? perguntava a menos austera de juisos temerarios.

— Ora essa, senhora Marcellina Angelica! Pois não o vio estar a fallar antes com Frei Felix? Ali ha cousa, e grande cousa! olé se ha! confirmava a primeira.

— Dá-me que pensar o caso! dizia a segunda.

— Teria saído a Anna sem nós darmos fé? continuava a duvidosa.

— Isso sim! qual sair! O que ella ainda não tinha feito era entrar.

— Entrar . . . entrar . . . não sei para onde, outra perguntava.

— Ora, para onde! lá para dentro, respondia a primeira que levantára esta lebre.

— Exactamente, confirmava a segunda das beatas. Olhem, quando ainda vivia o meu primeiro confessor, aonde isto já vae! era eu nova, e muitas vezes me confessou elle na sacristia . . .

— Talvez a queira confessar na sacristia, concluia a terceira mulher.

E continuaram a subir a rua de Alconchel 'naquelle santo intertenimento d'alma, um dos degraus da escada que as levaria direitinhas ao céo, vestidinhas e calçadas, de capella e palmito.

Emquanto Frei Felix saía da escura capella com a confessada, preparava o Prior a primeira scena da comedia, que ali devia ser representada 'naquelle egreja. Ajoelhava sobre a campa de Frei João de Santa Theresa, de braços abertos, cabeça levemente levantada, olhar no céo. Quando percebeo que a beata o via em cheio, foi-se deixando curvar lentamente até ao chão, que beijou mui reverente, e poz-se em pé acto continuo.

Frei Felix fez logo o mesmo que fizera o Prior ajoelhou sobre a pedra e beijo-a. Notou a beata aquella reverencia para com o morto que ali jazia e sentio-se com vontade de os imitar. Em actos externos se manifestou ella por modo que Frei Manoel de S. Carlos os notou, e lhe disse:

— Filha, se tens impulso d'alma para beijar a campa do virtuoso irmão Frei João de Santa Theresa, não hesites, que a hesitação é um peccado neste ponto.

— É' aqui? Não sabia, disse Anna, correndo a ajoelhar-se no granito sagrado.

Emquanto ella ajoelhou e beijou a campa, o Prior do convento cruzára um significativo olhar com Fr. Felix, juntamente com um sorrisinho de maxima satisfação.

Erguera-se Anna de Jesus. O Prior virou-se para ella e perguntou-lhe:

— Então, já está confessada, não é assim, filha de Jesus Christo?

— Já está confessada, respondeo o confessor, mas não absolvida.

— Ah! sim, essa absolvição pertence a mim o dal-a, dissera Frei Manoel. Antes, porém, visto que geral foi sua confissão, é preciso que eu lhe faça algumas perguntas essenciaes, sem o quê, não a posso absolver.

— A mim! dissera Anna de Jesus, muito admirada.

— Sim, a ti, minha confessada, accudio Frei Felix. Sem que t'as faça não serás absolvida, e terás de ir impenitente, precíta. Deus te livre! Obedece.

— Não posso obedecer senão ao meu confessor, respondera a moça.

— Não pensas bem, filha de Deos; pois não vêst tu, que sendo a minha ordem como um corpo, cuja

cabeça em Evora é o meo Prior, e sendo eu membro desse corpo, a quem tu obedeces, não vês, repito, que quem obedece ao membro deve também obedecer, e com mais razão, á cabeça que gera, concebe e ordena? Sem esta inteira obediência não ha a salvação que desejas. Lembra-te que a humildade e a obediencia são duas das mais refulgentes pedras da corôa de Christo, Redemptor nosso.

Este arrasoado de Frei Felix fez calar a beata, que se prestou ao que quizessem os dois.

— Sigam-me, dissera imperioso o Prior do convento, e caminhára na frente. Foram os tres e entraram na cella prioral, cuja porta se fechou logo.

Não eram passados cinco minutos e já no corredor Frei Pedro do Rosario e Frei Francisco da Assumpção, pé ante pé se dispunham a escutar á porta do Prior. O caso era novo na casa. Tanger a campa a silencio e recolhimento ás onze horas da manhã!

Emquanto no convento lavra a murmuração e alguns frades tentam atinar com a causa de tão estranha ordem, lá dentro da cella se passa o seguinte:

— Sabes, minha filha espiritual, que morreo 'nesta casa Frei João de Santa Thereza, um santo, um santo a quem só falta a confirmação do Santissimo Padre para o ser em todo o mundo catholico? começára a dizer o Prior.

— E precisamos de ti, Anna de Jesus, acrescentou Frei Felix, para nos ajudares a conseguir esta maravilha, a canonisação de Frei João.

— De mim ! Não entendo nada . . . respondera a beata.

— Muitos são já os milagres obrados por este santo, tanto em vida, como depois de morto, como já deve saber, minha filha, continuou o Prior. Mas não bastam ainda. O Santo Padre quer prova mais famosa, um milagre mais fallado. E só vós, com essa disposição de santidade, que tendes, que nós admiramos, é quem nos dará esse milagre mais fallado.

— Porém, como ? perguntára Anna.

Acudio frei Felix:

— Como ? Obedecendo pacientemente a uma prova solemne de tua disposição para a vida claustral, que tanto ambicionas.

— Já duas vezes me prestei a experiencias . . . e ainda é precisa outra ? disse a rapariga.

— Ainda; porque as experiencias que já fiz não são das mais meritorias; obedeceste á minha vontade nellas, e é preciso que obedças tambem á tua.

— Não comprehendo . . .

Correo á brecha o Prior:

— Eu lhe explico: deve prometter e cumprir estar quêda sem bolir nem fallar durante algumas horas. Este quietismo, que lhe peço, será a prova provada da sua vocação religiosa, e alcançar-lhe-ha a absolvição dos seos peccados e a entrada em seguida no convento, que escolher.

— Isso não posso eu prometter; porque não poderia estar muitas horas sem . . . Córara e calar-se.

— No sacrificio da resistencia contra a carne consiste exactamente a prova da sua vocação religiosa, dissera o Prior.

— Não, não prometto, tenho medo. . . Frei Felix sabe-me fazer umas cousas, que nem eu sei o que são, e faz de mim o que quer. Pois que as faça, que 'nisso consinto eu.

— Essas cousas são a *ultima ratio*; porque ás vezes. . . e calára-se Frei Felix.

— Não entendo, tornára Anna.

— Bem, não insistamos, disse então o Prior. Ouça-me, filha, continuou, mudando de tratamento: E' preciso que venha viver para perto deste convento, primeiro ponto; ha de vir todos os dias até ao dia 28 do mez que vem, assistir na nossa igreja e orar sobre a campa do nosso santo, segundo ponto; 'nesse dia ha de se dar por morta na hora que eu marcar, e ha de consentir em vir assim no esquife do convento até a uma éça que estará na igreja sobre a campa de Frei João. Logo que dê pelo sitio em que a collocam, erguerá primeiro a mão direita e abençoará a toda a gente que estiver na igreja, e em seguida viverá e se assentará no esquife. Nessa occasião nós correremos, apeiamol-a e irá para sua casa. Este é o terceiro ponto. Tal é o meu plano, Frei Felix, dissera o Prior. Tendes outro?

— Approvo esse, respondeo Frei Felix, apenas com um acrescentamento. A morta não deve voltar á vida logo que pousada na éça; mas depois de começar o officio de defuntos, para o effeito ser

mais brilhante, surprehendente, obtido por nossas orações.

— Assim será, confirmou o Prior; e voltando-se para a beata: — Consentis em tudo isto, minha filha?

— Se para alcançar a absolvição dos meus peccados e como ultima prova de experiencias de minha vocação religiosa isso se deve fazer, estou prompta.

— Mas, olha bem: que o mais inviolavel segredo nos é preciso, e da tua parte, antes e depois do caso, a maior descripção, vê lá bem. —

— Estou prompta.

— Bem está, ultimou o Prior. E voltando-se para Frei Felix continuou: — Vejo agora algum inconveniente em sair d'aqui esta mulher: vae adiantado o dia; ahi por fora no convento deve haver murmurações, pesquizas...

— Anna que fique até á noite, disse o confessor della.

— Ai! isso não; pois eu hei de ficar aqui? perguntára a beata.

— Has de, por que o quero eu, respondeo-lhe Frei Felix. Nada temas.

— Jantaré comnosco e de noite sairá com seo confessor, confirmou o Prior d'aquella casa.

— Mas...

— E' preciso obedecer, terminou o regente d'aquella casa religiosa, com aspecto severo.

Que resistencia opporia a pobre Anna de Jesus? brinco nas mãos dos frades?

D'ali a pouco estava o convento restituído ao seo costumado viver, tocava a refeitorio, abria-se a portaria.

S. Carlos e Frei Felix jantaram juntos por primeira vez, em companhia de Anna de Jesus, que se não deo mal com a cosinha do convento e com a companhia dos dois fazedores d'ossos e de santos.





## XVI

### No paço e no picadeiro

**C**OMO se vae vendo, a singella acção deste livro caminha para seo desenlace. Traçado fica já o plano do quadro final em que de um embuste grosseiro deve brotar para o martyriologio romano mais um santo de muito venerar.

Prosigamos, pois, a narração para que o leitor conheça bem as peripecias da historia.

Havia tempo já que na cidade se fallava muito na santidade de Anna de Jesus, apregoada desfaçadamente por Frei Felix e pelo Prior dos Carmelitas.

Por tal forma tinha avolumado a corrente que entrára na Inquisição e no paço archiepiscopal, donde mandava o clero eborense o filho dos condes de S. Miguel, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, nascido em 1717, em Lisboa. Foi homem de caridade, mas de pequeno alcance scientifico.

Na noite de 15 de setembro de 1792, noite ainda calmosa, acompanhavam-no a jogar o voltarete, de que muito gostava, o bispo do Maranhão, D. Jacintho Carlos da Silveira, o que foi morto pelos francezes em 1808, o licenciado em canones, João Limpo Pimentel, Frei Manoel de S. Remigio e João José da Costa Pedroso. Dois eram mirões, jogavam com elle o bispo do Maranhão e Limpo Pimentel.

Seriam dez horas e meia quando entrou outro mirão, o secretario do Santo Officio, José Lopes de Mira, um grande trabalhador litterario.

— Que novas ha por essa cidade? perguntára Botelho de Lima.

— Não as conheço, excellentissimo senhor, a não ser o que respeita á Beata Anna de Jesus, respondera o Mira.

— Porquê? Já morreo?

— Não, meo senhor; mas acaba de se approximar do lugar onde dará a alma ao Creador.

— Conte lá isso, Padre Mira, pedira o arcebispo.

Suspendeo-se o jogo e todos ficaram com grande curiosidade de saber o que havia.

— Acaba de mudar de casa essa rapariga, indo viver para perto do convento dos Remedios.

— Para que casa? perguntou o bispo do Maranhão.

— Para uma casa pequena pegada com a torre da muralha, junto á porta de Alconchel.

— Fica-lhe mais á mão... disse Frei Manoel de S. Remigio.

— A quem ? perguntou o arcebispo.

— Aos carmelitas, que, como vossa Excellencia sabe, são os confessores della, e os que apontam a sua morte no dia 29 deste mez.

— Está bem. Ora, a proposito, senhores: que juizo formam desse caso que se annuncia? perguntára Botelho de Lima. Diga lá, D. Jacintho.

— Eu não sei que diga, em verdade, a vossa Excellencia, dissera o bispo do Maranhão. São materias delicadas em que difficil é formar juizo seguro.

— E como pensa S. Remigio? perguntára o arcebispo.

— Eu não sei ainda o que penso. Se Anna de Jesus já tivesse assignalado a sua vida por algum facto sobrenatural, em que se visse claramente um poder superior, talvez eu pudesse dizer a vossa Excellencia alguma cousa; mas, sendo sua vida menos regradada e exemplar, segundo consta, não me atrevo.

— E o Padre Mira, o que diz? inquirio o arcebispo.

— Eu, senhor arcebispo, digo, digo que não sei o que hei de dizer, esta é a verdade. Acho-a nova e demasiado formosa para querer deixar o mundo em que a admiram.

— Mas pode haver exactamente 'nella algum asombro, por influxo divino, observara Botelho de Lima.

— A Deos nada é impossivel: esperemos, respondeo o Padre Mira.

— E já se marca o dia do passamento da rapariga ? perguntou o arcebispo.

— O confessor della, Frei Felix do Espirito Santo espalha que será na noite de 29 para 30.

— Assinalada é a noite, é verdade, disse o bispo do Maranhão.

— E qual é a mais seguida opinião na cidade ? Acredita-se ou não, que a moça verá em extasis de santidade o ultimo dia de sua morte ?

— Ha divergencias grandes, meo senhor. Alguns frades dos Remedios cujo é o confessor, não creem na beata, dissera S. Remigio.

— E na cidade, na cidade ? perguntára o prelado. Qual é a opinião do meo secretario ?

João Limpo Pimentel ficou aturdido com a pergunta ; porque frequentes vezes tinha tido conversações com Botelho de Lima ácerca da santidade da Beata, em que não acreditava, e na qual via antes um pretexto fradesco para um fim qualquer, que não attingia. Forçal-o a dizer sua opinião em publico, pareceo-lhe uma traiçãosinha do prelado, e apenas respondeo :

— Vossa Excellencia sabe como eu penso no caso.

— Pois sim. O que vejo é que teremos de sobreestar no assumpto, antes de nos inclinar-mos a um lado ou a outro.

— Será o melhor, concluia o bispo do Maranhão.

— Dê cartas, Pimentel, disse Xavier Botelho de Lima, pondo ponto á conversação accidental.

Dadas cartas, fez-se o arcebispo, que logo apañhou um codilho de Limpo Pimentel.

Como vimos, Botelho de Lima inclinava-se a crer na beata, o bispo do Maranhão era cauto na emissão de juízos, e S. Remigio e Limpo Pimentel opostos á farça, que se preparava, e na qual o arcebispo poderia levar tambem um codilho. O futuro nol-o dirá.

Como era assumpto de geral conversação a morte de Anna de Jesus, por ella annunciada, observemos uma scena de completa descrença no quartel de cavallaria no dia seguinte áquelle em que no paço archiepiscopal assistimos á narrada.

Altercam diversos officiaes, não por que nenhum defenda semelhante embuste, mas porque sabendo da rivalidade de Valejo e do frade thaumaturgo, aquelle ainda não tivesse meio de supplantar o bonso e de se apoderar de Anna de Jesus, visto affirmar-se que elle a amava desde creança.

Entre muitos alvitres appareceo o de raptar a beata ao frade, feito em que alguns promettiam auxiliar a Valejo.

Não são as armas, por via de regra, muito affeicoadas a religiosos. Apesar de soldados uns e outros, tem havido em todos os tempos pouco espirito de camaradagem entre elles. Assim era que todos ali se manifestavam hostis a Frei Felix e censuravam a Valejo por não ter anniquilado de algum modo ao rival santão. Valejo ao ouvir a proposta de raptar Anna de Jesus ao frade, limitou-se a dizer que podia conseguir-se o rapto; mas, que elle tinha plano differente para obstar não só á representação da comedia, como, talvez, a conse-

guir que Anna de Jesus o viesse a amar. Perguntaram-lhe que plano tinha, mas não o revelou Vallejo, dizendo que no segredo d'elle estava exactamente o exito desejado.

Como é segredo, segredo permaneça, para que não caia no escriptor a feia mancha de indiscreto.

Retrocedamos. Deixando Anna de Jesus na cela do Prior carmelitano devemos saber como saíam de lá. Saíam vestida de frade, expediente prompto de Frei Felix, e por elle acompanhada. Não entraram na cidade, mas tornearam-na por onde Felix o fazia bastas vezes. Não era tarde quando saíram; escurecêra havia pouco tempo.

Frei Felix não entrou em casa de Anna de Jesus, antes a deixou á porta da Mesquita, dizendo-lhe:

— Não te acompanho mais por não ser preciso, estás perto de casa.

— Pois eu hei de ir sósinha, vestida d'este modo? perguntára Anna.

— Creança, que não alcanças os meos planos! Pois não vêes tu, que vestida de frade passarás por mim, que lá tenho ido, sem disfarce, algumas vezes?

— Pois sim, disse a beata quasi completa.

Despediram-se: Anna seguiu para casa e Frei Felix para o convento, retrocedendo por onde fôra até ali. Era noite cerrada, e entrada em horas.

Ao passar ao lado do quartel de cavallaria na direcção da Rampa, sitio ermo depois de trindades não vio alma viva; mas, ao chegar exactamente

defronte do picadeiro pareceu-lhe ouvir fallar, ouvir a uma voz humana.

Como caminhava brando, facil lhe foi mais brando e leve continuar a marcha, retardando o movimento por averiguar o que seria, que pareceo a voz de um homem. Foi o breve raciocinio acompanhado logo da mão direita sobre o punho de uma pistola, de duas que levava. Não se enganára o frade.

— Entrar, entro eu bem, com a escada de corda que lhe tirei, agora o mais...

— Tu conheces bem o frade? perguntára alguém a meia voz.

— Conheço, respondeo outro alguém.

Apesar d'uma d'aquellas vozes saír a meia força, o frade sentio um calafrio ao ouvil-a; pareceo-lhe conhecida.

— A cella do frade é a ultima do corredor, ou dormitorio grande, do lado esquerdo, repara bem.

— Sim, senhor.

— Se não fôr amanhã, ha de ser 'numa das noites d'aqui até ao dia 28 deste mez...

Frei Felix parára a ouvir.

— A difficuldade está em eu entrar no convento sem ser presentido, dado que as portas da cerca não estejam fechadas...

— Depois do toque de silencio, ninguem te verá ou sentirá. Da porta larga que dá para a cerca já eu tenho uma chave.

— E a que hora da noite devo eu ir?

— Tarde, tarde, respondeo a voz.

— Não faltarei.

— Bem; fica tratado: toma.

Não restava duvida alguma a Frei Felix: urdiase uma conspiração contra a sua vida, talvez, em que havia um mandante e um assalariado. Se bem que não pode reconhecer a voz do mandante, não podia ella ser senão a do tenente Valejo, por marcar ao outro o dia 28 do mez, vespera do designado para o prodigio assombroso do passamento de Anna de Jesus. Ao ouvir as ultimas palavras, apressou o passo nos bicos dos pés cosido com a parede da muralha de Affonso VI e chegou á Rampa, entrando no Rocio sem ser presentido.

Seguiu apressadamente para os Remedios, inquieto e atemorizado, em verdade, não obstante levar consigo o plano dos conspiradores.

Pouco depois de Frei Felix partir, saiam os dois homens do picadeiro, e um delles entrava no quartel, seguindo o outro para o lado do Hospital.

— Já saí o cristaleiro, perguntava d'ali a pouco o individuo ao porteiro do hospital.

— Vae agora ahi, respondeo o interrogado.

Seguiu-lhe os passos o sугeito.

Ora aqui tem o leitor como se explica a resposta que o tenente Valejo dera aos camaradas, como ha pouco ouvio, de que tinha meio de evitar a representação da farça ridicula, e talvez de poder ser amado de Anna de Jesus.

Se não era o mandante de um assassinato, sabia do plano, conhecia-o, e quiçá aos dois assassinos.



## XVII

### Pae e filho frades

**Q**AL entrára nõ convento Frei Felix, apprehensivo, assustado, não com a ideia de poder cair 'numa cilada, que d'isso se livraria, pois conhecia o plano, mas com a de alguma modificação d'elle, donde resultasse uma traição, um ataque inesperado, talvez a morte, sem ter realisado a grande obra de santidade, buscou logo ao Prior, para lhe revelar o sabido. Achou-o na cella, cuja porta se lhe abriu ao ser conhecido.

Frei Manoel de S. Carlos estava triste. Passára o dia cuidadoso na beata e no projectado santo, que queria introduzir no martyrologio por modo que não soubera da morte de sua confessada Alvim de Mello, senão depois que saíra Frei Felix com a Beata. Como se recorda o leitor, sabia-o este desde manhã, mas nada dissera ao Prior: era cedo para lhe tocar em tal assumpto.

Havia já tempo largo que o Prior se não appro-

ximava da confessada, que fôra forçada a ter outro confessor. Soubera da morte della ao ouvir dobrar a finados no campanario do seo convento, e ao perguntar por quem dobravam aquelles sinos. Um testamento achado em Santa Monica ordenava que por morte de Alvim de Mello dobrassem todos os sinos da cidade quando seo corpo descesse á terra.

Já sabe o leitor que o Prior dos Carmelitas descalços de Evora, era pae de Frei Felix do Espirito Santo, e já lhe conhece a mãe.

Repara, de certo, no desamor de S. Carlos para com a mãe de um seo filho, a ponto de a ter fugido havia já annos, e estranha o caso, como pouco natural. Não o é, antes naturalissimo.

Suppor-se que Frei Manoel evitasse Alvim de Mello como a abelha foge do arbusto desflorado, é inverosimil, porque as flores da juventude, as rosas da primavera da vida de ha muito eram desfolhadas na reclusa da Santa Monica e no Prior dos Remedios. Nem abelha nem flôr. Outra seria a causa, que a meo vêr se encontra no estado especial do frade perante a sociedade, a familia, os affectos.

Raro será, raro é o exemplo do homem, religioso professo, professar o culto sagrado do amor da familia, quer elle seja paterno, quer fraterno, quer filial. Sae-me da penna esta como heresia sentimental, nascida da observação já de um velho, e não a traço, não me atrevo a fazel-o!

Apanagio do celibato religioso é o desamor. Pois o que ha de ser? Quem ha ahi que admitta no religioso o estremado affecto da familia, o puro da

amisade, o ardente, vivissimo sempre do coração ao coração, se as doutrinas professadas, juradas mesmo, lhe dizem que elle só tem por pae, o Pae celestial, e por mãe a Virgem Maria, e por irmãos os anjos e por peccadores os seos semelhantes?! Será doutrina esta conveniente talvez á ideal vida do espirito, á contemplação mystica, á bemaventurança sempiterna: oh! mas não o é, não, á santa adoração de mãe, de pae; ao estremecido amor ao filho, á cordealissima affeição a irmãos e a semelhantes.

Observe-se bem, medite-se, aggrupem-se as excepções, respeitáveis sempre, e veja-se, note-se o que por ahí fica, por esse mundo de religiosos professos!

O que eu podéra escrever aqui! o que podéra notar em meio seculo de observações! Muito fôra já; porém, seja mais eloquente o silencio; e ao que ler com repugnancia, com indignação mesmo estes poucos reparos, aconselho eu se não esqueça de se inquirir, de se perguntar por acções passadas, de se vêr bem ao espelho da consciencia, de que se não lembrará. Isto feito hemos de ficar todos bem uns com os outros.

E basta de divagações a que sou attreito, e volvamos á nossa historia, e fiquem-se na paz de Deos muitos mortos e muitos vivos. Não lhes desejo cousa peor.

Frei Felix, ao ver o Prior entrestecido, farejou-lhe a causa, e deliberou contar-lhe o que lhe succedera, o que ouvira, não só por tentar distrahil-o

como por certificar-se do quinhão d' affecto que lhe teria como a filho.

— Trago a vossa Paternidade uma nova desagradavel.

— Acaso não quer Anna de Jesus operar-nos o milagre? respondera o carmelita.

— Quer.

— Então, não vejo eu que Frei Felix me traga outra nova desagradavel.

— Nem a de minha morte vol-o seria?

— Agradavel não fôra, se fosse crível 'num moço exuberante de vida, respondera o Prior.

— E' crível em moços e velhos, maiormente quando a traição se prepara para lh'a arrancar violentamente.

— O quê!! perguntára, pasmado o frio pae. Explique-se breve, Frêi Felix.

— Noticío a vossa Paternidade que intentam matar-me 'nesta casa, antes do dia 28 deste mez.

— Quem o intenta? Algum frade?

— Frade não, apesar de que não sería caso esse para muito pasmar, vista a pouca sympathia que lhes mereço a meos confrades.

— Então quem?

— Um sicario qualquer, assoldadado para isso por um homem, que suspeito ser o tenente Valejo.

— O do encontro nocturno? O rival amoroso?

— O mesmo.

— Haveis certeza?

— Não a tenho de ser elle o mandante; de estar feito um ajuste e traçado o plano de minha morte, sim.

E contou ao Prior dos Remedios o que ouvira no Picadeiro de cavallaria cinco, e o leitor conhece, sem omittir particularidade alguma. Ficou-se a pensar Frei Manoel de S. Carlos, e ao cabo de alguns segundos, disse tranquillamente :

— Como 'neste convento o querem assassinar, nada receie, Frei Felix : cá esperaremos ao matador e o receberemos como convem.

— Qual é, pois, o plano de vossa Paternidade ?

— Simples, muito simples. Havemos de esperal-o todas as noites até ao dia 28 ; eu, cá dentro do convento e Frei Felix, na cerca. E depois, como é de todos o direito da defesa propria, maxima universal, que seguís, se escapar de vossas virá entrar por minhas mãos na gloria do *In pace* desta casa.

— Não sabia que o tínhamos.

— Temos, de mim só conhecido.

— Ordene pois vossa Paternidade, qual o primeiro dia de espera e o tempo de duração.

— Desde as dez até ás tres da madrugada. Antes e depois destas horas não é crível que ninguem, por muito audacioso que seja, se atreva a escalar um muro e a entrar na casa alheia. Começará amanhã.

— Note, porém, vossa Paternidade, que o homem tem chave da porta da cerca. . .

— Não lhe será precisa ; por que se não fechará durante o periodo, disséra o Prior.

— Armas ? . . . fallára Frei Felix.

— Se forem pouco ruidosas, melhor.

Terminára a obra de sapa contraminadora. Frei Felix conheceu na conversação que o Prior do convento se propunha ajudar a colher á mão ao mator comprado; mas sem chegar a convencer-se de que por amor paternal o fizesse, mas unicamente por conveniencia da Ordem do Carmo, que precisava ter mais um santo, obra de suas mãos intellectuaes.

Sabendo que seo Prior era seu pae, Frei Felix não quiz sair da cella prioral sem lh'o fazer saber. Não seria acto meritorio o que intentava; mas era uma vingancasinha que pretendia tomar do Prior, do pae, que o gerára para o não ter, para o desprezar mal nascido. Desamor do celibato. Não sendo homem para preludios extensos e obras pequenas, Frei Felix resolveo atirar à queima roupa:

— Desejo a meo pae muito boa noite, disséra.

Frei Manoel de S. Carlos estremeceo em convulsão enorme, aprumou-se, revestio ares e modos de Superior austero, e perguntou:

— Que disse, Frei Felix?

— Que tenha meo pae muito boa noite.

— Ordeno a Frei Felix explique a accepção do vocabulo, disse, muito grave, o incommodado Prior.

— Peço a meo pae não represente mais.

Era forte a resposta, era, sem duvida; offensiva da dignidade prioral, falta do respeito duplo a superior e a pae, zombeteira mesmo. Mas, que esperar de quem não teve paes quando os devia ter, e quando escusados, lhe apparecem para lhe gravar na fronte o stygma do filho sacrilego? Asedume

somente de um espirito intelligente, mas de uma alma gellada, jamais aquecida do sol benefico e creador das affeições santas do amor materno. Nada mais podia dar um pária de ternuras, um engeitado do amor.

Melhor lhe fora a elle o passar do ventre materno á profunda sentina do convento augustiano de Santa Monica, sem abrir os olhos á luz, do que ter de ser na vida um homem sem familia, um Seará de affeições.

Ao menos daria assumpto á musa sentimental de Hénault, Bocage, Viscondessa de Balsemão e d'outros, e teria a posteridade de recitar composições como esta :

Tu, que antes, de nascer morres forçado  
Triste aborto, imperfeita creatura,  
Do ser e do não ser porção impura,  
Do ser desprezo, do não ser cuidado.

Tu és d'amor o fructo mal fadado,  
Fructo que a honra anniquilar procura,  
D'amor obra funesta e sem ventura,  
Da honra triste victima e do fado ;

Perdoa, ó anjo, a culpa commettida ;  
Contempla a mãe, a esposa sem consorte,  
Não a culpes de ingrata e de homicida.

Dois tyrannos decidem tua sorte ;  
Contra a honra o amor fez dar-te a vida,  
A honra contra amor faz dar-te a morte.

Frei Manoel de S. Carlos permaneceu algum tempo pensativo, e, seguidamente, como quem quer fazer valer sua auctoridade e como quem duvida

que Frei Felix desvendasse o mysterio de seo nascimento, apenas lhe disse :

—Frei Felix precisa ter cuidado grande com as phrases que solta impensadamente. Que dados, que provas pode ter para tão cerebrina arguição ? sobre offensiva de meos creditos sacerdotaes?

— Outra vez ? Por Deos, meo pae, que não são para mim cousas dessas. Para que vossa Paternidade não mais volte á carga de duvidas e de imaginarias offensas, vou mostrar a meo pae, um papel.

— Um papel! dissera admirado Frei Manoel.

Frei Felix tirára de uma carteira o papel que nós conhecemos, e lera-o ao Prior dos Remedios.

—Deixe ver, Frei Felix, pedia o Prior.

— Não posso passal-o ás mãos de ninguem, nem ás de meo pae, que me nega a existencia.

—Quero ver esse papel, dissera auctoritario Fr. Manoel.

— Não verá, respondera o outro frade.

— Sob pena de desobediencia, ordeno me seja entregue esse papel.

— Sob pena de rebeldia o não entregarei.

— Castigo o revel.

— Castigar ! Vossa Paternidade não pode castigar ninguem, sem que primeiro se penitencie a si proprio.

— Venhamos a boa avença, Frei Felix, e não insistamos sobre o ponto. Obstinaes em me considerar vosso pae ; pois insisti embora, mas não em publico, por dignidade de nós ambos e da religião que professamos.

— Será vossa Paternidade servido, apenas com uma condição.

— Qual é? perguntára o Prior.

— A de que d'ora ávante vossa Paternidade se não opporá de modo nenhum a que eu sáia e entre 'neste convento a qualquer hora do dia ou da noite.

— Eu nunca me oppuz: o que tenho feito foi sempre o aconselhar, e o conceder licença.

— O ponto é esse: nem licença quero.

— Mas, será esse um escandalo muito grande. Como hei de eu conter aos frades na obediencia, desobedecendo Frei Felix?

— Nunca haverá desobediencia em publico.

— Seja assim, pois que assim é preciso, disséra Frei Manoel, continuando: — Agora que, por crueldade grande, Frei Felix entende que me deve considerar como seo pae, peço a esse filho que tão espontaneo me apparece, seja cauto em todos os seus actos, por modo que sua vida não corra perigo algum. O perigo presente arredaremos ambos, como convem e combinámos. Amanhã começaremos a esperar.

— Começaremos, respondeo Frei Felix.

Despediram-se assim conchavados os dois religiosos. Já na porta da cella o Prior disse ainda:

— Se vos não repugnasse, Frei Felix, diríamos amanhã, cada um de nós diria sua missa por alma de D. Antonia Alvim de Mello, hoje sepultada.

— Não repugna; direi.

Dá-nos a lembrar aquella proposta do Prior de Nossa Senhora dos Remedios, um pensamento de

D. João II, aquelle destimido rei portuguez, que depois de assistir ao julgamento e condemnação do duque de Bragança nos paços do conde de Olivença 'nesta cidade, e depois de o ter mandado decapitar na Praça grande, hoje de Geraldo, disséra para os cortezãos, ao ouvir dobrar a finados os sinos da egreja de Santo Antão: *Rezemos por alma d'aquelle nosso irmão.*

Santa gente e não menos santas conveniencias sociaes !

ar





## XVIII

### Sigillistas

**P**ARECE fóra de duvida que a ceita religiosa dos *Sigillistas* renascera entre nós no seculo passado, sendo seo renovador o confessor de D. Maria I e seo grande valido, D. Gaspar da Encarnação, de beatifico recordar, ou quando não, algum Frei Gaspar como elle.

Renovador se escreveo; porque de longe vinha já a ceita, embora esquecida até no seculo passado.

Wenceslao IV, rei da Bohemia, intentou um dia, em 1378, saber que peccados teria a esposa, a rainha Joanna, e para tal fim chamou o confessor della, João Nepomuceno e lhe impoz o dever de lh'os revelar, quebrando para isso o sigillo da confissão. Oppoz-se formalmente o confessor, que foi mandado prender e lançar a um rio, alcançando por est'arte o ser hoje o nosso S. João Nepomuceno.

Parece que o bohemio não confiava muito na

rainha e queria saber quem seriam os cúmplices de seus nefandos peccados.

Rediviva por 1746 esta ceita em Portugal, deo ella aso a uma tremenda lucta religiosa em que *pro* e *contra* se crusaram espadas e lanças theologicas. Dezenas de publicações se fizeram então.

Benedicto XVI despedia de Roma contra os *Sigillistas* duas settas nas bulas *Suprema* e *Ubi primum*, e cá no paiz terçavam pelo Papa o primeiro Patriarcha, o Inq̃uisidor geral, o Cardeal da Cunha e alguns bispos e frades, estando no campo opposito o Arcebispo de Evora, Tavora, o Arcebispo Bispo do Algarve, D. Frei Lourenço de Santa Maria, o Bispo de Coimbra e outros.

Chocavam-se Pastoraes, alvejava-se o edital da Inquisição, desacreditavam a religião, os que deviam zelar sua integridade.

Como se disse, partira de frades, por aquelle tempo a ideia de reformar os costumes estragados: a revelação do *Sigillo* da confissão, dando o nome á ceita do *Sigillismo*.

Consistia em perguntar o confessor ao penitente pelo nome do cúmplice nos peccados, delatal-o a quem tivesse jurisdicção para os castigar, e negar a absolvição a quem não confessasse o nome, ou nomes dos copeccadores.

«Martyrio é vêr-me obrigado a dizer á força o que não posso, e tyrannia constringerem-me a dizel-o» exclamava um impugnador.

«Quando o diabo reza, enganar-te quer» exclamava outro, contra uma Pastoral do Arcebispo de

Evora. «Todo o fim da diabolica Pastoral é enganar-nos: por isso reza. E se o diabo da Pastoral nos vem enganar com as contas na mão, façamos signal da cruz da reza, e da Pastoral», continuava o adversario.

«*Ex duobus malis minus est eligendum*, vibrava outro. *E et cætera*. Foi lucta de gigantes.

Mas a que vem num romance correntio de forma e de essencia esta pincelada historica ? perguntarão alguns.

Em breve o saberá o leitor curioso, e verá como ha de ter applicação a diabolica doutrina na vontade do heroe deste livro.

Tinham já decorrido alguns dias depois dos passados acontecimentos.

Frei Felix na cerca dos Remedios e o Prior nos corredores do convento tinham feito esperas em forma ao assalariado assassino. De balde sempre. Nem alma viva por ali.

O passeiar extraordinario do Prior pelos corredores do convento, tinha chamado as atenções dos frades, que não atinavam com a causa. Reinava santa e inoffensiva a murmuração.

Chegaram os dois frades a se convencer de que ou o matador faltava ao que ajustára, ou de que o plano teria sido modificado. Esta segunda hypothese incommodava-os. Depois de se recolher á sua cella, ás tres horas da manhã do dia 26 do mez, Frei Felix, tomado de insomnia, não poude dormir e entrou em cogitações, em devaneios, em torturas de ciumes que o anavalhavam.

Anna de Jesus dissera-lhe que nunca amára ao Valejo; mas este entrava-lhe em casa: ella visitára-o. A deliberação de Valejo o agredir no Rocio, apresentava-se-lhe como prova de legitimo ciúme, que se não tem senão quando se é menos ditoso; e a de comprar um homem para o matar, essa era já uma demonstração de ter logrado alguma attenção de Anna de Jesus; porque se assim não fôra, viria Valejo e não mandaria; não o fazendo, claro era querer ficar sosinho em campo, sem se arriscar ás eventualidades; que já de uma vez lhe fôra adversa a sorte.

Paixão de homem novo o dilacerava na incerteza de Anna de Jesus ter distribuido sua ternura pelo tenente de cavallaria. Assentou de si para si fazer-lhe no dia seguinte uma confissão apertada, exigente, *sigillista*, para se convencer, ou não, de ter a beata alugado algum cobiculo do coração a Valejo.

Anna de Jesus já morava perto do convento, na casa pequena, ainda existente entre a torre da muralha fernandina e a casa em que habita F. J. Bugalho, junto á porta de Alconchel.

Por sete horas da manhã já Frei Felix estava de volta com ella.

Facil lhe foi o resolvel-a a se confessar. A disposição de seo espirito admittia até mesmo uma confissão diaria.

Frei Felix fez applicação formal da doutrina do tal frei Gaspar da . . . Encarnação ou de qualquer outra cousa.

Nada conseguio: Anna de Jesus não confessára cousa alguma. Suspeitoso o frade de que Anna não disséra a verdade, tão cogitativo andava elle, não a quiz absolver, para não faltar ao acto com aquelle adminiculo, dizendo-lhe que no dia seguinte o faria, afim de ver se Anna se resolvia a confessar.

Um ataque hysterico succedeo á confissão. Frei Felix saíu, murmurando: «Ha de passar-lhe.»

Correra este dia, 27 de setembro, sem novidade.

Como já no espirito dos frades, pae e filho, entrára o convencimento de que o assassino comprado no Picadeiro de cavallaria cinco já não viria, chegada a noite não pensaram mais em tal cousa.

Por meia noite, porém, antes de se deitar, Frei Felix lembrou-se das palavras que ouvira do convenio, de que a morte d'elle seria antes do dia 28, e assaltou-o um presentimento: o de que adrede não tivesse vindo o matador para deixar esquecer o caso, e quando descuidado, ser accommettido.

Raciocinio de mente inflamada; porque, para isto, forçoso seria que Valejo soubesse que o frade estava ao facto do plano. Ora, Valejo, como se lembrará o leitor, não deo pela existencia de pessoa alguma fora do Picadeiro, ou dentro d'elle, que possesse ouvir a conversação havida com o sicario.

O certo foi que o frade desceo á cerca.

Dados alguns passos ao longo de uma alla de cyprestes, que havia junto do muro que dá para a via publica, e dos quaes apenas hoje existe um, Frei Felix lobrigou na frente um vulto sobre o mu-

ro. Como as arvores tinham grossos troncos, coseo-se com um e observou. De cima do muro desceo por escada de corda o vulto, que veio vindo tambem por baixo das arvores na direcção em que estava Frei Felix.

Tinha-se posto a lua; ficára aquella penumbra da luz de um céu formoso de constellações brilhantes.

A distancia, reparou Frei Felix no vulto. Era um frade!

O homem parou junto ao tronco de um cypreste e murmurou:

— Para entrar, bem estou assim; mas para saír, não. Nada, vou despir isto; e como já sei qual é a cella e tenho chave da porta. . .

E começou a despir o habito.

Era o habito que tinha levado a Beata. Frei Felix lembrou-se que o não tinha trazido e agora, ao vel-o cobrir a um assassino, mais certo ficou de que Anna de Jesus o trahia.

Exasperou-se muito, engatilhou uma pistola e foi-se ao assassino. Não bem despido o habito, e no inesperado, o assassino mal teve tempo de arrancar de um punhal, dar dois passos, erguer o braço fradicida, e cair ao estampido, á detonação d'aquelle grito de morte.

Ao ver baquear o homem sem vida, Fr. Felix horrorisou-se; mas, prevendo o sobresalto, o espanto no convento, o desejo de se lhe conhecer a causa, correu rapido a sitio determinado, voltou com uma enxada, e, com movimentos bruscos, ra-

pidissimos cavou uma cova para onde arrastou ao morto que cobrio de terra.

Isto feito, escondeo a enxada, serenou-se quanto poude, e caminhou para a porta da cerca, por onde já saía o Prior do convento com dois frades, e quando se abriam janellas de cellas e se ouviam passos de outros frades que vinham chegando.

— Que foi isto, Frei Felix? perguntára o Prior, com fingida inquietação.

— Não sei. . . Ao ouvir um tiro, que me pareceo na cêrca corri a ella; mas, nada vi. Suspeito que seria fóra do muro, na estrada.

— Convém averiguar isto, dissera um frade; porque o tiro foi cá dentro.

— Pois averiguemos, respondera o Prior. Tinham chegado varios frades. — Percorramos a cêrca; vão os senhores por ahi, que eu, com Frei Felix, iremos por esta banda. E cortou logo para o lado do muro da ala dos cyprestes, com Frei Felix.

Sairam outros frades para o lado opposto.

— Então, matastes o homem?

— Matei.

— E que é d'elle?

— Enterrei-o.

— Aonde?

— Junto ao quarto cypreste.

— Passemos de largo.

E os dois que assim fallavam cortáram á direita, para ir ao encontro dos outros frades, que vinham da exploração no lado occidental.

— D'esta parte nada, dissera o Prior, ao encon-

trar os exploradores audaciosos d'aquelles mares de verdura conhecida.

— Nada vimos tambem, dissera um frade.

— Recolhamo-nos, então, meos senhores, concluirei o Prior, seguindo para o convento. Entraram todos.

Recolhidos, procurava o Prior a Frei Felix, que só entrára na cella *pro forma*, por dar exemplo e disfarçar o caso.

— Eis-me assassino ! exclamára, incommodado Frei Felix, mal se approximára do Prior.

— Esse é o nome, quando se não mata em defeza propria, disse o Prior.

— Mas, sinto-me muito mal . . .

— Assim o creio; mas, é preciso coragem e socego, e este deve brotar da consciencia, que não é criminosa. Vamos á cerca.

— A' cerca ! Para que ?

— Para fazer desaparecer bem, muito bem ao cadaver do assassinado.

— Oh ! essa palavra !

— Sim, sim, comprehendo, do morto.

— Está sepultado.

— Não convem que o esteja, a terra revovida é um indicio terrivel: convem desaparecer tudo isso.

— Porém, como ?

— Conduzindo o cadaver ao *In Pace* do convento. Vamos a isso e sem demora, que o novo dia não deve alumear a uma sepultura.

Foram. Frei Felix não iria só, se lhe fôra preciso, tão sobreexcitado estava.

— Falta-me a coragem, disse elle ao entrar na cerca.

— O que! Pois não conhece ainda Frei Felix o poder da necessidade? Não ha legitimo frade que o não conheça.

Foram andando, e chegaram ao quarto cypreste que se contava do convento contra o sul.

— E' ali, disséra Frei Felix, apontando de longe para o lugar em que sepultára ao morto, sem se approximar.

Frei Manoel de S. Carlos caminhou para o sitio indicado, chegou a elle, observou á luz reflexa e pallida das estrellas e exclamou pasmado:

— A cova está aberta!

— Será possível? e correo logo Frei Felix para ali, sem o terror que dantes tinha. O morto ou fóra desenterrado por alguém e levado para outro sitio, ou não fóra enterrado.

— Frei Felix tem a certeza de ter morto ao homem e de o ter sepultado?

— Tenho, respondeo o frade a seo superior.

— Pois agora digo eu a Frei Felix que tenha muito cuidado com sua vida. O homem não morreo.

— Oh! isso morreo, confirmou o matador.

— Veja Frei Felix, a profundeza da cova, note o tempo decorrido e diga-me se o homem morreo.

Pasmado estava o frade com a nova ordem de ideias que de roldão lhe entravam na mente.

— Vou ver uma cousa que me esqueceo ver e occultar ha pouco.

E correu a procurar a escada de corda no muro da cerca. Tambem tinha desaparecido !

— Vê? Aqui ha cousa, e eu não vejo outra se não a que indico: — o homem fingio-se morto e fugio, muito simplesmente.

Voltaram ao convento: o Prior no mesmo estado de tranquillidade, e Frei Felix sem o pesadelo sufocante que o torturava.





## XIX

### Ensaio geral

**A**PPARECERA formoso o dia 29 de setembro, apenas cortejado por agradavel fresquidão antes de nascer o sol.

Era uma d'aquellas formosas manhãs de setembro de que fallára o prodigioso cego, o lynce intellectual que se chamou no mundo Antonio Feliciano de Castilho, visconde do seo appellido, como o grande Camillo Castello Branco do de seos maiores. Veledades humanas ! Desenganos aos meos principios democraticos !

Em contraposição aos viscondes dos montados, chaparraes, campinas, significação de haveres grossos, aquelles, ao menos, são titulares do talento, do saber, do estudo proficuo, desculpa unica que lhes acceito, e é para acceitar. Tem suas propriedades nos nomes.

Mas escrevia-se da manhã de setembro... ah! sim, era d'aquellas :

Manhãs frescas de setembro  
Quando o orvalho está a cair,  
Frescas manhãs de setembro  
Quem vos podera dormir!

Chegára o tão desejado dia em que Frei Manoel de S. Carlos se cobriria de gloria immarcessivel, ao voar nas azas da fama pelo mundo, como para o céu o santo Frei João de Santa Thereza, se é que já lá não estava ao tempo.

Antes de almoço, mandára o Prior chamar á sua cella a Frei Felix para a conferencia final sobre a fundição do santo, que sairia de molde, vindo dos da santidade de Anna de Jesus.

— Mande-o chamar, Frei Felix, para assentarmos nos ultimos pontos. Anna deve morrer de manhã ou de tarde? perguntára o Prior.

— De tarde; depois de jantar é melhor; porque lhe faremos o enterro perto da noite, para que á luz dos brandões se produza o milagre. E' mais apparatuso, respondera o frade. E ainda tem a vantagem de Anna de Jesus logo ir para casa deitar-se e descansar.

— Seja assim. E a que hora deverá ir a commu-nidade?

— Das nove para as dez. Não esqueça o catafalco erguido sobre a campa do Santa Thereza.

— Não esquecerá. E a que horas verei eu ir para assistir ao passamento da Beata? perguntou o Prior.

— A's quatro, se vossa Paternidade quer assistir á operação, e ás cinco se não quer.

— Quero assistir, se quero ! Irei ás quatro.

— Lá serei.

— Não convirá requisitar mos uma força de tropas para conter o povo ? Ouço que se não falla na cidade 'noutra cousa.

— Parece-me acertado, respondeo Frei Felix.

— Está combinado.

— E não esqueça vossa Paternidade avisar ao Arcebispo e á Inquisição, lembrára o thaumaturgo.

— Todos o serão.

Tocava a refeitorio para a collação da manhã. Frei Felix saira da cella do pae, do pae ? Sim, do pae, já agora todos os leitores o sabem.

Saindo logo do convento o frade santeiro tomou para casa de Anna de Jesus e lá se ficou com ella.

Em quanto os dois se preparam para o ruidoso assombro dos eborenses, vejamos nós, leitores, o que vae pela cidade.

Conversação de todos é a morte da Beata por ella annunciada para ter logar na tarde deste dia 29 de setembro de 1792.

Nos conventos de freiras acreditava-se na Beata, nos de frades, não.

O mulherio da cidade, ainda o elevado por educação e haveres, prepará-se para ir ver e adorar a santa Beata. Os homens são arrastados por ellas.

Evora não pensa, não come, não trabalha : é toda beata ou crente, ou curiosa, ou sceptica.

São quatro horas da tarde. O Prior de Nossa Senhora dos Remedios sae do convento, dirige-se a casa de Anna de Jesus e entra.

— Vejo que vossa Paternidade quer assistir a tudo, disséra Frei Felix ao ver chegar o Prior.

— Sim, quero, que é Deos quem me envia.

— Então, como se acha disposta Anna de Jesus para a grandiosa prova de sua obediencia christã, sem a qual não ha, não pode haver santidade, perguntára S. Carlos.

— Bem, muito bem, respondeo Frei Felix.

— Oh! Padre Prior, disséra a Beata, tomára ver chegar já o momento.

— Pois façamol-o chegar. — Frei Felix, mãos á obra, que ahi pela rua já começa de chegar povo.

— Ora dize-me, Anna, poderás tu sujeitar-te a estar quieta durante cinco ou seis horas?

— Vontade tenho eu; mas... temo...

— Bem, bem, vamos com segurança, é melhor, disse o frade.

Começou a obra. Duas mesas foram logo collocadas no centro da casa e cobertas de uma baeta preta, que Frei Felix tinha de ante mão arranjado.

— Ajude-me vossa Paternidade a trazer para fora o esquite, disse Frei Felix.

Entrou com elle o Prior 'num quarto proximo e ambos trouxeram um esquite forrado de preto com galões dourados, que collocaram sobre aquella especie de eça.

Anna sentára-se pallida e triste a observar o arranjo da casa.

— Vieram tocheiros? perguntou S. Carlos.

— Já cá estão ha dias.

— Colloquemol-os.

Preparado o theatro, Frei Felix convidou ao Prior a tomar assento em cadeira proxima, donde presenciaria o spectaculo a seo commodo.

— Ora vem cá, tu, minha adorada e santa amiga, vem immortalisar teo nome, o nosso e o de Frei João de Santa Thereza.

Anna ergueo-se e foi para Frei Felix. Como o leitor sabe já, Anna de Jesus era hysterica, e essa disposição morbida aproveitára duas vezes Frei Felix para as experiencias de magnetismo animal, a que assistimos, quando, a pretexto de verificar a disposição para a vida religiosa, elle apenas estudava o mesmerismo ruidoso 'nella.

O hypnotismo, esse somno artificial já se conhecia desde Kircher, em 1646. Era um processo que provocava a lethargia, consistente em convidar o paciente a fixar um objecto brilhante, ou mesmo sem brilho, collocado a certa distancia dos olhos, um pouco acima do nascimento do nariz, em sitio a determinar o strabismo, ou convergencia dos raios visuaes. Assim é que hoje mesmo alguns devotos da India se hypnotisam fitando a ponta do nariz, ou determinados pontos no espaço, e assim o fazem tambem os frades do monte Athos, Omphalopsychios, adormecendo ao fitarem o umbigo.

Era este ensaio o que Frei Felix queria pôr por obra na ultima experiencia, que faria o assombro, a Beata, um santo. De molde vinha um raio solar ba-

ter na Beata, quasi madura. Frei Felix, que no espolio da mãe encontrára um anel com um brilhante de grande praça, escolhera-o logo para servir 'naquelle dia e 'naquelle experiencia.

Collocado o anel no ponto da convergencia dos raios visuaes de Anna de Jesus, e decorridos cinco minutos, notaram os dois frades, pae e filho, que o labio superior da Beata entrára em particular tremura, que a inspiração se fazia com ruido profundo e singular na larynge; que apparecera na bocca da rapariga alguma escuma esbranquiçada, e se ouvia um como engolir breve e sonoro. Estava dormente. Fechára os olhos, convulsos os globos dos olhos, tremes constantemente as palpebras.

Frei Felix assentou-a 'numa cadeira, como se o fizera a um automato. Flaxidos, caídos, pendentos os membros, caíam abruptamente se erguidos por Frei Felix. A respiração tornára-se 'neste ponto profunda e precipitada.

Boqueaberto estava o Prior dos Carmelitas com o que via!

— Onde estás? perguntára Frei Felix.

— Em casa.

— E como?

— Assentada.

— Sentes-te bem, ou incommodada?

— Muito bem.

— Farás tudo quanto te pedir?

— Tudo.

— Com repugnancia?

— Não.

Frei Mancel de S. Carlos não cabia no habito de contente : ergueo-se e correo a dar estreito abraço no filho, que tão sabio se lhe apresentava.

— Pasmoso ! pasmoso ! dizia elle.

— Mais para espantar vae vossa Paternidade ver, a não falharem os dados scientificos. E chegando-se á dormente, friccionou-lhe levemente os globos oculares.

— Quem está aqui ? perguntou.

Anna de Jesus não respondeo. Frei Felix insistio:

— Estamos sós ?

O mesmo silencio : Anna passára ao estado cataleptico !

— Assombroso ! assombroso ! exclamava o S. Carlos.

— Parece andar 'nisto um poder occulto, diabolico.

— Occulto, sim ; diabolico, não me parece.

— Mas vossa Paternidade não vio tudo, repare. E poz a mão no cucuruto da Beata, exerceo ali alguma pressão e disse-lhe em seguida :

— Caminha.

Anna ergueo-se, e começou a andar por toda a casa, sem tropeçar, sem tocar em objecto algum ! Estava somnambula.

Parecia um sonho ao Prior o que via !

— Vossa Paternidade vae ficar mais attonito, disséra Frei Felix : note.

E tomando por um braço a dormente, a somnambula, cujos olhos estavam meio abertos, disse-lhe :

— Assenta-te; e carregou-lhe no cucuruto. Anna de Jesus obedeceo.

— O que disse eu agora?

Não respondeo a paciente.

— Levanta-te.

Não obedeceo. Estava cataleptica!

Seguidamente friccionou-lhe os globos dos olhos e perguntou:

— Quem sou eu?

— Frei Felix, respondeo Anna.

— Quem é este frade?

— O Prior dos Remedios.

Estava lethargica! Invertendo os agentes, Frei Felix fez passar a beata pelos estados de somnambulismo, catalepsia e lethargia. Faltava empregar o primeiro agente, que ora era o ultimo, para chamar Anna á vida de acordada; o de lhe pôr diante dos olhos o anel de brilhante.

— Como vossa Paternidade notou, a dormente vem descendo como subio, do ultimo estado para o primeiro: falta acordal-a; acordo-a, ou demos começo a isto?

— Sim, acorde-a, Frei Felix.

Sem demora approximou este dos olhos meio abertos ao tempo, o anel de brilhante, dizendo-lhe:

— Olha.

Minutos depois Anna de Jesus acordava!

Eram mais de cinco horas da tarde. Na rua havia muitos grupos de povo, especialmente de mulheres, que aguardavam com antecipação o espectáculo famosissimo.

Começaram os tres uma conversação interessante sobre o que se passára ali. Anna de Jesus apenas respondia ás perguntas feitas, que se sentira bem, e não recordava o que dissera.

Quando estavam muito entretidos os dois frades e a Beata, batiam á porta.

Eram dois delegados do Santo Officio, Antonio Pereira Palha e José Lopes de Mira, que vinham para assistir á morte da Beata. Entraram.

— E' muito cedo ainda, meos senhores; entretanto queiram esperar, lhes disse Frei Felix.

Anna permanecia assentada, de cabeça baixa, pallida. Os dois frades haviam tomado compostura propria, consoante á occasião.

Todos assentados, não soltavam uma só palavra; eram cinco estatuas.

Fartos de esperar, ao ouvirem dar oito horas, hora annunciada para a morte de Anna de Jesus, os dois saíram e foram dar parte ao Arcebispo de que a moça estava viva, e, ao que lhes pareceo, pouco disposta a morrer.

Era o que os dois frades queriam. Mal os do Santo Officio saíram, Frei Manoel de S. Carlos disse para Frei Felix:

— Já, já que não temos tempo a perder.

Fechada a porta para já se não abrir senão ás nove, Frei Felix, correo uma cortina, foi dentro e trouxe um frasco de bocca larga com umas cousas dentro.

— Anna, vamos a isto; vem sanctificar-te, vem obedecer ao teo confessor.

— Vou mudar de roupa, disse a beata ; e, erguendo-se, entrou dentro.

— Não te demores.

— Já estou lavada e ungida de balsamo ; falta só vestir o habito ; e entrára no quarto, que a cortina occultava.

— Não lhe ficarão bem estigmas no peito ? perguntára o Prior.

— Bastam nos pés e nas mãos, respondera Frei Felix.

— E na testa ?

— Na testa, sim.

— 'Nisto entrava Anna de Jesus amortalhada de franciscana. Frei Felix convidou-a a subir ao esquite, a 'nelle entrar e se assentar. Anna obedeceo.

— Olha para este anel, disse-lhe o frade.

E, como ha pouco, decorridos alguns minutos a rapariga estava lethargica.

Foi-se-lhe ás palmas da mão o frade, e tirando do frasco uma haste de nitrato de prata com ella lhe desenhou uma bella chaga em cada uma. Em volta da testa abriu-lhe uma corôa de espinhos, e seguidamente, foi-se-lhe aos pés lavados, e pequeninos, e bem feitos, e 'nelles abriu duas chagas perfectas. Na cabeça chagada poz-lhe uma corôa de flores brancas, cobrindo as feridas.

— Deita-te, disse Frei Felix para a moça.

Anna estendeo-se logo no esquite; mas, com tão rapido movimento que deixou a descoberto as pernas, até quasi ao joelho.

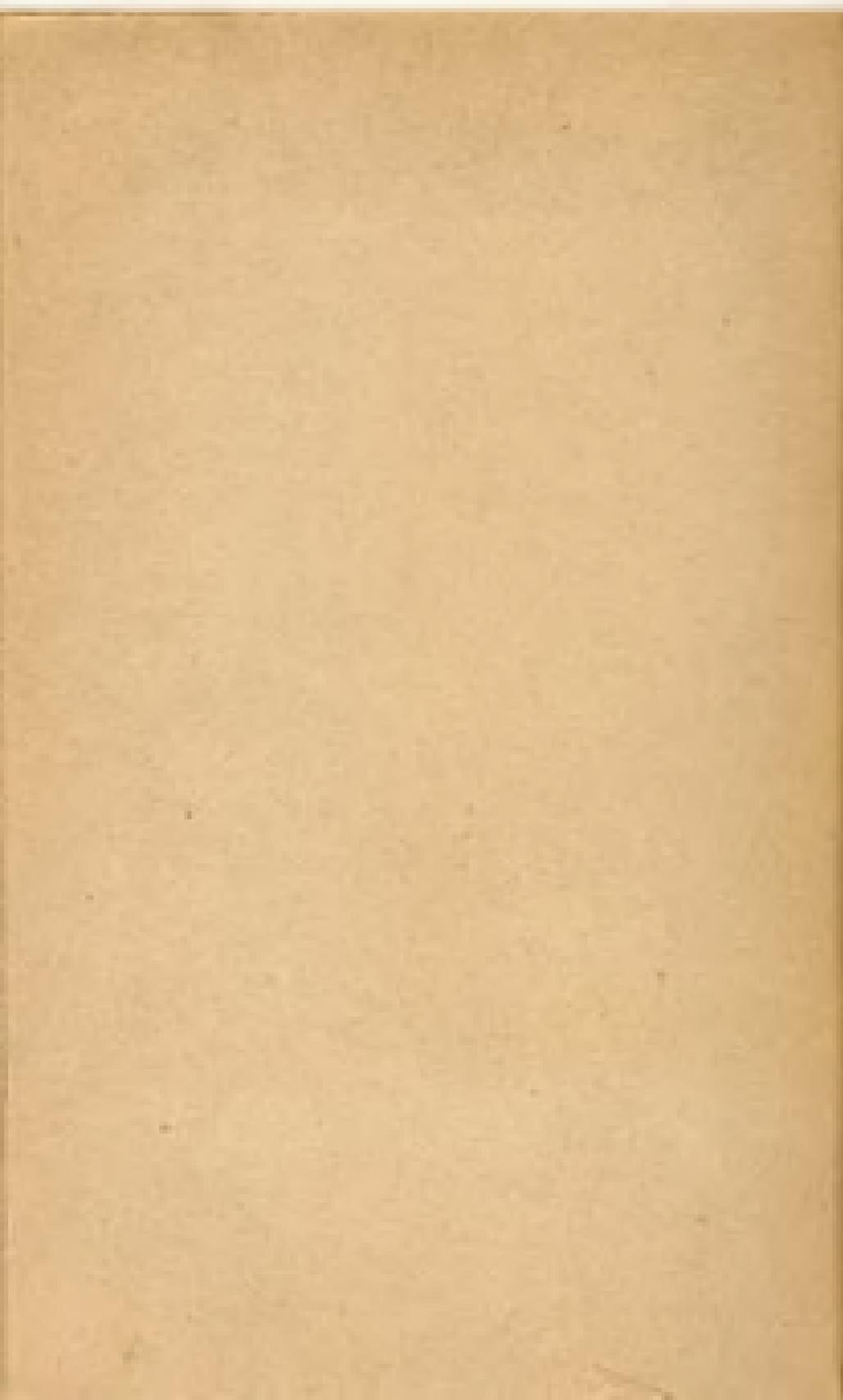
Frei Manoel de S. Carlos, ao vel-as, recuou assustado, e Frei Felix correo a cobrir-lh'as com todo o recato e devoção que se deve á santidade.

Na rua tumultuava o povo, o beaterio, ancioso por ver morta Anna de Jesus.

Ao dar nove horas o relógio dos Remedios Frei Felix correo á porta do cimo da escada e disse para baixo em voz alta, repassada de sentimento :

— Milagre ! Morreo agora Anna de Jesus.







## XX

### Representação da comedia

**U**MA onda de beatas investio logo pela porta dentro.

Foi entrando muita gente de todas as camadas sociaes, que, pasmados do assombro, corriam a beijar o pé á recémfallecida beata, sua companheira de muitas dellas por egrejas e procissões.

Quatro brandões allumeavam a moça pseudo-fallecida: aos lados, postados como sentinellas, viam-se o Prior dos Remedios e Frei Felix.

Uma cortina velava um cubiculo interno, onde o director da funcção tinha preparado e guardado os utensilios precisos á representação.

Ainda não tinha chegado o melhor da sociedade eborense e já se não cabia na pequena casa.

Frei Felix quando vio que já produzia optimo resultado o que tinha na mente, perguntou á morta:

— Anna, como foi que morreo Nosso Senhor Jesus Christo.

A Beata estendeo os braços e inclinou a cabeça.

— Como estão os anjos no céu?

E a Beata ergueo logo as mãos.

— Mostra as chagas que recebeste de Jesus Christo.

E a Beata mostrou as palmas das mãos.

Boquiaberta, estupidamente assombrada permanecia a multidão.

Uma pobre mãe destaca da multidão com uma filha doente e pede á Beata lhe toque e sare a filha. Frei Felix acode rapido e diz:

— Anna, toca com tuas santas mãos esta creança, mas não faças já o milagre.

A Beata assim o fez.

— Annica, pergunta uma mulher casada, acompanhada do marido — em que estado vae o negocio de minha salvação? Salvar-me-hei, eu?

A um gesto do frade a Beata acenou que sim.

— E o meo padre confessor salvar-se-há? E' elle de boa consciencia e sabio?

A um gesto de Frei Felix a Beata acenou que não.

Assim começára a representação famosa.

O Prior dos Remedios saio para ir communicar ao Arcebispo a morte da Beata.

Quando chegou ao paço já lá achou reunida a Relação ecclesiastica, por convite de Botelho de Lima, a quem já tinham levado a noya.

Annunciou-se Frei Manoel de S. Carlos. Levado á presença do Arcebispo, disse-lhe:

— Já não vive Anna de Jesus: morreo precisa-

mente ás nove horas, quando fazia 22 annos de vida. Digne-se V. Ex.<sup>a</sup> mandar observal-a para os devidos effeitos religiosos.

— Sim, já morreo! Pois ámanhã mandaremos observal-a, que a esta hora, não.

— Fôra melhor hoje mesmo, para que o povo visse que nem V. Ex.<sup>a</sup> deixava de ir ou de mandar ver tal prodigio.

— De manhã faremos o que houvermos por bem. Recommendo-vos cuidado com os ajuntamentos; que não haja desacato á religião, e, sobre tudo, que não conserveis a morta exposta toda a noite. Já chegou a força de cavallaria para guardar a casa e manter a ordem? concluiu o Arcebispo.

— Ainda não tinha chegado quando eu saí.

— Até ámanhã, disse Botelho de Lima, dando a beijar o anel ao Prior dos Carmelitas.

Quando chegado a casa de Anna de Jesus, já encontrou á porta uma força de cavallaria, commandada pelo tenente Valejo.

Milhares de pessoas enchiam a rua e tumultuavam desejosas de ir ver a Beata, e de lhe beijar o pé.

Tinha-se regulado o serviço de entradas em harmonia com a capacidade da pequena casa. A sentinella deixava entrar tantas pessoas quantas as que desciam.

Ao Prior deo logo entrada a sentinella, sem reparo nenhum.

Mal chegado acima, vio Frei Manoel de S. Carlos que D. José da Costa, marechal de campo e

governador da cidade, o que mais tarde seria conde de Soure e tenente general, acompanhado de uma filha bastarda, D. Maria, beijavam ambos e rebeijavam os pés da Beata.

Foi grandissima a satisfação que experimentára! E quem lhe reparasse nas breves fallas, ouviria dizer-lhe:—Temos as armas por nós? Estamos salvos.

E enganava-se o santo Prior, que lá na rua estava o tenente Valejo, o muito amigo de frades e muito de Frei Felix.

Seria elle o cachopo em que, talvez, houvesse de naufragar aquella barçaça, que conduzia a porto de salvamento o cadaver da Beata Anna de Jesus.

'Nisto entrava o sargento mor de cavallaria, Antonio da Cunha Souto Mayor, com *ypsilon*, por amostra de mais pura e genuina fidalguia. Beijou mui respeitoso o lindo pé, tocou a chaga com um lencinho branco, que beijou em seguida e arrecadou como preciosa reliquia, de muita utilidade futura na cura das terçãs, fluxos de sangue e doenças congeneres.

Perto das onze horas entrava a comunidade dos Remedios por ordem do Prior, para bejar o pé da Beata. No couce da procissão quatro leigos traziam aos hombros um caixão enorme, em que poderiam caber, seguramente, tres cadaveres, quanto mais o da fransina Anna de Jesus, que 'nelle devia ser levada á sepultura, no dia seguinte. Determinára aquelle colosso, o Prior do convento, claro está, para que Anná de Jesus não morresse por

asphyxia antes de operar o milagre preparado, sobre a campa do Santa Thereza.

A entrada da Comunidade atuchou a casa por modo que o calor era excessivo, e o respirar difficultoso.

Frei Manoel de S. Carlos ordenou rapido beija-pé e saída immediata. Obedeceram-lhe.

Apenas um leigo do convento, dos quatro que trouxeram o caixão mortuario, pediu ao Prior para ficar mais algum tempo.

Saidos os carmelitas, entraram o conego familiar do Santo Officio, Antonio Pedro Palha, e José Lopes de Mira.

Viram, observaram bem, approximaram-se do rosto da Beata recém-morta, tocaram-na, entreolharam-se, e collocando-se a respeitosa distancia, permaneceram algum tempo em reparos e pesquisas.

N'este comenos chega um sachristão do convento de Santa Clara e pede para esfregar nos pés chagados de Anna de Jesus, uma duzia de véos de calices, que trazia. Concedido!

Seguidamente, o leigo que ficára caminhou para a Beata e lhe disse:

— Anna, pelo poder sobrenatural que tens, que te vem de Deos, te peço me cures as minhas quebraduras. E tentava arregaçar o habito.

Espanto geral, escandalo enorme se ia presenciar. Frei Felix, sem querer prohibir á Beata a cura pedida, por que tal prohibição seria um descredito, talvez a descoberta da tramoia sagrada, interpoz-se logo:

— Anna, toca com tua benta mão a parte doente deste meo confrade, mas não faças já o milagre, sem que por meio da confissão bem feita, saibamos se este leigo é digno do que pede.

Não poderam os delegados da Inquisição deixar de sorrir honestamente, como ainda convinha, ao ouvir tal pedido do leigo e tal resposta de Frei Felix, interposto por salvar a situação difficil.

A mão direita da Beata e o respectivo braço soltou-se da posição em que estava e caio brandamente do esquite. A elle se approximou o leigo bronco; mas não chegava á mão benta com a parte doente. Era-lhe preciso subir a uma cadeira.

A natureza do sitio doente era das que se não podia mostrar a todos os circumstantes, entre os quaes ainda estavam muitas mulheres devotas. O espectaculo ia ser só para homens.

Por alvitre do Prior foram convidadas a sair as mulheres: saíram.

Palha e Lopes de Mira estiveram para intervir, prohibindo, como zeladores da fé, da genuina religião, o toque nas quebraduras do leigo; mas descrentes ambos e já persuadidos da farça ridicula, deixaram ultimar o acto, por colherem mais dados para annular completamente aquelle embusteiro de Frei Felix.

Subido a uma cadeira o estúpido leigo, por modo se houve que a Beata amaciou e tocou com os dedos o que no homem era saliencia anormal.

E diz a historia que Anna de Jesus, a predestinada do céu para o assombro presente, começara

a obrar este milagre, a curar o leigo quebrado, consciencia do que fazia!

Parecerá phantasia ao leitor o que acaba de presenciar: não é; mas rigorosamente historico como verá no fim deste livro.

Frei Manoel de S. Carlos e Frei Felix do Espirito Santo estavam desesperados, fulos com o despropósito do leigo, e os agentes inquisitoriaes satisfeitissimos. Sairam estes e logo se foram ao paço archi-episcopal, onde Botelho de Lima e muitos desembargadores da relação ecclesiastica esperavam a vinda dos dois. Narrado tudo o que o leitor sabe, assentaram em que no dia seguinte, logo de manhã, dois medicos fossem observar a Beata, e dado que o parecer delles fosse o de que estava viva a rapariga, para logo se conduzisse esta ao Recolhimento de Santa Martha, e os dois frades á Inquisição.

Na casa de Anna de Jesus continuava a concorrência.

Frei Manoel de S. Carlos, suando, quasi asphiado, conferenciou com o filho e deliberaram ordenar o despejo das pessoas presentes, e a prohibição da entrada a outras. Para isto desceo Fr. Felix a escada e pedio á sentinella que lhe chamasse o commandante.

Appareceo Valejo, que Frei Felix não sabia estar ali. Mal o frade o encarou, deo meia volta e subio escada acima.

— Estamos perdidos! exclamou ao ouvido do Prior.

— Porque?

— Porque temos a casa guardada pelo Valejo.

— Diabo! disséra o Prior. E desceo logo. Revestida mansidão, ignorancia do passado, voz supplicante, disse ao Valejo:

— Senhor official, peço-lhe não deixe entrar mais ninguem; porque a noite vae adiantada e nós, os guardas do cadaver de Anna de Jesus, precisamos de repouso.

— Será servido, reverendissimo Prior, respondera Valejo.

A multidão foi evacuando a casa. Despejada que foi, e quando apenas estavam os dois frades e a Beata, foi esta acordada por Frei Felix.

— Falta-me o ar! ouviu o Valejo dizer a Anna de Jesus com voz afflicta.

— Oh! não falles! não falles! que te perdes e nos perdes! exclamára Frei Felix.

Nada mais era preciso: corra o panno para a representação da ultima scena d'aquella miseravel farça, mal desempenhada, se bem que não mal escripta e composta.

João Ignacio de Almeida Valejo, que ouvira o breve dialogo ao cimo da escada cuja porta os frades tinham fechado, desceo-a rapido, ordenou guarda reforçada e prohibição de entradas e saidas, e correo ao paço archiepiscopal.

Era já tarde. Soava uma hora da manhã na sé. Já se tinha fechado aquella casa, que permanecera aberta até á meia noite. Valejo esperou pela manhã.

Às seis horas de 30 de setembro, já sabiam os Inquisidores do occorrido na vespera. D. Joaquim Xavier Botelho de Lima soube-o ás sete.

Às nove da manhã, presos ainda os dois frades que outro nome já não tinha a reclusão delles em casa da Beata, batiam á porta, que se conservava ainda fechada, o medico José Joaquim de Valladares e o cirurgião José Gomes Regallo, mandados pela Inquisição.

— Quem é? perguntou Frei Felix.

— Em nome da Inquisição abra esta porta, dizia de fóra o Valladares.

— Um instante de demora, respondia o frade.

— O caso é grave! disse o Prior em voz baixa para o filho.

— Que fazer? perguntava Frei Felix.

— Adormecer já, já Anna de Jesus, respondeo o Prior interrogado.

— Não ha tempo; pode-nos comprometter a demora.

— Então, outro expediente, accrescentou o pae d'aquelle frade. E indo á Beata lhe disse:

— Em nome de Deos e da santa obediencia a teos Padres espirituaes, é preciso que permaneças quieta e como morta durante uma hora somente.

Anna de Jesus, conhecendo bem o estado da situação, estado que o hysterismo bem deixava ver 'naquelle momento, obedeceo logo.

Subio á cadeira e della entrou ño esquite onde se deitou, tomada a posição convencional. Frei Felix abriu a porta.

Na rua tumultuava desde pela manhã muita gente para ver e beijar o pé á formosissima Beata. Quando os dois Podalirios entraram, formou-se á porta uma onda, que difficilmente foi contida dos soldados. Valladares, ao sentir o rugido da onda popular, veio ao cimo da escada e pedio a Valejo deixasse entrar o povo, sob sua responsabilidade, afirmando-lhe que não sairiam os frades. Encheo-se logo a casa. Valladares e Regallo foram-se á Beata e observaram-na bem. Sorriram. Viva, e bem viva estava ella.

— Duas ventosas já nos esclarecerão, opinou o Regallo.

— Pois sim, respondeo o Valladares; mas, espere.

E voltando-se para Anna de Jesus, que muito bem o conhecia e delle era conhecida:

— Anna, não sejas tola, dá cá a mão.

Como se obedecesse ao seo confessor, Anna de Jesus ergueo-se logo, saltou do esquife, e começou de despir o habito franciscano em que involvida e amortalhada!

Não se pode fazer ideia perfeita da transmutação dos rostos das beatas e do povo basbaque, que ali estava. Que murmurações! que escandalo enorme, que descredito da religião!

Caía o panno, findára a farça, a comedia ridicula. Foi saindo aquella gente e, no fim de todos, os dois phisicos, ficando somente a Beata e os frades.

Pouco depois parava á porta uma sege em que

vinha Antonio Pereira Palha. Subindo a cima, couvidou Anna a descer com elle, entraram na sege e rodaram para o Recolhimento de Santa Martha, onde já os esperava o notario do Santo Officio, José Lopes de Mira, que lhe escreveu a confissão de tudo, base do processo inquisitorial que a condemnou a ella, e a Frei Felix do Espirito Santo.

Rapido correo o processo até final sentença.

Tres dias depois de ter sido recolhida a Beata a Santa Martha, baltia o contínuo da Inquisição, José Fernandes Miguens, á portaria do convento dos Remedios e pedia á pessoa de Frei Felix o acompanhasse aos carceres d'aquelle tribunal. Sentenciados os dois, Anna de Jesus e seo confessor, foi ella condemnada a reclusão temporaria, e elle privado das ordens *in perpetuum* a ser desterrado para o convento do Carmo em Coimbra, depois de jazer um anno nos carceres do Santo Officio. O pae, Frei Manoel de S. Carlos, o mais que pode conseguir, por influencia pessoal, foi o não ficar compromettido, sem poder livrar o filho das garras possantes d'aquelle tribunal zelador da fé.

O descredito porém, de seo convento foi tal, e tal o desgosto que se apoderou d'elle por não ter tido bom exito a burla santimonial, que seis mezes depois foi accommettido de apoplexia, que o levou deste mundo instantaneamente. Morte de justo, que peor do que esta fôra impropria de tão santo e de tão virtuoso varão.

Por deliberação do Superior da Ordem carmelitana em Portugal, muitos frades foram espalhados

por diversos conventos do paiz, e substituidos por outros que d'elles vieram para o de Evora.

Frei Pedro do Rosario, o boticario carmelita foi morto pelos francezes em 1808, e Salvador Penedo acompanhou aos francezes, por arranhar algumas phrases d'aquella lingua, pouco sabida então, e por ouvir que alguns inimigos o apodavam de Jacobino, caso para muito receiar e temer, havendo visto a sorte que tivera José Paulo de Carvalho, o corregedor d'Evora.

Frei José de Santa Dorothea, um dos frades, que vieram povoar a quinta da casa de Evora, é quem nos vae terminar este capitulo com suas desculpas:

Se por haverem frades de impiedade  
Se devesse aniquilar o seo estado,  
Imperio, sacerdocio e magistrado  
Extinctos deviam ser na realidade.

Existe em toda a parte a iniquidade;  
Houve um Judas no sacro apostolado;  
E um anjo que Deus tinha creado  
Um Lucifer, que é chefe de maldade.

Malignos estadistas, se intentaes  
Ver nos religiosos permanente  
A virtude dos anjos immortaes,

Era preciso que elles, certamente,  
Depois de deixarem patria bens e paes,  
Deixassem de ser homens juntamente.



## XXI

### Batalha da Cruz dos Morouços

**C**ONTRÁRA para Portugal o anno de 1828 en-  
sombreado por negrumes de desgraças.

Desembarcára em Belem o infante D. Miguel em 22 de Fevereiro, para vir governar esta nação como logar tenente de D. Pedro IV, na menoridade de D. Maria II.

Sabido é de todos os que leem historia patria, que D. Miguel de ha muito tinha no paiz um forte partido nos frades, beatas e na velha fidalguia. A musa popular mandou para logo a todas as provincias do reino, um *álerta* no estribilho conhecido:

Rei chegou, rei chegou,  
Em Belem desembarcou,

e o desejo intimo do infante e dos seos sequases, de se acclamar absoluto, desprezando juramentos, o acto mais solemne da consciencia humana na essencia, pouco importando a forma.

Desde 1820 que o paiz se agitava, o paiz alma, ideia, vontade. O velho regimem absoluto caíra perante a grande revolução franceza, para ser substituido pelos constitucionaes. Reis de direito divino eram um desatino já. A vontade dos povos os elegia, ella os apejava do throno. Para a incoercivel onda de ideias não havia comportas possiveis, diques resistentes.

Mas D. Miguel e os seos satellites tentaram conter a onda, embora com as de sangue, que por ahi regou o solo da patria ainda por seis annos. Foi uma breve suspensão calamitosa aquella!

Dois actos antinomicos praticára D. Pedro IV, origens de tantos males. A dadiwa da *Carta constitucional* extorquiralhe a revolução, a nomeação do regente D. Miguel fôra perfeita imprudencia. D. Pedro tinha razão de conhecer ao desacisado e ambicioso irmão D. Miguel, desde que prendera ao pae na Bemposta, em 1824.

Dissolvidas as côrtes, considerado rei absoluto em 15 de Março do mesmo anno, estava declarada a guerra civil, a peor de todas as guerras, 'nesta estreita tira de terra occidental, que fôra rainha dos mares, que abarcára a dois mundos nos braços de seos filhos audacissimos.

Como é sabido, no claustro tinha a causa do regente o maior apoio, no claustro e nas irradiações delle, o beaterio d'ambos os sexos. A fidalguia de comprido *autem genuit* parte era-lhe affecta, outra não. Contrarios lhe eram os homens de educação revolucionaria, scientifica, liberal, moderna. Lucta

do passado com o futuro ; que com o presente não, pelo intangível de sua natureza, era a que se ia travar entre irmãos, filhos e paes. Travou-se, foi renhida, pertinaz, crudelissima, sobre desigual em numero.

Já ouvi que se não devia dizer esta verdade. Não? Porque? Deve e bom é se diga e se repita, para ensinamento de moços e escarmento de pertinazes.

O numero foi vencido da ideia, mas da ideia illustrada, sabedora, humana. Os páos da forza cediam o logar a uma haste, no topo da qual tremulava a signa da liberdade.

Nos conventos se abrigava, de facto, o monstro da discordia ; mas lá havia tambem homens de contrarias ideias : muitos frades foram constitucionaes convictissimos.

Soltára o Porto o grito revolucionario contra o absolutismo, em 16 de maio ; Coimbra e outras terras o seguiram animosas.

Commandadas por tres generaes saíram de Lisboa tropas avultadas para debellar aos revoltosos.

Tinham-se reunido em Coimbra uns 3:600 ou 4:000 homens, ás ordens do brigadeiro Refoyos, procedentes dos disimados corpos de infantaria 3, 6, 9 e 10, de caçadores 2, 3, 7, 9, 10, 11 e 12, de cavallaria 6, 9, 10, 11 e 12, de tres brigadas de artilheria, do corpo Academico e das Milicias de Coimbra, Louzã e Figueira.

Ao saber-se que se avisinhavam de Coimbra as tres divisões miguelistas, commandadas pelo gene-

ral Povoas, Refoyos procedeo a um reconhecimento, saindo com suas forças até Condeixa, e voltando á cidade sem feito algum de importancia, ou por não encontrar ao inimigo, ou por não querer afrontal-o.

No dia 20 de junho era sabido com verdade que as forças absolutistas chegaram a Condeixa e immediações, vindas por tres caminhos. O tenente coronel João Swalbach, á frente de caçadores 3 e 7. de um batalhão de infantaria 6, outro do 9, e de uma força de cavallaria 6 e 9 surprehende no sitio da Ega as forças de Povoas com tal valentia, que lhes aprisiona o major Roque e outros officiaes, e lhe deixa no campo sem vida 14 primeiras victimas, e retrocede victorioso, vindo-se juntar ao grosso dos liberaes na crista da colina, onde estaciona o logarejo Antanol, á esquerda da estrada real, sobre S. Martinho do Bispo. Era ponto obrigado aquelle na passagem para Coimbra, logo que viessem, como vinham as forças de D. Miguel pela estrada real de Lisboa.

Fôra bem escolhido dos liberaes aquelle sitio, chamado a Cruz dos Morouços. Extensa era a linha de defeza e poucas as forças para bem a guardarem. A' esquerda de Antanol postaram-se caçadores 3 e infantaria 3 e 9, e á direita caçadores 10 e infantaria 6 e 10. Do lado opposto á pequena aldeia, postára-se a artilheria, junto a um moinho, d'onde varejava bem a estrada de Lisboa. No centro estenderam-se em atiradores as forças restantes.

Chegára o dia 24. Por nove horas da manhã ordena Povoas ás suas divisões que avancem á col-

lina em toda a extensão, para a limpar dos poucos defensores, que tinha, e descerem victoriosos sobre a cidade do Mondego. Retinem clarins, rufam tambores, avançam. Atroa a varsea a voz dos canhões de junto do moinho. Começa a pugna pertinaz.

Mais de dez horas de combate, e sem que 8.000 homens de Povoas e do visconde de S. João da Pesteira podessem debellar os valentes defensores d'aquellas Thermopilas sem Leonidas! sem generaes! se cada soldado o não era!

Duas vezes se apoderaram do cume da collina as forças absolutistas e duas vezes foram repellidoas á carga de baioneta de caçadores 7 e 12, e de um diluvio de metralha de 30.000 cartuchos queimado dos liberaes 'naquelle dia.

Vem perto a noite, e bem vinda seja ella para pôr termo ao morticínio fraterno.

Desde as quatro da tarde que os soldados liberaes notavam com espanto, que por entre elles, 'num ponto ou 'noutro dos mais arriscados, e onde rija e mais travada era a pugna, apparecessem quatro homens, á paisana, calça e jaqueta de saragoça; chapéo escuro de abas largas, barbas cortadas.

De mais de meia idade mostrava um orçar por perto dos sessenta annos. Era elle o mais notavel dos quatro. Voava de um ponto a outro, com a agilidade de um moço, arma sempre á cara com breves intervallos, vozes de animação sempre nos labios para todos. Parecia um endemoninhado, um possesso, um doido!

A noite cerrava-se a olhos vistos. De repente

surge lá do sopé da collina uma facha escura de ruidoso avançar: era uma ultima carga de cavallaria ordenada de Povoas, que pensou poder ella passar por cima de homens cançados de dez horas de peleja, sem o minimo descanso.

Ótro desengano ia soffrer o inhabil general, ao menos ali.

Cada capitão, cada soldado era no combate um general; porque os officiaes superiores, Refoyos, Pereira de Vasconcellos e outros, estavam em Coimbra! Cada um commandava por si: não havia chefe.

Caçadores 7 e 12 foram os que se lhe achavam em frente. Carregaram armas, tomaram precauções, esperaram a aproximação. Na estrada publica, juntos com os caçadores estavam os quatro paisanos esforçados. A tiro, troaram quasi instantaneas duas descargas: a de cavallaria e a formidavel dos dois corpos de caçadores accommettidos. Um tiro de certa pontaria vem do moinho varar a columna de cavallaria, no momento do choque, e a desordem, e a confusão, e o redemoinhar de cavallos constituem quadro medonho.

O mais velho dos quatro homens desconhecidos fora attingido de uma balla de clavina; sentira-se ferido, mas conhecera que não era ferimento aquelle que lhe tolhesse o combate. Exasperando-se, como se o não estivera! ouviu-se-lhe dizer:

— O' frei José, carrega, e dá cá; e fazia fogo contra um official de cavallaria 5 que lhe corria para cima. Errára-o; mas, tomada a arma de Frei José, já carregada, exactamente no momento em

que o cavallo se empinava sobre elle e uma espada lampejava sobre sua cabeça, encarou com o adversario, transformou-se em convulsão enorme, solta do fundo peito um rugido medonho, aponta bem e faz fogo. O cavalleiro, varada a cabeça, tomba instantaneo, e o desconhecido, ao vel-o cair, exclama:

— Vinguei-me! e vinguei-te, Anna de Jesus.

O cavallo, ao sentir-se sem governo, virou em corrida ferosa, e os tres desconhecidos combatentes correram a socorrer ao companheiro, que fraquejava, escorrendo lhe o sangue da parte direita do peito.

As primeiras sombras da noite já não deixaram combater mais.

Os liberaes acamparam em suas posições, consideraram-se victoriosos e ali permaneceram no dia 25. Povoas retirava corrido.

Duas horas depois entravam na ponte de Coimbra os quatro combatentes paisanos, amparando tres delles ao ferido, e tomavam a direcção da rua da Sophia, pelas Ameias e Terreiro da Herva, e entravam no convento do Carmo.

E' quasi desnecessario dizer ao leitor que o ferido era Frei Felix do Espirito Santo, e os outros tres carmelitas, liberaes, que ao sentirem na Cruz dos Morouços o troar da artilheria durante o dia, tinham podido fugir do convento para irem defender a causa da liberdade da patria, tão ameaçada de feroz tyrannia.

— Valejo era o official de cavallaria, morto por

Frei Felix, me diz mais de um leitor. Confirmo-o com o meo silencio, e narro mais: Frei Felix, o heroe deste livro foi mandado aferrolhar no convento bem como seos tres companheiros. Debalde oppoz o ferido á rigorosa prisão o seo estado de saude, o grave ferimento que recebera na batalha. Inexoravel fôra o Superior d'aquella casa. Caridade fradesca!

Na prisão tratado pelo medico do convento, Frei Felix, a principio, melhorou, e havia esperanza de o salvar; porque a bala que o ferira não offendera orgam algum importante á vida, e o ferimento externo supurava regularmente. No fim de oito dias porém, ou fosse absorpção purulenta, ou fosse o tetano, é certo que o doente expirou, e lá foi juntar-se ao capitão Valejo no outro mundo de nossas crenças.

Se a vingança é saborosa e o praser dos deuses, como nos ensinam mythologias e religiões, pouco tempo a saboreou o assassino do capitão Valejo, embora em defeza propria. Sempre oppostos na vida, buscaram ainda na morte patenteiar opposição, morrendo um, pelo absolutismo e outro, pela causa da liberdade. *Parce defunctis.*





## XXII

### O Mutilado

**C**RES mezes depois da morte de Frei Felix e da do capitão Valejo, por uma tarde de Setembro entrava na Barquinha, a pé, um homem, um soldado mutilado do braço direito. Vinha de Coimbra, para onde entrára no dia 25 de Junho, depois do combate da Cruz dos Morouços, no qual uma bala de artilheria lhe levára a mão direita, havendo ali necessidade de lhe amputarem o braço por lhe salvar a vida.

Uma de tantas victimas desgraçadas de nossas luctas fratricidas. Nem maneta podera ficar, o desgraçado! Vinha um inutil, um mendigo...

Natural de Evoramonte este misero, que representava mais de cincoenta annos, demandava a terra de sua naturalidade, alguns parentes e amigos que lhe esmolassem o alimento dos ultimos dias de vida.

Vestia calça branca e farda de cavallaria 5, e trazia a tiracolo um bornal quasi vazio: trazia nelle a miseria.

Era mais de meia tarde, perto da noite. Mal entrado na villa, vio o soldado um poial de alvenaria debaixo de uma parreira e junto de uma porta de casa modesta, mas assejada. Sentou-se 'nelle, por descansar.

Ainda não estaria assentado havia quatro minutos quando por cima de sua cabeça, a uma janella da casa, ouviu dizer a uma voz feminina:

— O' minha mãe, venha ver um soldado sem um braço. Coitadinho!

Pouco depois assomava á porta da rua uma mulher nutrida, representando mais de cincoenta annos de idade, bem conservada, cabellos pretos, córada, sem rugas.

— Deos o salve, irmão, dissera a mulher, por começar a fallar.

— E lhe dê boas tardes, respondeo o mutilado.

— Pelo que vejo foi soldado de cavallaria 5?

— Fui, sim, senhora.

— E vae com baixa?

— Com baixa deste braço: vou pedir esmola, que nem trabalhar posso já.

— Coitado! Então foi ferido 'nalguma batalha? Dizem que tem havido tantas por essas terras! Tem passado aqui o poder do mundo de soldados do senhor D. Miguel. Não foram elles, não, que lhe fizeram isso! haviam de ser os pedreiros livres, esses malhados de má morte.

— Foram, foram, respondeo triste o mutilado da Cruz dos Morouços.

— Conte lá, conte como isso foi. Tem-se cá dito que ao pé de Coimbra morreo muita gente.

— Foi na Cruz dos Morouços: um dia de manança. . .

— Na Cruz dos Morouços? Então o seo regimento estava lá?

— Estava, sim, senhora.

— Ai! o que por cá se tem dito! Ora conte-me; morreo muita gente d'esse regimento?

— Se morreo!. . . Pobre amigo!. . .

— Algum lhe morreo lá.

— Morreo-me o meo capitão, que era bom e muito meo amigo. Se elle fosse vivo não teria eu de pedir esmola.

— Como se chamava elle? perguntou a mulher.

— Porque pergunta? A senhora conhecia-o?

— Talvez conhecesse; porque eu conheci muitos desse regimento.

— Era o capitão Valejo: estava para sair major.

— O capitão Valejo morreo?! disséra a mulher e ficára-se a scismar entristecida.

— Morreo, e morreo assassinado.

— Sim, sim, como todos morrem nas batalhas.

— Se assim fosse, vá; morria a gente no seo posto; mas não, senhora; matou-o um maldito de um frade, que eu bem o conheci. O que a elle lhe

valeo foi o eu cair do cavallo abaixo 'naquella occasião, senão eu lh'ò dissera.

— Um frade! Conte, conte lá como isso foi, pediu a mulher.

— O' minha senhora, perdoe-me; mas eu venho muito cansado, sem comer... e estas cousas são muito tristes.

— Sem comer? Valha-me Deos! O' Annita, vem cá baixo de pressa, dissera a mulher continuando: — Espere, espere que eu já lhe dou de comer.

A' porta apparecia uma linda moça de 16 a 17 annos.

— O que quer a minha mãe? perguntava a graciosa filha d'aquella mulher.

— Põe já a mesa a este homemsinho, que vem sem comer.

A rapariga voou á cosinha, tomou a comida que achou e 'num prompto a poz sobre uma mesa, voltando logo á porta e dizendo:

— Já está posta.

— Já? Fizeste bem, fizeste. — Ora faça o favor de entrar, disse a mulher para o mutilado.

Vinha perto a noite. O soldado entrou, assentou-se á mesa e começou de comer pão, peixe frito, azeitonas, queijo e de tomar a sua vez de vinho.

— O' Annita, accende um candieiro, que já se não vê, disse a mãe para a filha.

Immediatamente a moça poz na meza um candieiro acceso, de metal amarello, e chegou-se para junto da mãe, que, de pé, permanecia diante do soldado.

— Como lhe faz falta o seo braço ! Ai ! a guerra, a guerra ! Não pode deixar de ser uma invenção do demonio, dissera a mulher.

— Diz bem a senhora, respondia o mutilado, com a bocca cheia.

— Então vae-se sentindo melhor ?

— Vou, vou : Deos lh'o pague.

— Ainda bem, para me poder contar mais cousas da batalha. Disse que um frade . . .

— Ah ! sim, foi, foi um frade quem matou ao meo capitão.

— Mas eu cuidava que os frades eram pelo senhor D. Miguel.

— Nem todos.

— Mas como appareceo lá esse frade ?

— Appareceo acompanhado de mais tres, disfarçados todos.

— Talvez não fossem frades, mas paisanos malhados.

— Ah ! lá isso eram ; ao menos um d'elles, que eu bem o conhecia de Evora.

— Conhecia ? conte, conte mais.

— Se conhecia ! o que lhe a elle valeo foi a maldita bala que me levou a mão. Era um diabo de um frade, ai ! perdão, minhas senhoras ; o que eu fui dizer ! Era um frade que foi desterrado ha muitos annos para Coimbra, por causa d'aquella historia da *Beata*. A senhora nunca ouviu contar a historia da *Beata d'Evora* ?

A mulher tinha-se ido incommodando com a narrativa do mutilado.

Fez esforço por não fraquejar, e disse ao soldado:

— Sim, já ahi contaram essa historia, mas não reparei bem 'nella.

— Se a senhora quer que eu lh'a conte, olhe que lh'a conto sem faltar um ponto. A senhora dá licença que eu fume?

— Ora essa! disséra a mulher, encostada ao hombro da filha.

O mutilado da Cruz dos Morouços tirou do bernal um cachimbo e tabaco, encheu-o, pol-o na bocca, approximou-o do candieiro, sugou uma chamma e começou a saborear fumaças.

— Pois senhora, é facto que tudo sei da tal historia da *Beata d'Evora*. Até da minha morte sei contar.

— Da sua morte! dissera Annita admirada do caso.

— E' verdade. Aquelle diabo de frade que matou ao meo capitão, já me tinha morto a mim. Pensava elle que me tinha morto e que me tinha enterrado em Evora; mas enganou-se.

— Essa agora! Essa historia quero eu ouvir; essa sim, disse a dona da casa.

— E' facil: apanhou-me lá um dia no convento, era de noite, e pregou-me um tiro. Para me não dar outro, fingi-me morto, e caí. Deixei-me estar muito quedo até que elle se fosse, para eu sair tambem da cerca, onde foi o caso. Mas, qual não foi o meo espanto ao vel-o correr, a voltar com um alvião, e a começar logo a cavar uma cova ao pé

de um cipreste ! Estive para me lançar a elle ; mas pensei que o diabo do homem, com a pressa que mostrava ter, me não faria cova muito funda. O ferimento não valia nada. Meo dito e meo feito. O que o frade queria era esconder-me. Não fez cova funda, arrastou-me para lá e cobrio-me com terra. Quando elle estava 'neste serviço, não vi já o que lhe aconteceo ; o que sei é que não sentindo já as cavadellas, fiz um esforço com as costas, atirei fora com a terra, que era pouca, e prompto. Corri ao muro, onde eu tinha uma escada de corda e zás ! por ella acima, e por ella abaixo logo para a rua.

— O que ahí vae ! dissera a mulher. — E por que foi lá o senhor ? Sim, de noite . . .

— Isso, são cá cousas . . .

— Ah ! cousas que não pode contar. E callou-se a dona da casa. O mutilado fez o mesmo. Mas ainda accrescentou :

— Isso não importa saber-se.

— E diga-me ainda uma cousa, faça favor : o frade não morreo na batalha ?

— Ah ! sim, não morreo, não ; mas já o levou o diabo tambem.

— Então como o soube ?

— Ora ! como ? Em Coimbra não se fallava em outra cousa senão nos frades do Carmo, que fugiram do convento para irem combater contra o senhor D. Miguel, e todos diziam que um d'elles era um que lá estava desterrado, por causa da historia da Beata. Metteu-me isto curiosidade e perguntei noticias. O frade apanhou uma bala no peito

e morreo d'ella no convento. F'oi o que me disseram muitas pessoas.

— Coitado!

— Coitado? diz a senhora! Coitado um maroto d'aquelles que estragou em Evora uma rapariga, e bem bonita que ella era! e que dava tiros em todos logo ás primeiras razões! Ora, senhora, foi uma fortuna leval-o o diabo, para não dar mais tiros em ninguem.

— Já deve ter dado contas a Deos dos seos peccados. Não fallemos mais 'nelle, concluire a mulher; mas rezemos-lhe por alma.

— Para isso, era bom que elle a tivesse, o desalmado! respondera o mutilado.

— Ai! tinha, tinha... mas, não fallemos mais 'nelle.

— Pois não fallemos, que se não perde nada com isso. Agora senhora, peço-lhe por amor de Deos me deixe dormir para ahi 'numa loja qualquer se a tiver; 'num palheiro, 'num curral, seja onde fôr. E Nosso Senhor lh'o pague.

'Nisto entrava o marido, o dono da casa, vindo dos trabalhos do campo em companhia de um filho, rapaz de dezenove annos, ao que parecia.

— Santas noites, dissera o homem.

— Nosso Senhor nos dê muito boas noites, acrescentára o filho.

— Venham com Deos, respondera a mulher:

— Então, quem é este homem? perguntára o marido.

— Uma victima dos pedreiros livres na batalha

da Cruz, da Cruz de quê? que me não lembra o resto.

— Cruz dos Morouços, dissera o mutilado.

— Já ouvi fallar 'nella, já; e tinha vontade de ouvir contar como isso foi. Mas, diga-me cá: como se acha aqui?

— Olha, pergunta aqui á Annita, que t'o contará.

Annita contou ao pae o que o leitor já sabe, e a mãe accrescentou:

— Agora pede o deixemos dormir abi algures; que te parece?

— Que sim, está claro, mesmo porque me ha de contar como foi isso por lá. Custa-me a crêr como haveria quem resistisse ao poder do mundo de soldados que aqui passou. -- Então o sr. era cá dos do senhor D. Miguel?

— Era, sim, senhor.

— Bom. Pois emquanto vaes fazer a ceia, peço eu a este senhor me conte algumas cousas, dissera o lavrador para a mulher. E eu já venho; não me demoro nada. E entrou dentro, com o rapaz.

— O' Annita vae tu accendendo o lume, anda.

Annita foi logo e a dona da casa, sem perder tempo, correo ao soldado e disse-lhe em voz baixa:

— Não falle nos frades nem no capitão.

E foi tambem para dentro.

— Esta agora é que eu não esperava! ficára murmurando o mutilado. Porque será isto? E poz-se a scismar, assentado á mesa.

— Dar-se-ha o caso que... Eu tenho uma idéa

de que a Beata veio para a Borda d'Agua, agora me lembro. Será a Beata?... Isso sim! Não se parece nada com ella. É verdade que são passados muitos annos e está muito gorda. Deixa estar que lhe vou reparar bem na cara, a ver se a descubro.

E permanecera mais pensativo, como quem recorda o passado, e o compára com o presente, accrescentando:

— Ora espera: ella disse-me que conheceo officaes do cinco!... e se os conheceo foi lá: pois onde havia de ser?

'Nisto entrava o dono da casa com o filho, para ouvir contar casos da guerra.

O mutilado narrou tudo quanto tinha contado á mulher, menos o caso da morte do seo capitão e dos frades fugidos do convento do Carmo, para se baterem pelos liberaes, como lhe tinha pedido a dona da casa.

Entrára a mulher, participando ao marido estar feita a ceia.

Ceiam; dormio-se, o soldado 'num bello pa-lheiro de feno, que lhe soube a divan fofissimo e aromatico.

O dono d'aquella casa, um medido lavrador da terra, saíra cedo para o campo, com o rapazote, seo filho.

Por sete horas apparecera o mutilado para agradecer a hospitalidade e para se despedir.

— Então, ficou bem no feno novo? perguntou a dona da casa ao soldado.

— Dormi muito bem. Deos lh'o pague, senhora

e ao seo homem, e adeos! vou pôr-me a caminho de Lisboa.

— Ora faça o favor de me dizer uma cousa: tem muita vontade, muita de ir para a sua terra? perguntára a mulher.

— Eu, senhora, vou para lá por não ter melhor sagrado a que me recolha. Ao menos na minha terra alguém me dará uma esmola, por me conhecerem.

— Ainda lá tem familia?

— Não, senhora; já não tenho ninguem.

— Quer o sr. ficar 'nesta villa, em nossa companhia?

— Ai! ficára, ficára, se tivesse o meo braço... assim, não sirvo para nada...

— Serve; está enganado. Já fallei ao meo homem e concordámos em o tomar para nossa casa. Sabe ler?

— Sei.

— Bem está. Quer ficar aqui?

— Fico, sim, senhora.

— Pois deixe-se estar e descance mais, e verá que hei de ser sua amiga. Em paga já lhe peço que me ha de contar outra vez a historia da batalha, e do capitão e do frade; mas só a mim, tome conta, sim?

— Sim, senhora. Mas, não poderei eu saber porque?

— Ha de sabel-o; porém, mais tarde.

Dizer, por fim, ao leitor que aquella mulher era Anna de Jesus, a famosa *Beata d'Evora*, é uma redundancia.

Sufficientemente perspicaz o julgo para crêr o terá entendido.

Casára na Barquinha, onde tinha familia e para onde saíra do Recolhimento de Santa Martha de Evora, depois de 'nelle ter estado reclusa oito annos. Tivera aquelles filhos, que vimos; e depois que dera á luz o primeiro nunca mais tivera hysteresmo, nem monomanias religiosas. Foi boa mãe e boa administradora de casa, e viveo até ao anno de 1843, em que deo a alma ao creador.

O mutilado da Cruz dos Morouços na casa d'ella falleceo, seis annos depois dos narrados acontecimentos, durante os quaes ambos fallavam por vezes no passado, saudosos d'elle; Anna, lembrando sempre o seo primeiro amor, fr. Felix, e João Branco, que outro não era o mutilado, o capitão Valejo, o amoroso despresado da *Beata de Evora*.





## NOTAS

### Beata de Evora

A musa faceta e zombeteira tomou conta da Beata, e dos frades e dos crentes 'naquelle santidade. Aqui ficará reunido o que podemos colligir.

Bocage vibrou-lhes este soneto:

Não te censuro a ti, plebe incensata,  
A vã superstição não te crimino,  
Foi natural; que o frade era ladino  
E esperta em macaquices a beata.

Crimino o velho heroe de bola chata  
Que na escola de Marte inda é menino,  
Crimino o fatuo Pastor, pastor sem tino  
Que tão mal das ovelhas cura e trata.

Item condemno o respeitavel Cunha,  
Que a frias petas credito não dera  
A philosopho ser como suppunha;

Coitado! protestou com dôr sincera  
Fazer geral constricta caramunha,  
Porem ficou peor que d'antes era.

Um poeta desconhecido lançou-se a Frei Felix d'este modo:

Meo Padre confessor, tu tens brilhado,  
Anna tudo tem feito com primor,  
Nem sendo tu o sabio director  
O contrario podia ter obrado.

O seo corpo se vio amortalhado  
Com arte e com sciencia sup'rior;  
Da manobra tu foste o professor,  
Tudo fizeste bem, tudo acertado.

Mas, agora que já ressuscitou  
Que deu fim a tragedia decantada,  
E a santa de ser santa se deixou,

Agora, sim, que a historia é declarada  
E a morta defuncta já fallou,  
Espera, toma conta na pancada.

A Miguel Pedro Pedegache são attribuidos, sem a maxima verdade, estes dois sonetos:

De crôa virginal a fronte ornada  
Em lugubre mortalha envolvida,  
A beata fatal jaz estendida  
De assistentes constrictos rodeada.

Um se tem por já salvo em ter chegada  
Ao lindo pé a bocca commovida;  
Outro protesta reformar a vida;  
Porém, ella respira e está corada!

Que é santa e que morreu, com juramentos  
Affirma audaz o façanhudo frade,  
E que prodigios são seus movimentos,

O devoto auditorio se persuade,  
Renovam-se os protestos e os lamentos;  
Triste religião! Pobre cidade!

---

Acredite assentado aos quentes lares  
Nas noites invernosas de janeiro  
Lendo em Carlos Magno, o sapateiro  
As proesas crueis dos doze pares;

Creem que vem as bruxas pelos ares  
A chupar as creanças no tráz...  
Comam quanto lhe diz o gazeteiro  
De casos, de successos singulares;

Porem que uma beata amortalhada  
Com a cara vermelha e corpo molle  
E santa por um frade apregoada,

Que respira, que os braços desenrolle  
E seja por defunta acreditada,  
Isto sómente em Evora se engole.

Não disse bem o Pedegache: patranhas d'aquellas engolem-se por toda a parte, e elle que, como coronel do segundo regimento

de infantaria de Elvas, devia ter corrido parte do paiz, sabia de certo a verdade da affirmação. Ha uma certa disposição para crer no maravilhoso em todos nós; o caso está em nos proporcionarem bem a pillula.

Ha outro soneto de auctor desconhecido, que possui o sr. visconde da Esperança, e por primeira vez publicado nas *Catacumbas*, que imprimi em 1883 e terminaram na pagina 72, que resa assim :

«Cedo serás, ó misera cidade  
Pasto e ludibrio da mordaz gazeta,  
Por comeres com gosto a insulsa peta  
Que só tem de pasmosa a novidade.

Ignoravas, boçal, que o dom de um frade  
Maxime sendo Albarda, é manha e treta,  
E que só na estamenha e na baeta  
Está de uma beata a santidade?

Quando a bebida as mãos movia ou punha  
Moles tornava os corações mais duros,  
Segundo ouvi de séria testemunha.

Até com medonhos gestos e conjuros  
Tão tolo como os mais fez o tal Cunha  
«Em aras falsas holocaustos puros.»

Este Cunha é o mesmo referido no romance, que o sargento mór de cavallaria.

O heroe da *bola chata* no soneto de Bocage é o futuro conde de Soure, mencionado no texto, e o *fatuo Pastor*, o arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima.

Tres annos depois da prisão da Beata e de Frei Felix foram sentenciados ambos.

No Mass. B — 16 — 14 da Bibliotheca Nacional existe a *Lista das Pessoas que ouvirão suas sentenças na Mesa da Inquisição de Evora pela ordem do tempo em que serão despachadas em o anno de 1795.*

Aqui ficará tambem esta nota, para ser reunido 'neste livro tudo quanto se possa alcançar sobre o caso da *Beata*.

Por ella se vê que Frei Felix se appellidava de Jesus Maria e não do Espirito Santo, cousa sem importancia no romance, bem como se colhe que o mesmo fôra desterrado por dez annos para o Bus-saco, e Anna de Jesus para a casa de correcção de Lisboa. Diverge 'nisto o contexto do romance da verdade historica, o que tambem é sem importancia. Depois de escripto o livro é que da nota tomei conhecimento, aliás aproveitaria o facto; porque, mesmo no romance historico gosto da verdade, e nunca de proposito empreguei o anachronismo, nos que escrevi.

Ahi vae a nota, tal qual m'a enviou por copia um amigo:

«Em 23 de Março

N.ºs	Idades	Pessoas	Penas
1	54	Frei Felis de Jesus Maria, Religioso Carmelita descalço m.º no Conv.º de Evora. Preso por acreditar, fomentar, e sustentar visões, santidade e milagres de certa vizionaria, tendo por licito o Molinismo.	

(A margem:)

Ouçã S. S.ª na salla presente alg. pess. abj. Exc. m. priv. p.ª semp. . . p.ª o Bossaco (10 an.ª) em que terá dois de carcere, com pen. p. gr. insti. ord.º

Em 23 do D.º

2	22	Anna de Jesus filha de Manoel Guerreiro Cortes, e de Rosa Maria, n.ª de Almodovar e m.º em Evora. Presa pellas culpas de se jactar favorecida de D.ª com Milagres, locuções, e visões celestiaes, pronosticando o dia, e hora de sua morte, que chegou a fingir com o maior escandalo, deliberada em consentir ser enterrada viva, só para se conservar a opinião da sua Santidade, e sustentar o credito da Religião dos seus Confessores, a quem enganava com as suas embustices.	
---	----	---	--

(Á margem:)

Ouçã S. S.ª per. alg. jus. abj. de leve, e p.ª 7 an.ª p.ª a casa da Correção de Lx.ª pen. esp. e insti. ord.

(Mais á margem, letra moderna)

Esta foi a celebrada Beata d'Evora q̄ tanto deu q̄ fazer aos credulos e Toleirões.»

Diz a nota que a Beata se deixaria *enterrar viva*. A tradição e os documentos, como o citado na nota 14.ª, e os que deixou João Rafael de Lemos, o sympathico velho sabedor, são de contrario parecer. O que se pretendia era um santo para a ordem do Carmo, feito pelo processo narrado no livro. O caixão em que ella devia ir para a Igreja dos Remedios era uma arca de Noé: logo, não era para ser enterrada viva: era para viva lá chegar e não asphyxiada.

Era um menino . . . pag. 25

Tem base historica o nascimento de Frei Felix no convento de Santa Monica : nasceu do seguinte facto, e podera ter nascido de muitos :

No dia seguinte áquelle em que acabára o convento referido, estando ainda 'nelle algumas meninas do côro e outras senhoras, foi perguntado pelo auctor d'este livro a uma d'ellas, de mais de cincoenta annos de idade:

— E vossa excellencia, minha senhora, que destino toma agora? Vae para casa de seus parentes?

— Não tenho familia nenhuma, respondeu.

— Vossa excellencia é da cidade?

— Não sei d'onde sou.

— É caso estranho! Nem familia, nem patria!

— Desde que recordo o passado, não lembro ter visto senão este convento, respondeu triste.

Tal o breve dialogo. Ora, sendo certo que não foram os conventos hospicios, ou rodas de expostos, e que não era permittida 'nelles a entrada de creanças, claro fica ter nascido e sido creada 'naquella casa esta senhora, como filha de uma abbadessa de Lorvão, foi outra abbadessa, de ha 25 annos, a celebre *Francisquinha*, a espirituosa velha conhecida dos estudantes de Coimbra d'aquelle tempo, que sem o minimo rebuço dizia quem fôra sua mãe e . . . não sei se quem seus filhos.

---

Do convento de Lorvão . . . pag. 26

A desenvoltura da infanta D. Branca, filha de D. Affonso III, inspirou a Garrett o livro que tem por titulo o nome d'ella, como de todos é sabido. Num exemplar da 1.<sup>a</sup> edição de Paris, escreveu um amigo meu já fallecido, a nota seguinte, que talvez dêsse origem ao assumpto do capitulo 2.<sup>o</sup> d'este livro:

«Nasceram destes Principes a Infanta D. Branca que foy Abbadessa de Lorvão, e depois do grande Mosteiro das Huelgas de Burgos, illustre fundação de D. Affonso, o das *Navas*, do qual dependião dose Mosteiros: e não parece crível, que com uma Prelazia de tanta authoridade se premiasse á Infanta a desenvoltura, com que em Lorvão, dizem que parira de Pedro Esteves Carpentto, ou Carpinteiro, a João Nunes do Prado, Glaveiro da Ordem de Calatrava, e cabeça da familia do seu appellido na opinião dos Authores da occupação pessima que honra, e deshonra quasi sempre conforme as leys do proprio arbitrio.»

Damião Antonio. *Politica moral e civil.*  
l. IV, pag. 226.

O ponto genealogico pode ser estudado em diversos livros, a começar no *Nobiliario do Conde D. Pedro*, e a terminar nos grossos codices existentes em bibliothecas publicas e particulares, ao tratarem dos *Prados*.

Aquelle frade fazia ossos. . . pag. 38

Não é uma phantasia o assumpto do capitulo IV d'este livro, ainda que por estranho e singular o possa parecer.

A bom recado nos forros do convento dos Remedios deixaram os frades em 1834 muitas fôrmas d'aquelles ossos, d'aquella notavel industria, que tão habilmente exercera Fr. Felix.

No museu do Ex.<sup>mo</sup> visconde da Esperança existem sete fôrmas, tres d'ellas com ossos artificiaes, reliquias de *S. Martinho, M.*, de *S. Cornelio, M.* e de outro santo, cujo letreiro está apagado.

Eis uma nota de suas dimensões e numero d'ossos:

N.º d'ordem	Comprimento	Largura	Espessura	N.º d'ossos
1. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 25	0 <sup>m</sup> , 16,5	0 <sup>m</sup> , 05	3
2. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 19	0 <sup>m</sup> , 11,5	0 <sup>m</sup> , 03	3
3. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 17	0 <sup>m</sup> , 11	0 <sup>m</sup> , 03,5	2
4. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 18	0 <sup>m</sup> , 12	0 <sup>m</sup> , 04	2
5. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 17	0 <sup>m</sup> , 12,5	0 <sup>m</sup> , 03	2
6. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 35	0 <sup>m</sup> , 12	0 <sup>m</sup> , 03,5	1
7. <sup>a</sup>	0 <sup>m</sup> , 31	0 <sup>m</sup> , 17	0 <sup>m</sup> , 03,5	2

Quinze ossos saiam d'estas sete formas, diversos todos : femures, tibias, clavículas, etc.

A segunda e quarta estão partidas no comprimento. Consta haver mais algumas ainda no convento, cuja cerca serve de cemiterio publico. Ossos artificiaes são em barda por toda a igreja e sacristia.

Estas formas de ossos foram achadas, haverá 15 annos, por um suiso, Carlos Nicolao Jacquier, alferes reformado do 2.º batalhão belga no cerco do Porto, um valente condecorado por D. Pedro com a *Torre-Espada* no celebrado dia 29 de Setembro de 1832.

Vinha muito a Evora, e embrenhando-se um dia nos forros do convento, de lá voltou com algumas d'aquellas formas.

Traziam no de olho. . . pag. 45

O assumpto da scena do estudante com o padre terceiro em Valhom ouvi eu, ha muitos annos, em Coimbra, attribuido á infancia e

origem de José Monteiro da Rocha. Não se refere, porém em suas biographias, d'onde o poder aproveitar-se, como aqui, para ter outra applicação. Verdadeiro, ou creado por alguém é um dialogo subtil e engraçado, cuja leitura deve agradar a todos.

---

Em Evora vi um menino . . . pag. 54

Alem do milagre da creança que fallava o latim, como diz Resende, ha mais assombro na historia d'Evora.

Deixando Sertorios e corças, é de lembrar aquella menina de oito mezes de idade, filha de Estevam Annes, que na acclamação do Mestre de Aviz desentaramelou a lingua no berço, nada menos dizendo do que: *Real, Real por D. João, o Mestre, Rei de Portugal!*

V. *Evora gloriosa, hist. de João I.*

O proprio Camões não repelliu o milagre; talvez crê-se no facto aquelle espirito elevado! Vejamos:

Quando em Evora a voz de uma menina  
Ante tempo fallando, o nomeou;  
E como cousa, emfim, que o céu destina  
No berço o corpo, e a voz alevantou:  
Portugal, Portugal, alçando a mão,  
Disse, pelo rei novo, Dom João.

*Luziadas, c. IV est. III.*

Não é menos de lembrar aquella gallinha, de que falla o Ace-nheiro, quasi no fim das chronicas, que gerou um ouriço cacheiro dentro de um ovo, de tal voracidade que chupou o *pinhão* que d'elle devia sair!

*Inedit. da Academ. l. V. pag. 336.*

Fernão Gonçalves Ataqueiro se chamou o homem que deitou a gallinha com treze ovos para o decimo terceiro ser o do prodigio; e porque não reste duvida alguma, até morava o Ataqueiro no Outeiro de Villa Nova, sitio hoje desconhecido na cidade, e foi visto e admirado da Camara de então e do bispo D. Affonso!

Duvidem lá do caso.

---

Era fantasma de apavorar . . . pag. 80

Não é tambem imaginario o trajar de Frei Felix do Espirito Santo nas excursões nocturnas; mas, aproveitamento do de um frade cruzio de Santa Cruz de Coimbra no seculo passado, que assim disfarçado em alma do outro mundo saía do convento pela cerca

junto a quinta da Rainha, (a) e vinha caminho de Cellas até a Santa Anna, onde desaparecia detrás de um renque de casas, proximas ao convento, onde muito tempo viveu o Doutor Jacintho Antonio de Sousa, quando em sua casa estudaram o Marquez de Sousa Holstein, fallecido, e seus irmãos. Alguma alma d'este mundo vinha ali visitar a do outro.

---

'Naquelle sitio tinha um duque de Bragança mandado assassinar a Francisco de Moraes. pag. 81.

Ouçamos ao mestre :

«Francisco de Moraes Cabral... desastradamente deixou vogar copias do seu *Colloquio* por mãos de invejosos abjectos, que as mostrariam ao duque D. Theodosio — um *Pereira*, o melhor Pereira das Hespanhas, de cujo parentesco «se despresavam» alguns, no dizer do biltre, antigo moço da camara de seu pai, o Infante D. Duarte!

«E depois, uma noite, á porta do Rocio de Evora é encontrado o velho por terra, sem falla, hirto, morto para alli, com quatro pontapés dos lacaios do duque.»

Sr. Camillo, *Narcoticos*, t. 1.<sup>o</sup>, pag. 72.

---

### Anda cá... pag. 81

A descripção que o leitor viu 'neste livro do primeiro ensaio de magnetismo animal em Anna de Jesus, não é phantastico. Assim foi que no anno de 1859 o auctor assistiu á magnetisação do fallecido Dr. Antonio de Oliveira Silva Gaio, no *Hotel Mondego*, em Coimbra, quando este pediu ardentemente a Hermann o magnetisasse. Uma sociedade escolhida presenceou o facto, dos quaes muitos devem ser vivos ainda para o poderem certificar. A reminiscencia apresenta-me 'neste momento alguns nomes: Dr. José Doria, o que, a convite de Hermann, tomara o pulso ao magnetisado Dr. Gaio, (ambos no tumulo); o Visconde de Taveiro, de então, (não sei se vivo); os dois filhos mais velhos do Visconde da Borralha, (um, actual visconde do mesmo titulo, penso eu; o outro, supponho ser um poeta estimado, Fernando Caldeira, que lá em Coimbra não passou por poeta, não se poude inspirar na *Fonte dos Amores*, e *Lapa dos Esteiros*, e sineiraes do Mondego, mas sim na contemplação grandiosa da bacia do Tejo, depois de bacharel). Não lembro mais; mas estavam muitos estudantes de annos adiantados e pessoas da cidade, que, se lerem isto, lhe affirmarão a authenticidade.

---

(a) Onde muitos annos viveu o sr. Doutor Augusto Filippe Simões, sempre de saudoso recordar.

Tendes razão... pag. 103

As scenas de magnetismo e de hypnotismo nos hystericos, como o leitor instruido conhece, não são productos de imaginação romantica. Diversos livros tratam o assumpto em grande, e com excellente critica e saber.

Podera citar muitos aqui; mas fique apenas um dos mais modernos: *Les hystériques*, do Dr. Legrand du Saulle.

E 'neste livro que se lê um trecho summariado no texto:

«Bien de Saintes et de Bienhereuses n'étaient autre chose, que de simples hystériques! Qu'on relise les détails de la vie d'Elisabeth, de Hongrie, en 1207; de Sainte Gertrude, de Sainte Brigitte, de Sainte Catherine de Sienne, en 1347; de Jeanne d'Arc, de Sainte Therèse, de Madame de Chantal, en 1752; de la célèbre Marie Alacoque, et de tant de autres: on se convaincra aisement de cette vérité.»

Como se diz no texto, o hypnotismo vem de longe. Kircher imprimiu em Roma, em 1646, esta obra: *Experimentum mirabile de imaginatione galinæ in Ars magna lucis et umbra*.

---

A ceita religiosa dos Sigillistas... pag. 171

No texto ficou tocada a ceita dos Sigillistas, e ali se deu uma idéa, ainda que imperfeita, do que fora o fim que tinha. Enumerar os escriptos *pro e contra*, seria fastidioso pela extensão que medira a lista.

O *Entretenimento politico, historico e peripathetico*, etc., impresso em Roma, em 1746, é dos mais interessantes escriptos sobre o caso, e muito curioso o que tem por titulo: *Sigillistas confundidos em quatorze sonetos*, 'neste estylo:

Com pretexto de dar emenda á vida  
Da Rainha, obrigava o Rey potente  
A João, lhe dissesse fielmente  
A culpa confessada e remittida.

Isso não, João diz, que me intimida  
A fé pura, a quem sou tão reverente:  
Mata, sim, tyrannisa impiamente,  
Que não temo essa morte promittida.

Se pretendes á culpa dar emenda,  
Porque a cair não torne, mal mais forte  
He que faz quem teus olhos cega e venda.

E se não, qual he mais? Que 'desta sorte  
Se mais peccar quizer, mais se arrependa,  
Ou que peque, e callando venha a morte?

Parece ter sido esta ceita a que um actual prelado tentou chamar á vida do presente em pastoral, ou pastoraes, que tão verberadas foram da imprensa, e que outros ensaiaram, muito ao de leve, resuscitar em suas dioceses, ou por espirito de imitação, ou de camaradagem e identidade de idéas, em circulares congeneres.

Creio não terem os echos repercutido o som dos golpes. Poderão vir melhores tempos, e *quem porfia mala caça*.

Disse no principio 'desta nota que seria longa a relação das publicações sobre a seita dos Sigillistas, e é verdade; mas aqui ficará para os estudiosos do assumpto uma excellente indicação, que podem consultar:

«Collecção universal das bullas, editaes, pastoraes, cartas, dissertações, apologias... para noticia do insolito e pernicioso erro da fracção do Sigillo Sacramental. — Madrid, 1746, 3 vol. 8.º»

Existe na bibliotheca de Evora esta obra.

---

«... torre da muralha fernandina... junto á porta  
d'Alconchel... pag. 174

A ser exacto o que diz um de nossos chronistas, 'naquella torre estiveram presos dois frades dos que provocaram a matança dos Judeus em Lisboa, em 1506.

Esta é a passagem:

«... foram aggressores principaes capitaes Frei João Moucho, natural da cidade de Evora, e Frei Bernaldo Aragonees, ambos da Ordem de Sam Domingos; e foram presos em Lisboa e trazidos a Evora Cidade, omde o mês de Julho o Bacharel em sacra theologia, Frei Alvaro, Provincial da Ordem de Sam Dominguos, e Frades della veio á torre d'Alconchel, omde os Frades estão pressos, e lhes fêz perguntas segundo comvinha, e os privou dos abitos, deixando-os cleriguos em mãos da Justissa Ecclesiastica: e loguo ao outro dia Dom Pedro, Bispo de Marocos, e Conego d'Evora, na prassa della em hũ Cadafalço amte Nossa Senhora, os privou pellos ditos crimes de suas ordens, e os remeteo ás mãos da Justissa secular... e foram levados com perversos pergões, e fora da porta de machede em hũ feragial queimados...»

Acenheiro, *Inedil. da Acad.* t. 5.

---

Matei... pag. 177

Junto a um cypreste dissera Frei Felix ter enterrado o cadaver de João Branco. Foi uma necessidade conventual, fradesca.

Fôra o systema seguido 'noutras partes. Quando em Coimbra se construía o Mercado na Horta de Santa Cruz. houve a necessidade de lhe fazer uma communicação com o bairro alto da cidade. Ao

cavar-se junto de um cypreste, para abertura da communicação, do escadorio que lá está, appareceu o cadaver, ou antes, a ossada de uma mulher, que allí deveria ter sido sepultada haveria 30, ou 40 annos, conforme a opinião do popular medico José Doria, hoje fallecido, que viu e observou os ossos.

Caia, pois, o anno da morte 'daquella mulher no reinado dos cruzios.

Murada fóra a Horta de Santa Cruz, e por muros altos; portanto, não é crível que alguém de fóra os escalasse com um cadaver às costas, para ir esconder um crime na cêrca de Santa Cruz. Mais verosimil é o suppôr que a terrível necessidade lhe dêsse morte e sepultura lá dentro. Quando, porém, esta conjectura não sirva, qualquer outra a póde substituir, sem prejuizo de ninguém.

---

Anna, Beata Anna... pag. 197

O caso do leigo quebrado é veridico. Por coincidencia notavel, ao concluir este livro, me offereceu de Setubal o sr. Dr. Domingos Garcia Perez, conhecido e sabedor litterato de duas litteraturas, a nossa e a hespanhola, uma *Relação do facto acontecido em a cidade de Evora nos dias 29 e 30 de setembro de 1792.*

Vem 'nesta *Relação* o seguinte:

«Entre todos os successos e milagres da Beata, o mais raro he o acontecido com hu Religioso leigo dos mesmos Carmelitas descalços, que, a impulsos de tanta fama de virtude, concorreo logo a vêr se a Beata lhe sarava a molestia que tinha, por ser quebrado de ambas as verilhas; chegou junto a ella, e, como poude, pegou da mão da Beata, e, com muita fé e ancía, entrou a esfregar a quebradura por ambos os lados, e, com palavras submissas, lhe pedia curasse aquella enfermidade, e ella, que não ignorava o que fazia, continuou sem repugnancia; mas nada obrou de milagre; e o pobre leigo, agora que a vê viva, envergonha-se a todos os modos, quando se recorda que lhe meteo a quebradura na mão: fortes desordens, a que deu causa o Padre Director!»

Notavel foi a coincidencia, em verdade; porque, tendo eu travado relações com Sua Ex.<sup>a</sup>, na Bibliotheca 'desta cidade, por occasião da visita áquella casa da familia real, em 20 de Maio, e, não lhe havendo dito que trabalhava 'neste livro, me offerece a *Relação* exactamente no ponto de poder tomar 'della alguns episodios.

Aqui deixo ficar um agradecimento a este mestre, porque o é, em duas litteraturas, repito. O seu *Diccionario de Portuguezes que escreveram em Castelhana*, nos prélos da Academia, em Madrid, é bastante a confirmar minha affirmativa, lamentando tel-o visto muito pela rama, por escacez de tempo.

De mais de meia idade... pag. 209

Houve no Terreiro da Herva, em Coimbra (e não sei se ainda existe) um botequim ordinario, pertencente a duas irmãs, já fallecidas: Joaquina e Maria Benedicta. Contou-mé um dia aquella segunda mulher que por onze horas da manhã do dia 24 de Junho de 1828 vira ella passar no largo quatro Carmelitas, vindos do lado do convento, na rua da Sophia, vestidos á paisana, cartucheira á cinta, espingarda ao hombro, marcha acelerada para a Cruz dos Mourouços. Observei que talvez não fossem frades, e que não iriam para lá. Affirmou que o eram e que para lá foram, não só porque os conhecia, senão por que elles li'o disseram.

Tal é o fundamento para Frei Felix do Espirito Santo ser um dos quatro liberaes carmelitas, que expozeram suas vidas em favor da causa de D. Maria II, a da liberdade d'este paiz.

# INDICE

	Pag.
Dedicatoria .....	7
A quem houver de ler este livro .....	9
I Conversões do Machoca .....	11
II Ad majorem Dei gloriam .....	17
III Na Travessa do Pão Bolorento .....	27
IV Um frade que faz ossos .....	35
V Argucias de um rapazinho .....	43
VI Varia .....	51
VII Dois amantes religiosos .....	61
VIII Mesmerismo e Quietismo .....	71
IX Ensaio de magnetismo .....	79
X Lucta de gigantes .....	91
XI Dois pharmacópolas .....	101
XII Latet anguis .....	111
XIII Cousas e lousas .....	121
XIV Magnetismo e Hypnotismo .....	131
XV Os frades e a Beata .....	141
XVI No paço e no picadeiro .....	153
XVII Pae e filho frades .....	161
XVIII Sigillistas .....	171
XIX Ensaio geral .....	181
XX Representação da comedia .....	193
XXI Batalha da Cruz dos Morouços .....	205
XXII O Mutilado .....	212



## ERRATAS

---

Haverá livros impressos sem erros de caixa, ou de outra natureza ? Não ha.

Apesar d'este haver sido revisto em segunda instancia por um amigo pratico, muito sabedor e de grande paciencia trabalhadora não se lhe poude evitar o peccado original das impressões. Demonstra-o a nota seguinte dos mais grados :

PAG.	LINHA	ERRO	EMENDA
22	19	Tbimtheo	Timotheo
40	22	cosinhada	cosinhada a
53	10	dá em	de lhe
63	17	isso seria	isso sei
69	27	christãos	christãos
108	25	conveniencia	convencia
111	2	menormente	maiormente
204	12	quinta da	quintada
222	27	medido	medio

Ha de ser sempre grande verdade o que disse D Francisco Manoel de Mello na carta 22 da 5.<sup>a</sup> Centuria : *A muito se aventura quem escreve de pressa o que se ha de ler de vagar.*











N  
R